

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

O PAPEL DA AUTENTICIDADE NA VINCULAÇÃO E NA PRESTAÇÃO
DE CUIDADOS NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS ADULTAS

TÂNIA LUÍS DA COSTA GOUVEIA

2016

Tese apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Doutor em Psicologia, sob
orientação da Professora Doutora Maria Emília Costa e coorientação do Professor
Doutor Mark Schulz.



UNIVERSITY OF PORTO

FACULTY OF PSYCHOLOGY AND EDUCATION SCIENCES

THE ROLE OF AUTHENTICITY ON ATTACHMENT AND CAREGIVING
IN ADULT ROMANTIC RELATIONSHIPS

TÂNIA LUÍS DA COSTA GOUVEIA

2016

Dissertation submitted to the Faculty of Psychology and Education Sciences of
University of Porto, supervised by Professor Maria Emília Costa, PhD and co-
supervised by Professor Mark Schulz, PhD

Trabalho financiado por bolsa individual de doutoramento (referência:
SFRH/BD/69949/2010) concedida pela FCT:
Fundação para a Ciência e Tecnologia
Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

RESUMO

A *autenticidade nas relações* românticas é um constructo pouco estudado. No entanto, a investigação existente demonstra os seus benefícios ao nível dos relacionamentos dos indivíduos e do seu bem-estar psicológico, enfatizando-se a necessidade de mais estudos empíricos acerca deste constructo. A presente tese procura colmatar esta falha. De uma forma geral, procuramos entender a *vinculação às figuras parentais* como o contexto no qual a *autenticidade* começa a desenvolver-se, tendo, posteriormente, um possível um papel fulcral em constructos fundamentais nas relações românticas adultas: a *vinculação* e a *prestação de cuidados*. Testamos a existência de preditores, mediadores, moderadores e efeitos diádicos nestas relações, utilizando modelos equações de estruturais e modelos de interdependência ator-parceiro. Adicionalmente, traduzimos e adaptamos uma escala de *autenticidade* para a população portuguesa e realizamos uma análise fatorial confirmatória. Os participantes deste projeto incluíram pessoas casadas ou que viviam juntas pelo menos há um ano. O tamanho das amostras varia entre 205 a 400 participantes. Os resultados da análise fatorial confirmatória da versão portuguesa da *Authenticity in relationships scale* (Lopez & Rice, 2006) demonstraram a presença dos dois fatores originais. As correlações encontradas na amostra portuguesa são similares às encontradas em investigações prévias com amostras americanas, sugerindo uma consistência intercultural no que respeita à natureza da *autenticidade*. Outros resultados indicam que a *autenticidade nas relações* dos indivíduos está positivamente ligada com a *vinculação amorosa* segura e com a responsividade na *prestação de cuidados* ao parceiro. De forma a compreender melhor estas conexões no seio das relações de casal, estes efeitos foram também testados através de uma abordagem diádica. Maioritariamente os resultados demonstram efeitos de ator para homens e mulheres. Contudo, os efeitos do parceiro foram apenas encontrados na *autenticidade* das mulheres com ligações negativas com a *vinculação amorosa* insegura e efeitos positivos no que diz respeito na *prestação de cuidados responsiva* dos homens. Enquanto examinamos o papel mediador da *autenticidade nas relações* entre a *vinculação às figuras parentais* e a *vinculação amorosa* adulta, exploramos a possibilidade da *vinculação* à mãe e ao pai terem conexões específica, consoante o género dos filhos adultos. Os resultados mostram que para participantes do género masculino e feminino, a *vinculação* à mãe e ao pai se relaciona com as atuais relações de *vinculação* românticas, mediada pela *autenticidade nas relações*. Finalmente, discutimos as principais contribuições do nosso trabalho ao nível da investigação e prática clínica, bem como limitações e sugestões para a investigação futura.

ABSTRACT

Authenticity in relationships is understudied construct; however, the existing studies illustrate its benefits for individuals' relational and psychological well-being and claim for further empirical work on this construct. The present thesis aims to address this gap. Generally, we aim to understand *attachment to parents* as the context where *authenticity* starts to develop with later effects on adulthood relational contexts; and how *authenticity* might have a vital role in fundamental constructs in the adult romantic relationship: attachment and caregiving. We tested the existence for predicting, mediating, moderating and dyadic effects within these relationships, using structural equation modeling and actor-partner interdependence model techniques. We translated and adapted an *authenticity* scale to Portuguese and performed a confirmatory factor analysis. Participants addressed in this project included individuals married or living together for at least one year. Our samples sizes varied from 205 to 400 participants. Our results for the confirmatory factor analysis of the Portuguese version of the *Authenticity in relationships scale* (Lopez & Rice, 2006), established the presence of the original underlying factors. The correlates found in the Portuguese sample are similar to those found in previous research with American samples suggesting cross-cultural consistency in the nature of *authenticity*. Further findings indicate that individuals *authenticity in relationships* is positively linked in to *romantic attachment* security and *responsive caregiving* to partner. For additional understanding about these connections inside the couple relationship, these effects were also tested within a dyadic approach. Results mostly show actor effects for men and women. However, partner effects appeared only for women's *authenticity* with negative effects on men's insecure attachment *romantic attachment* and positive effects on *responsive caregiving*. While examining the mediating role of *authenticity* in relationships between *attachment to parents* and *romantic attachment*, we aimed to explore if mother and father attachment have specific connections to later romantic relationships, considering the offspring gender. Our results show that for male and female participants' *attachment to mother and father* was linked to current adult *romantic attachment*, mediated by *authenticity in relationships*. We discuss the main contributions of our work for research and clinical practice. Additionally, we approach limitations and directions for future research.

RÉSUMÉ

L'authenticité dans les relations romantiques est un concept peu étudié. Par contre, les études qui existent déjà ont montré ses avantages au niveau des relations des individus et de leur bien-être psychologique, soulignant la nécessité d'études plus empiriques sur ce concept. Cette étude vise à combler cette lacune. En général, nous essayons de comprendre l'attachement aux figures parentales comme le contexte dans lequel l'authenticité commence à se développer, ayant, plus tard, des effets dans les contextes relationnels des adultes; et comme l'authenticité peut avoir un rôle crucial dans les concepts fondamentaux dans les relations amoureuses adultes: liaison et dans les soins. Nous avons testé l'existence des prédicteurs, médiateurs, modérateurs et des effets dyadiques dans ces relations, utilisant des modèles d'équations structurelles et des modèles d'interdépendance acteur partenaire. En plus, nous avons traduit et nous avons adapté une échelle d'authenticité pour la population portugaise et nous avons achevé une analyse factorielle confirmatoire. Les participants de ce projet ont inclus des personnes mariées ou vivant ensemble depuis au moins un an. La taille des échantillons est comprise entre 205-400 participants. Les résultats de l'analyse factorielle confirmatoire de la version portugaise de la Authenticity in Relationships Scale (Lopez & Rice, 2006) ont démontré la présence des deux facteurs originaux. Les corrélations trouvées dans l'échantillon portugais sont similaires à ceux trouvés dans les enquêtes précédentes avec des exemples américains, ce qui suggère une cohérence interculturelle en ce qui concerne la nature de l'authenticité. D'autres résultats indiquent que l'authenticité dans les relations des individus est positivement liée à ce lien amoureux qui relie le style d'assurance et de réactivité dans la prestation de soins au partenaire. Afin de mieux comprendre ces connexions dans les relations du couple, ces effets ont été également testés en utilisant une approche dyadique. La majorité des résultats démontrent les effets de l'acteur pour des hommes et des femmes. Par contre, les effets du partenaire ne se trouvaient que dans l'authenticité des femmes ayant des effets négatifs sur l'attachement amoureux précaire et des effets positifs en ce qui concerne la prestation de soins sensible des hommes. Pendant que nous examinons le rôle médiateur de l'authenticité dans les relations entre l'attachement aux figures parentales et l'attachement amoureux adulte, nous explorons la possibilité de relier la mère et le père ayant des liens spécifiques, en fonction du sexe des fils adultes. Les résultats montrent que pour les hommes et les femmes, l'attachement à la mère et au père est lié aux relations d'attachement actuelles, médiés par l'authenticité dans les relations. Nous discutons les principales contributions de notre travail en matière de recherche et de pratique clinique. Nous abordons aussi des limitations et des orientations pour la recherche future.

MUITO OBRIGADA ...

Aos meus orientadores oficiais:
Professora Doutora Maria Emília Costa e Professor Doutor Marc Schulz

À minha coorientadora oficiosa:
Professora Doutora Paula Mena Matos

À Professora Doutora Cidália Duarte, pela sua disponibilidade.

Aos meus colegas de trabalho, com quem partilhei os meus altos e baixos, e que
estão logo aqui “à mão” nos gabinetes 240 e 275.

Às minhas colegas de jornada Ana e Joana.

Aos meus amigos sem os quais a minha vida não seria a mesma coisa,
nomeadamente àqueles que contribuíram diretamente para a execução deste
trabalho: Mariana, Maria Pedro, Mike, Lara, Ailish, Lisa e Sérgio.

À minha família sempre, por tudo.
Especialmente aos meus pais, aos meus tios, à minha avó e aos meus primos
irmãos Mariana, João, Sofia, Dan e Matt.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	25
PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E REVISÃO DA LITERATURA	31
A teoria da vinculação	33
1. A vinculação como base das relações humanas	33
2. Vinculação ao pai e à mãe	36
3. Sistema de vinculação na idade adulta	39
3.1. Vinculação ao parceiro romântico	41
O sistema de prestação de cuidados	47
1. Desenvolvimento do sistema de prestação de cuidados	47
2. Sistema de prestação de cuidados na relação romântica adulta	49
Autenticidade	55
1. As raízes do conceito de Autenticidade	55
2. Desenvolvimento individual do conceito psicológico de autenticidade....	56
3. Autenticidade nas relações românticas	59
4. Investigação empírica acerca da autenticidade	63
4.1. Investigação empírica da autenticidade nas relações românticas	74
4.2. Autenticidade e vinculação na relação romântica	77
Metodologia	81
1. Objetivos.....	81
2. Participantes e procedimento	85
3. Instrumentos de medida	
PARTE II: ESTUDOS EMPÍRICOS	91
Study 1:	
<i>Authenticity in relationships: Predicting caregiving and attachment in adult romantic relationships</i>	93
Abstract	95
Introduction	97

Adult romantic attachment system	98
Adult romantic caregiving system	99
Goals of the study	100
Method	100
Participants and procedure	100
Measures	101
Data analysis	103
Results	103
Factor Structure of the AIRS-P	103
Testing authenticity as a predictor of romantic attachment and caregiving	106
Discussion	109
References	113

Study 2:

<i>The mediator role of authenticity between attachment to parents and romantic attachment: Parents and offspring gender differences</i>	119
--	-----

Abstract	121
Introduction	123
Authenticity in relationships	123
Attachment to mother and father	125
Attachment in romantic relationships	127
Goals of the present study	128
Method	129
Participants and procedure	129
Measurement of constructs	129
Data analysis	131
Results	132
Preliminary results	132
Gender differences on attachment and authenticity	136
The structural equation model	138
Discussion	144

Clinical implications	151
Study 3:	
A dyadic perspective on authenticity in relationships and romantic partner attachment and caregiving	155
Abstract	157
Introduction.....	159
Authenticity in relationships	159
Dyadic studies focusing on authenticity in relationships	160
Attachment in romantic relationships	162
Caregiving to romantic partner	162
Present study.....	163
Method	163
Participants	163
Measures	164
Results	165
Preliminary results.....	166
Data analysis	169
Discussion	171
Limitations and suggestions for further research	173
Clinical implications	174
 PARTE III: DISCUSSÃO FINAL	 177
Conclusão: discussão dos resultados principais	179
1. Existência de uma medida de autenticidade nas relações românticas para a população portuguesa	179
2. A relevância da vinculação ao pai e à mãe na autenticidade nas relações adultas	180
2.1. A Importância da vinculação ao pai e à mãe na vinculação romântica através do papel mediador da autenticidade	181

3. Uma abordagem mais abrangente da ligação da autenticidade com a vinculação nas relações amorosas	184
4. A importância da autenticidade nas relações para a prestação de cuidados responsiva na idade adulta	186
5. Importância da abordagem diádica no estudo variáveis relacionais...	189
6. Diferenças entre homens e mulheres	189
Limitações e sugestões para a futura investigação	190
Implicações práticas	194
BIBLIOGRAFIA	199
ANEXOS	217
Anexo I: Questionário demográfico.....	221
Anexo II: Versão Portuguesa da <i>Authenticity in Relationships Scale</i>	223
Anexo III: Questionário de <i>Vinculação Amorosa</i> – versão breve	227
Anexo IV: Questionário de <i>Vinculação</i> ao Pai e à Mãe	231
Anexo V: Versão Portuguesa do <i>Caregiving Questionnaire</i>	237

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Visão geral dos estudos empíricos acerca da autenticidade	66
Tabela 2. Número total de participantes incluídos em cada um dos estudos	86
Table 3. Means, standard deviations and Pearson's correlations between main key variables	105
Table 4. Cronbach's alpha, means, standard deviations and model fit for confirmatory analysis of the AIRS-P, RAQ and FMAQ subscales for women	131
Table 5. Cronbach's alpha, means, standard deviations and model fit for confirmatory analysis of the AIRS-P, RAQ and FMAQ subscales for men	132
Table 6: Correlations between attachment to parents, authenticity and attachment to the romantic partner for women and men	135
Table 7. Means, standard errors for authenticity and attachment dimensions for the Mancova, post-hoc comparisons between women and men and variability explained by gender	137
Table 8. Total indirect effects of attachment to mother and father on romantic attachment for women through authenticity in relationships	140
Table 9. Total indirect effects of attachment to mother and father on romantic attachment for men through authenticity in relationships	143
Table 10. Cronbach's alphas, means, standard deviations and model fit for confirmatory analysis of the AIRS-P, RAQ and CGQ subscales women	166
Table 11. Cronbach's alphas, means, standard deviations and model fit for confirmatory analysis of the AIRS-P, RAQ and CGQ subscales for men	167
Table 12. Pearson's correlations among authenticity, responsive caregiving and romantic attachment dimensions for both couple members	168

ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Diagrama do espaço bidimensional definido pelos eixos da ansiedade e evitamento da <i>vinculação</i> , e pelos modelos internos dinâmicos de si e do outro resultando nos quatro padrões de <i>vinculação</i> no adulto (Bartholomew,1990, adaptado de Mikulincer & Shaver, 2007)	45
<i>Figura 2.</i> Esquema do modelo de equações a ser testado no Estudo 1	82
<i>Figura 3.</i> Esquema do modelo de equações estruturais a ser testado separadamente para homens e para mulheres no Estudo 2.	83
<i>Figura 4.</i> Esquema do modelo de interdependência ator-parceiro a ser testado no Estudo 3	84
<i>Figure 5.</i> Confirmatory factor analysis of the Portuguese version of the <i>Authenticity in Relationships Scale</i>	105
<i>Figure 6.</i> Structural equation model testing <i>unacceptability of deception</i> (UOD) and <i>intimate risk taking</i> (IRT) as predictors of romantic attachment and caregiving dimensions	108
<i>Figure 7.</i> Structural equation model testing the mediator role of authenticity between attachment to mother and father and attachment to romantic partner for women.....	166
<i>Figure 8.</i> Structural equation model testing the mediator role of authenticity between attachment to mother and father and attachment to romantic partner for men	167
<i>Figure 9.</i> Trimmed actor-partner interdependence model testing authenticity dimensions as predictors of caregiving and romantic attachment dimensions	170

“IF”

E.E. CUMMINGS

If freckles were lovely, and day was night
and measles were nice and a lie warn't a lie
 life would be delight
 but things couldn't go right
 for in such a sad plight
 I wouldn't be I

If earth was heaven and now was hence
and past was present and false was true
 there might be some sense
 but I'd be in suspense
 for on such a pretense
 you wouldn't be you.

If fear was plucky, and globes were square
and dirt was cleanly and tears were glee
 things would seem fair
 yet they'd all despair
 for if here was there
 we wouldn't be we.

INTRODUÇÃO

Em todas as idades o ser humano tem uma maior probabilidade de prosperar quanto tem alguém significativo nas suas vidas que seja responsivo às suas necessidades e que invista, genuinamente, no seu bem-estar (Collins & Ford, 2010). Na idade adulta esta figura significativa é, normativamente, o parceiro romântico, caso este exista. Embora outras figuras significativas possam também assumir este papel indispensável, a investigação tem demonstrado que as relações de casal parecem proporcionar um maior bem-estar psicológico, melhorar a saúde física e conduzir a um aumento na esperança de vida dos indivíduos (Berge, MacLehose, Eisenberg, Laska, & Neumark-Sztaine, 2012; Demir 2008; Helliwell, Layard, & Sachs, 2012). Torna-se, conseqüentemente, imperativo o enriquecimento teórico e da investigação relativa a constructos que alicerçam e propiciam um funcionamento relacional positivo e o bem-estar psicológico nas relações românticas. É neste contexto que se desenvolvem os estudos incluídos na presente tese.

O presente trabalho pretende estudar a *autenticidade nas relações românticas* (Lopez & Rice, 2006), enquadrada teoricamente na teoria da *vinculação* (Bowlby, 1969/1982). Atendendo a que a *autenticidade nas relações românticas* tem sido parcamente estudada (Wickham, Reed & Williamson, 2015), esperamos contribuir para o desenvolvimento da literatura empírica e possíveis aplicações práticas baseadas neste constructo. De uma forma geral, este trabalho tem como objetivo explorar a forma como a *autenticidade* se desenvolve nas relações de *vinculação* com as figuras parentais e como, mais tarde, se integra e interage com outras variáveis como a *vinculação* e a *prestação de cuidados* na relação romântica em participantes adultos. Vários clínicos e teóricos na área da Psicologia consideram que uma expressão individual autêntica constitui um dos traços chave para um funcionamento individual e relacional saudável, justificando a pertinência do seu estudo. Vários trabalhos empíricos suportam a ligação entre a *autenticidade* e um sentimento global e individual de maior satisfação com a vida (Wood et al., 2008), estados de humor positivos (Goldman & Kernis, 2002), maior autoestima (Lopez & Rice, 2006) e otimismo (Harter, et al., 1997). Lopez e Rice (2006) sugerem que a expressão de um *self* autêntico terá uma maior probabilidade de ocorrer no contexto das relações românticas adultas, tornando-se, conseqüentemente, este o contexto por excelência para o seu estudo.

Na base de todas as relações humanas de proximidade está o *sistema comportamental de vinculação*, interconectado de forma dinâmica e recíproca com

o sistema de prestação de cuidados (Collins & Ford, 2010). Assim, a *sensitividade*¹ e responsividade das figuras cuidadoras promovem o desenvolvimento de padrões de *vinculação* seguros pela internalização de modelos internos dinâmicos positivos do *self* e dos outros. Atendendo a estas representações os adultos com padrões seguros estão confortáveis com experiências de proximidade e separação inerentes às relações de intimidade (Costa, 2005). Os modelos internos dinâmicos parecem exercer uma influência contínua nos padrões de experiência avaliativa e nos comportamentos relacionados com a *vinculação*, fornecendo uma base referencial que dirige a atenção e a memória, permitindo ou limitando o acesso a determinados conteúdos relativos ao *self*, aos outros e às relações (Main, Kaplan & Cassidy, 1985). Por consequência, parece plausível considerar-se que os mesmos modelos internos dinâmicos do *self*, responsáveis pelas diferenças dos estilos de *vinculação*, podem similarmente estar subjacentes às diferenças observadas na *autenticidade nas relações* românticas. Se o indivíduo se sente seguro acerca valor intrínseco do seu *self* nas relações com os outros, poderá ter uma tendência a comportar-se mais autenticamente, provavelmente devido à expectativa de que os outros irão responder de forma positiva, comparativamente com um indivíduo que considera que o seu *self* não é valorizado. Adicionalmente, o desenvolvimento da consciência da própria *autenticidade* parece ser facilitado quando na infância os pais foram aceitantes e responsivos às necessidades da criança (Kernis, 2003), paralelamente ao que acontece com a construção de uma *vinculação* segura.

Se na infância o ser humano começa a construir estes afetos na relação com as figuras parentais - figuras cuidadoras sensíveis e responsivas - na idade adulta os laços emocionais envolvem, não só o sistema de *vinculação*, mas também o sistema de *prestação de cuidados*. Como consequência nas relações românticas adultas o indivíduo ocupa não só o papel de recetor de cuidados, mas também a função de cuidador, sendo esperado que propicie proximidade, cuidado e apoio sendo sensível às necessidades do parceiro (Hazan & Shaver, 1987). A investigação sugere que uma *prestação de cuidados responsiva* é indispensável a uma relação estável, e que por sua vez se relaciona com uma *vinculação* segura (Collins & Feeney, 2000; Mikulincer & Shaver, 2007). Mas apesar da sua importância o sistema de *prestação de cuidados* tem recebido pouca atenção nos

¹ *Sensitivity*

estudos empíricos, mais focalizados no sistema de *vinculação* (Collins & Ford, 2013).

A investigação acerca da *vinculação* tem sido consensual ao sugerir que as relações românticas adultas são aquelas que refletem mais exatamente as dinâmicas de *vinculação* estabelecidas durante a infância (e.g., Lopez & Rice, 2006). Embora o papel da *vinculação aos pais* como origem dos padrões de *vinculação romântica* tenha sido anteriormente assumido, verifica-se que apenas um número reduzido de estudos empíricos explora a forma como os pais influenciam características da *vinculação romântica* dos seus filhos (Dinero, Conger, Shaver, Widaman & Larsen-Rife, 2011, Mikulincer & Shaver, 2012), principalmente no que se refere a fases posteriores ao início da idade adulta (Chopik, Edelstein & Fraley, 2013). Efetivamente, grande parte da investigação acerca da *vinculação* em adultos, conta maioritariamente com participantes jovens adultos, sendo mais limitado o conhecimento acerca destes processos mais tarde na vida (Magai, 2008). Como já referimos, a *autenticidade nas relações românticas* e o *sistema de prestação de cuidados* têm sido constructos parcamente estudados. Mesmo no que se refere à *vinculação* quer aos pais quer ao parceiro romântico, parece existir um reduzido número de estudos que tenham abordado estes conceitos, mais tardiamente, na idade adulta. Adicionalmente, que tenhamos conhecimento, não existem estudos empíricos que estudem a ligação entre a *autenticidade* e a *prestação de cuidados*. Pretendemos deste modo contribuir, ainda que tenhamos consciência que de forma limitada, para colmatar estas lacunas na investigação empírica. Adicionalmente procuramos na *autenticidade nas relações* românticas uma variável passível de ser abordada em contexto clínico. Tencionamos ainda, com o presente trabalho, propor possíveis implicações práticas para o contexto clínico interventivo e proporcionar sugestões para nova investigação.

A presente tese encontra-se dividida em três partes. A primeira parte corresponde ao racional teórico-conceitual baseado na teoria da *vinculação*, no qual enquadrámos o sistema de *prestação de cuidados*. Adicionalmente, será explanado o desenvolvimento do conceito de *autenticidade*, a sua transformação de um constructo predominantemente filosófico para uma variável psicológica e de um constructo delimitado no indivíduo para um constructo decorrente da relação com o outro significativo. Deste modo, surge a *autenticidade nas relações românticas*, conforme definida por Lopez e Rice (2006), que constitui o constructo

central deste trabalho. Nesta primeira parte iremos ainda incluir a metodologia subjacente aos estudos apresentados nesta tese.

A segunda parte deste trabalho inclui os três estudos empíricos efetuados. O primeiro estudo pretende apresentar o processo de tradução e adaptação para a população Portuguesa do instrumento de medida da *autenticidade* utilizado nos três estudos a AIRS: *Authenticity in Relationships Scale* (Lopez & Rice, 2006) Tem, adicionalmente, como objetivo testar o papel preditor da *autenticidade* na *vinculação* e na *prestação de cuidados responsiva* nas relações românticas de participantes adultos.

O segundo estudo tem como objetivo principal evidenciar a importância da relação de *vinculação* com o pai e com a mãe durante a adolescência, como base da *autenticidade nas relações* e, adicionalmente, perceber o papel destes processos na *vinculação ao parceiro romântico* na idade adulta. Com intuito de explorar eventuais diferenças de género, quer do participante, quer da figura parental, estes processos foram analisados separadamente para homens e para mulheres, bem como a *vinculação* a cada uma das figuras parentais foi avaliada separadamente.

Finalmente, no terceiro estudo no qual visamos compreender a *autenticidade* como um provável preditor da *vinculação* e *prestação de cuidados responsiva* ao parceiro romântico adulto, foi adotada uma abordagem diádica de modo a compreender a forma como os participantes em casal influenciam mutuamente estes processos.

A terceira e última parte deste trabalho, pretende reunir, integrar e discutir os resultados obtidos nos três estudos empíricos apresentados. Serão discutidas as limitações do presente trabalho, avaliadas direções para futura investigação e identificar e integrar os principais contributos, quer para a investigação na área da *autenticidade nas relações* românticas quer para a prática clínica.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E REVISÃO DA LITERATURA

A TEORIA DA VINCULAÇÃO

1. A VINCULAÇÃO COMO BASE DAS RELAÇÕES HUMANAS

Inicialmente desenvolvida por John Bowlby (1969/1982) a teoria da *vinculação* surge primariamente como explicação dos processos pelos quais a criança se torna afetivamente vinculada, isto é, cria laços emocionais de proximidade às suas figuras cuidadoras e se sente angustiada quando é separada delas. Bowlby pretendeu desviar-se das noções psicanalíticas clássicas de impulso² e energia psíquica, através da tentativa de substituir estes conceitos e de os aproximar às teorias cognitivas e etológicas, contemporâneas ao seu trabalho. Deste modo, baseando-se no conceito etológico de sistema comportamental - um sistema neuronal biológico, universal a todas as espécies, que aumenta as hipóteses do indivíduo sobreviver e reproduzir-se, apesar das inevitáveis exigências e desafios do meio ambiente - Bowlby propõe a noção de *comportamentos de vinculação*. A função biológica do *sistema comportamental de vinculação* é proteger o indivíduo de possíveis ameaças ambientais, principalmente durante a infância, assegurando que a criança mantém proximidade com um indivíduo cuidador e apoiante, ou seja com uma *figura de vinculação*. Teoricamente, estes comportamentos, que surgem como consequência deste sistema, observam-se quando são adotados pelo indivíduo perante situações de *stress* ou ameaça (Mikulincer & Shaver, 2007). Bowlby (1969) sugere que os *laços emocionais* desenvolvidos entre a criança e as figuras parentais (prestadoras de cuidados) são o produto de um desejo inato e biológico, sendo uma função do *sistema comportamental de vinculação* regular esta predisposição. Estes laços de proximidade estabelecidos desde o nascimento entre a criança e um prestador de cuidados, proporciona-lhe uma maior probabilidade de sobreviver, reproduzir-se e passar o seu património genético à geração seguinte.

Embora o sistema comportamental de *vinculação* seja mais evidente nos primeiros anos de vida, Bowlby assume que este sistema está ativo durante toda a vida e é manifestado através de comportamentos e pensamentos de procura de proximidade às figuras de *vinculação* em situações de necessidade. Da mesma

² *drive*

forma que este contacto de proximidade com figuras de *vinculação* afetuosas, confiáveis e apoiantes é um fenómeno natural e funcional no ser humano, a sua perda torna-se, igualmente, uma fonte natural de ansiedade e sofrimento (Bowlby, 1988). É importante salientar que as figuras de *vinculação* não surgem de qualquer relação de afetividade ou proteção estabelecida pelo indivíduo. Uma relação de *vinculação* está psicologicamente concretizada na forma de um laço emocional de *vinculação* (Bowlby, 1969/1982), que se relaciona especificamente com a adoção de outra pessoa mais forte, conhecedora e sensata³ como figura de *vinculação*. Isto é, alguém que cumpra as funções de *porto seguro* quando surge a necessidade de proteção e de *base segura* para a exploração (Mikulincer & Shaver, 2007), o que vai ocorrendo ao longo de toda a vida. Deste modo, e de acordo com vários teóricos da *vinculação* (Ainsworth, 1989, Hazan & Shaver, 1994) uma figura de *vinculação* define-se por servir três propósitos distintos em situações em que o indivíduo necessita de recorrer a elas: 1) deve ser o alvo de *procura e manutenção de proximidade*; 2) deve servir como *porto seguro*⁴ (prestar proteção, conforto e apoio em caso de ameaça) e, finalmente, 3) deve constituir uma *base segura* para que o indivíduo possa explorar, autonomamente, o mundo que o rodeia. O conceito de *base segura*, introduzido por Ainsworth (1989) surge no contexto de uma relação afetiva que permite e estimula a criança à exploração do seu meio envolvente, com um sentimento de confiança em si própria e no mundo, resultante do conhecimento de que a figura de *vinculação* está responsiva e acessível, em caso de necessidade ou ameaça para constituir um *porto seguro* de proteção.

O sistema de *vinculação* funciona baseado em objetivos complexos e dinâmicos, isto é, o indivíduo (seja qual for a sua idade) avalia os seus próprios progressos indo ao encontro de um conjunto de metas de proximidade ou proteção e, posteriormente, poderá alterar o seu comportamento para produzir ações mais efetivas. Segundo Bowlby (1973) esta natureza dinâmica e mutável dos comportamentos de *vinculação* requer o armazenamento de memórias na forma de representações mentais das transações do indivíduo com o ambiente (incluído as figuras de proximidade que nele se inserem) – os *modelos internos dinâmicos*. Através dos laços emocionais com as figuras cuidadoras e como resultado do

³ *stronger and wiser*

⁴ *safe haven*

feedback das suas próprias ações, a criança desenvolve os seus próprios modelos, ou seja, estruturas individuais de memória, expectativas e significados relativos a si próprio e aos outros. Estes modelos regulam o controlo de processos comportamentais e as relações de *vinculação*, e parecem alicerçar a forma como o indivíduo se vê a si próprio e aos outros. Adicionalmente, operam a um nível subconsciente e influenciam qual informação será codificada, processada, interpretada, armazenada, o que se reflete nas ações individuais transversalmente aos acontecimentos de vida. De acordo com o autor, estas representações internas servem como um guião da forma como o indivíduo vai estabelecer outras relações de *vinculação* ao longo da vida (Bowlby, 1988). Os *modelos internos dinâmicos do próprio* parecem ser baseados na crença subjetiva do quão aceitável é o seu *self* na perspetiva das figuras de *vinculação* primárias, isto é, no reflexo da responsividade das mesmas. Assume-se que crianças com figuras de *vinculação* responsivas, confiáveis e prontamente disponíveis desenvolvem representações de um *self* aceite e validado. Por outro lado, crianças com figuras de *vinculação* inconsistentes ou não responsivas tendem a desenvolver uma visão negativa de si como não aceites ou sem valor (Cassidy, 2000; Pietromonaco & Barrett, 2000).

Os *modelos internos dinâmicos do outro* incluem expectativas acerca de quem poderá funcionar como figura de *vinculação*, isto é, a quem o indivíduo poderá recorrer quando necessita de segurança, qual a acessibilidade dessas figuras, mas principalmente acerca de como a figura de *vinculação* irá responder em caso de ativação do sistema de *vinculação* (Main, 1995). As variações nas respostas dos prestadores de cuidados aos apelos de proximidade e proteção de uma pessoa vinculada, não só alteram as operações do sistema de *vinculação* numa interação particular, ou uma série de interações a curto prazo, mas também gradualmente produzem mudanças duradouras no funcionamento deste sistema. Estes efeitos duradouros são explicáveis pelo seu armazenamento na memória associativa de longo termo das representações mentais das interações significativas com as figuras de *vinculação* (Bowlby, 1973). Interações repetidas resultam em representações mentais crescentemente estáveis do *self*, dos outros e das relações.

Dado que o padrão de interações com os cuidadores primários é bastante consistente durante a infância, os *modelos internos dinâmicos* prototípicos destas interações tornam-se parte integrante do conhecimento processual implícito individual e tendem a operar de forma automática e inconsciente, sendo

resistentes, mas suficientemente maleáveis e permeáveis, à mudança. A consolidação de *modelos internos dinâmicos* relativamente permanentes e acessíveis será um processo psicológico fundamental, uma vez que terá efeitos duradouros no funcionamento da personalidade em relações de *vinculação* durante a infância e a adolescência (Bowlby, 1973, Waters, Merrick Treboux, Crowel & Albershiem, 2000). Considerando que os *modelos internos dinâmicos* guiam comportamentos, cognições e sentimentos, podem, por consequência, enviesar as formas como o indivíduo percebe, interpreta e armazena memórias de interações subsequentes. Deste modo, as representações de interações específicas com um cuidador primário durante a infância tornar-se-ão características essenciais de personalidade, sendo posteriormente aplicados a novas situações sociais e relacionais, dando forma ao funcionamento do sistema de *vinculação* na idade adulta.

2. VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE

A mãe e o pai são, normativamente, as figuras cuidadoras por excelência, tornando-se nas primeiras figuras de *vinculação* com quem a criança estabelece um *laço emocional*. Antes de terem acesso à linguagem verbal, as crianças experienciam e expressam sentimentos intensos de alegria perante a segurança associada a uma figura cuidadora disponível e responsiva, que coexistem com sentimentos de raiva e ansiedade perante a separação destas figuras e sentimentos de tristeza e depressão aquando da sua perda. Bowlby (1969, 1973, 1980, 1988) argumentou que estes sentimentos intensos e os *modelos internos dinâmicos* subsequentes que são moldados por eles, influenciam a informação que o indivíduo recorda e à qual reage e as atribuições e interpretações que faz acerca dos acontecimentos de vida. Estes modelos internos dinâmicos operam a um nível inconsciente, funcionando como filtros através dos quais o indivíduo monitoriza a informação que lhe chega e tendem a ser reforçados pelas circunstâncias do estilo de relação interpessoal. Ao longo do tempo, e depois de operarem repetidamente numa relação particular, por excelência a família ou os cuidadores primários, o sistema comportamental do indivíduo torna-se único e moldado por padrões relacionais específicos.

Quando a criança se sente assustada, doente, ou num ambiente estranho o seu sistema de *vinculação* será ativado e a criança irá procurar proteção e conforto

junto das suas figuras parentais (Bowlby, 1982). Esta capacidade da criança de procurar apoio na sua figura de *vinculação* como um *porto seguro* é considerada como uma componente chave de laços emocionais funcionais e um preditor chave de um desenvolvimento emocional saudável e adaptado (Collins & Feeney, 2000). Deste modo, as interações reais ou esperadas com figuras de *vinculação* responsivas e disponíveis contribuem para a formação de autorrepresentações positivas. As crianças cujas figuras parentais funcionam como uma base segura, mostrando sensibilidade às suas necessidades de *vinculação*, serão mais capazes de desenvolver uma *vinculação* segura, construindo uma imagem positiva de si própria e dos outros, e revelam-se mais competentes na exploração do *self* e do mundo (Bowlby, 1980), mostrando comportamentos mais responsáveis e criativos. Quando uma figura de *vinculação* primária é disponível, sensível e responsiva aos esforços de procura de proximidade, o indivíduo provavelmente sentir-se-á seguro: que o ambiente é geralmente seguro, que as figuras de *vinculação* são prestativas quando a sua ajuda é solicitada e que é possível explorar o ambiente de forma confiante e envolver-se de forma recompensadora com outras pessoas. Este sentido de segurança implica que o sistema de *vinculação* esteja a funcionar eficientemente e que a procura de proximidade seja uma estratégia confiável e efetiva como instrumento de regulação das emoções.

Apesar de se destacarem as experiências de *vinculação* que decorreram no início da vida, vários autores foram enfatizando que as necessidades de *vinculação* permanecem ao longo da vida. Assim, a qualidade dos laços emocionais estabelecidos com as figuras de *vinculação* tem uma função a desempenhar ao longo de toda a vida, influenciando os processos de adaptação psicossocial presentes e futuros. Consequentemente, o indivíduo transporta consigo um sistema de crenças e expectativas pré-existentes acerca de como os outros irão satisfazer ou rejeitar as suas necessidades, o que influencia largamente a sua forma de ser e de estar nas relações, sendo o desejo de conquistar a aceitação e evitar a rejeição uma motivação intrínseca inerente à condição humana. No entanto, quando as figuras parentais estão continuamente indisponíveis, física ou emocionalmente em alturas de necessidade e não responsivas às tentativas de proximidade da criança, não são capazes de apaziguar o seu sofrimento ou de providenciar uma *base segura*, o funcionamento do sistema de *vinculação* torna-se disruptivo e os seus objetivos não são atingidos.

A qualidade das interações com as figuras de *vinculação* em situações que a criança necessita da sua responsividade, é, de acordo com a teoria da *vinculação*, a origem principal das diferenças individuais no funcionamento do sistema de *vinculação*. Bowlby (1973) refere que quando a criança não desenvolve a confiança de que a sua figura de *vinculação* está disponível, terá uma maior tendência para apresentar medos intensos ou crónicos, inibidores da exploração. Bowlby (1988) distingue várias formas de funcionamento parental, cujo impacto no desenvolvimento da *vinculação* e da personalidade é negativo, nomeadamente: uma não responsividade persistente e/ou atitudes de rejeição face aos comportamentos de *vinculação* da criança; a inconsistência, imprevisibilidade ou negligência dos cuidados parentais; a ameaça constante de deixar de gostar da criança, como forma de controlo; as ameaças de abandono, como forma de coagir a criança; a sugestão de culpa à criança mediante a responsabilização pela doença ou morte da figura parental; inversão de papéis, como pressão da figura parental para que a criança atue como figura de *vinculação*, atitude assente no encorajamento inconsciente de um sentido prematuro de responsabilidade para com os outros. Segundo o autor, este tipo de experiências podem conduzir a uma *vinculação* insegura, caracterizada por uma ansiedade constante com medo de perda da figura de *vinculação* ou por reações evitantes face ao medo de rejeição por parte da figura significativa.

Ainsworth e colaboradores (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) realizaram os primeiros testes empíricos a uma parte integrante da teoria de Bowlby, ou seja, testaram a premissa de que as crianças tendem a procurar e manter a proximidade com as figuras parentais, especialmente durante períodos de *stress*. Deste trabalho empírico surge o conceito de estilo de *vinculação*, inicialmente proposto por Ainsworth (1967), para descrever padrões de respostas das crianças mediante separações e reuniões com as suas mães em laboratório no procedimento da situação estranha. O estilo de *vinculação* do indivíduo reflete os seus modelos internos dinâmicos mais enraizados e o funcionamento característico do seu sistema de *vinculação* num relacionamento específico (estilo de *vinculação* específico da relação) ou transversal a várias relações (estilo de *vinculação* global ou geral). Mediante os seus padrões de resposta as crianças foram originalmente classificadas em três categorias: seguro, evitante ou ansioso. Como tal, cada estilo de *vinculação* está intimamente ligado aos *modelos internos dinâmicos* e refletem uma estratégia de *vinculação* particular, subjacente e

organizadora da ação. Os padrões de *vinculação* de Ainsworth foram ainda examinados com o intuito de compreender se estes se estenderiam durante fases posteriores da vida e para a criança criar laços noutros relacionamentos, como por exemplo com os pares durante a infância (Waters, Wippman, & Sroufe, 1979). As descrições da autora acerca das crianças e das suas mães sublinham a natureza internacional de estilo de *vinculação* e fornecem exemplos importantes de como o comportamento, as emoções, e a cognição levam ao desenvolvimento de determinados modelos dinâmicos.

Bowlby acreditava que as experiências de vida e o decorrer do tempo não seriam suficientes para dissolver a sua influência, apesar da interferência continua de outras relações significativas ao longo da vida. Consequentemente, as relações emocionais estabelecidas precocemente com as figuras cuidadoras, terão um papel preponderante no desenvolvimento de laços emocionais de qualidade futuros, uma vez que estes laços emocionais têm um impacto duradouro na adaptação psicológica e social do indivíduo e consequentemente influencia a forma como o indivíduo se relaciona consigo próprio e com o mundo (Bowlby, 1980).

3. SISTEMA DE VINCULAÇÃO NA IDADE ADULTA

Apesar de se ter focado principalmente nos primeiros anos de vida da criança, Bowlby (1988) reconhece a importância do estudo dos processos de *vinculação* na idade adulta e que as funções básicas do sistema de *vinculação* continuam a operar durante toda a vida. Isto implica que o sistema de *vinculação* na idade adulta será ativado sempre que a segurança individual é ameaçada e o indivíduo adulto, percecionando ameaça ou sofrimento, terá tendência a desejar e/ou procurar contacto com uma figura de *vinculação*. Portanto, comportamentos de procura de apoio na idade adulta, como por exemplo expressão de sofrimento, podem ser considerados como manifestações do *sistema comportamental de vinculação*. Adicionalmente, a teoria da *vinculação* pressupõe que o bem-estar emocional na idade adulta, tal como na infância, depende, em parte, da existência de uma figura de *vinculação* que sirva como um porto seguro confiável e apoiante em situações de necessidade (Collins & Feeney, 2000).

A manutenção de relações seguras é estruturante para o funcionamento individual ao longo de toda a vida. As relações de *vinculação* que a criança foi desenvolvendo durante os primeiros anos de vida, traduzem-se, mais tarde, em diferenças individuais nos comportamentos de *vinculação*, havendo uma ativação contínua deste sistema no contacto com o ambiente externo. É de salientar que a maioria da investigação focada nas diferenças individuais relativas ao funcionamento do sistema de *vinculação* em adultos tem-se debruçado nos *padrões de vinculação* - protótipos de expectativas, necessidades, emoções, e comportamento social e relacional - que resultam de uma história particular de experiências de *vinculação*, geralmente a que teve início nas relações com os pais (Fraley & Shaver, 2000).

Bowlby (1973) e Ainsworth (1991) interessaram-se profundamente acerca do desenvolvimento dos *padrões de vinculação* desde a infância até à idade adulta e procuraram compreender os fatores interpessoais e cognitivos responsáveis pela continuidade ou descontinuidade destes padrões. Bowlby (1973) propõe que os *padrões de vinculação* são o resultado de experiências vividas, especialmente aquelas que ocorreram no contexto familiar de origem durante a infância, e que estes padrões são relativamente estáveis ao longo da vida, mas que são, no entanto, abertos à mudança. As experiências precoces com os prestadores de cuidados primários determinam um conjunto de estratégias comportamentais que ajudam a criança a regular a proximidade às figuras de *vinculação* e a polaridade, positiva ou negativa, dos *seus modelos internos* dinâmicos do *self* e do outro. Estas experiências precoces podem exercer uma influência particular na formação de parâmetros do sistema de *vinculação*, na sua organização e nos de comportamentos de *vinculação* em relações subsequentes. Ou seja, estas experiências com as figuras parentais podem determinar quais dos múltiplos percursos de desenvolvimento que o indivíduo efetivamente toma e que padrão de *vinculação* tende a caracterizar as suas interações futuras, nomeadamente, com o parceiro romântico. Os indivíduos avaliam, interpretam e recordam interações de *vinculação* e a forma como se adaptam às suas crenças e expectativas. Por exemplo, indivíduos com uma história de *vinculação* segura provavelmente vão ignorar ou desculpar sinais temporários de falta de atenção ou de indisponibilidade do outro, mas aqueles que recordam uma história de *vinculação* ansiosa, provavelmente, estarão mais alerta a sinais de indisponibilidade e consequentemente a sentirem raiva ou mágoa quando os percecionam.

Na idade adulta as estratégias primárias de *vinculação* podem não envolver, necessariamente, comportamentos reais de procura de proximidade. Estas estratégias podem incluir a ativação de representações mentais da figura de *vinculação* (frequentemente o parceiro romântico) que por norma presta cuidados e proteção. Estas representações podem criar um sentimento de segurança e apoio, ajudando o indivíduo a lidar, eficazmente, com situações ameaçadoras. Isto é, a representação mental da figura de *vinculação*, pode constituir uma forma simbólica de proteção ou de redução do *stress* (Mikulincer & Shaver, 2007). Apesar de naturalmente nunca desaparecer esta necessidade de proximidade física, geradora de segurança e bem-estar, adolescentes e adultos frequentemente conseguem experienciar conforto apenas por saberem, por exemplo, que a figura de *vinculação* pode ser contactada em caso de necessidade. Nesta perspetiva, os adultos parecem possuir um leque mais vasto de opções para atingirem um sentido de segurança pessoal do que as crianças. No entanto, umas das dificuldades principais com que os investigadores focados na *vinculação* adulta se deparam têm sido os vários tipos de relacionamentos que podem ser estabelecidos durante a vida adulta. Enquanto a *vinculação* na infância tende, primariamente, a envolver a relação entre a criança e as figuras parentais, as relações de *vinculação* adultas continuam a ocorrer ao longo da vida e podem incluir relações românticas, amizades próximas e a relação com os próprios filhos ou filhas (Ainsworth, 1989; Shaver & Mikulincer, 2002). Consequentemente, os investigadores que estudam a *vinculação* na idade adulta deparam-se com a necessidade de limitar os seus estudos e capturar as dinâmicas de *vinculação* contextualizadas num tipo particular de relação de *vinculação*. No presente trabalho focamo-nos nas relações românticas adultas, mas acedendo ao alicerce da sua construção na relação de *vinculação com as figuras parentais*.

3.1. VINCULAÇÃO AO PARCEIRO ROMÂNTICO

Apesar do paralelismo entre os processos de *vinculação* na infância e na idade adulta, e sendo as funções e dinâmicas deste sistema comportamental, virtualmente, as mesmas, salientam-se também diferenças no que diz respeito à *vinculação* no adulto face à *vinculação* na infância (Hazan & Shaver, 1994). Por conseguinte, os laços afetivos no adulto envolvem não só o sistema de *vinculação* (que visa a procura de cuidados), mas também o *sistema de prestação de*

cuidados e, por vezes, o sistema sexual/reprodutivo. Uma das componentes que mais contribui para a satisfação numa relação de *vinculação amorosa* é a capacidade de os indivíduos responderem às necessidades e desejos de conforto e segurança dos seus parceiros (Hazan & Shaver, 1987).

Enquanto o sistema de *vinculação* nas crianças envolve principalmente laços emocionais com as figuras parentais (Bolwby, 1969), as necessidades de *vinculação* na idade adulta transformam-se e o parceiro romântico tende a tornar-se a figura de *vinculação* principal (Hazan & Shaver, 1987). De acordo com Bowlby (1979), uma relação romântica de compromisso e de longo termo será o protótipo de uma relação de *vinculação* na idade adulta. Consequentemente, Shaver, Hazan e Bradshaw (1988), propuseram que os laços emocionais estabelecidos na relação romântica adulta serão conceptualmente paralelos aos laços estabelecidos com as primeiras figuras cuidadoras. Hazan e Shaver (1987) exploraram a possibilidade de a teoria da *vinculação*, fundamentalmente concebida para analisar a natureza das ligações afetivas de proximidade das crianças com as suas figuras cuidadoras, constituir uma perspetiva aplicável às relações românticas na adolescência e durante a idade adulta. Neste sentido, os autores (Hazan & Shaver, 1987) evidenciaram que indivíduos adultos experienciam maior segurança quando o companheiro romântico está perto e disponível, encorajando uma exploração confiante do mundo, à semelhança do que acontece na infância onde os sentimentos da criança de segurança derivam, também, desta proximidade. Quando a responsividade e disponibilidade do parceiro são questionadas, possivelmente surgirá ansiedade, associada a uma maior procura de atenção e proximidade face à figura de *vinculação*. Deste modo, ao desenvolver-se uma ligação afetiva de proximidade, esta deverá funcionar com o objetivo de promover um sentimento de segurança. Contrariamente, se a separação ou a não responsividade atingirem determinado ponto, pode conduzir a um aumento da intensidade de comportamentos de procura de proximidade. No entanto, se esta ausência de proximidade e responsividade ultrapassar determinados limites, ao invés da procura do outro, provocam no indivíduo uma distância defensiva e evitante como um instrumento de evitar a frustração e o *stress* causados pela relação não funcional (Shaver et al, 1988).

De acordo com Hazan e Shaver (1987), o amor romântico, enquanto processo de *vinculação*, é experienciado de diferentes formas, tendo em conta as variações vivenciadas pelos indivíduos nas suas histórias de *vinculação*, sendo os

estilos de *vinculação amorosa* do adulto influenciados pelos estilos de *vinculação* desenvolvidos na infância. Porém, os autores consideram a possibilidade desta continuidade não constituir uma regra. Assumindo que a teoria da *vinculação* perspectiva o desenvolvimento como envolvendo uma contínua construção, revisão, integração e interpretação dos modelos internos dinâmicos, considera-se que a intervenção do papel transformador de novas relações significativas, constituem oportunidades consideráveis para a revisão dos modelos do *self* e dos outros. Os autores desenvolveram uma medida de autorrelato do estilo de *vinculação* adulto, na qual pediram aos participantes para caracterizarem os seus sentimentos e tendências de comportamento numa relação romântica. Na sua forma original, a medida consiste em três breves descrições de sentimentos e comportamentos em relações de proximidade, que pretendiam capturar os estilos de *vinculação romântica* moldando-os aos três estilos de *vinculação* da criança identificados por Ainsworth e colaboradores (1978): seguro, ansioso e evitante.

Posteriormente, Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) desenvolveu um modelo bidimensional (Figura 1) das diferenças individuais da *vinculação* no adulto. Este modelo bidimensional de *vinculação*, baseia-se primariamente na dicotomização, proposta por Bowlby (1973), dos modelos internos dinâmicos de si e do outro, como positivos ou negativos. A organização do modelo de Bartholomew tem como base a valência positiva ou negativa dos modelos de si próprio e dos modelos do outro, inerentes aos modelos internos dinâmicos individuais e da sua perceção da acessibilidade e disponibilidade do outro. A autora propõe uma abordagem prototípica das diferenças entre os indivíduos, definindo-se o protótipo como um conjunto de características representativas e ilustrativas de uma determinada categoria. A variabilidade entre indivíduos que se aproximam de um determinado padrão é ampla, sendo que a identificação do indivíduo com um determinado protótipo de *vinculação* corresponde, na realidade, a uma aproximação a um ideal teórico definido (Matos, 2002). Deste modo, Bartholomew (1990, Bartholomew & Horowitz, 1991) sugere uma dicotomia das dimensões positivas e negativas dos modelos internos dinâmicos da qual resultarão quatro quadrantes, que definem os quatro protótipos de *vinculação* (Figura 1). Os quatro padrões de *vinculação*, segundo a autora, referem-se a diferenças estratégicas na regulação emocional e comportamento interpessoal, e são os seguintes:

Seguro (quadrante superior esquerdo): corresponde à existência de modelos positivos quer acerca de si próprio, quer acerca do outro. O indivíduo perspetiva-se como sendo merecedor de amor e capaz de desencadear nos outros respostas que vão neste sentido, desenvolvendo a expectativa de que os outros são, de um modo geral, responsivos. Estes indivíduos tendem a ser capazes de desenvolver relações de intimidade duradouras com o parceiro romântico.

Preocupado (quadrante superior direito): caracteriza-se pela coexistência de um modelo positivo dos outros com um modelo negativo acerca de si próprio. Esta valência negativa do modelo de si leva a uma procura constante de aprovação, atenção e responsividade, pretendendo maioritariamente alcançar a aceitação dos outros.

Desinvestido (quadrante inferior esquerdo): distingue-se pela coexistência de um modelo positivo acerca de si próprio e por um modelo negativo dos outros. Assim, o desinvestido mantém a sua independência evitando envolver-se em situações de intimidade. Este padrão surge como uma forma de lidar com a rejeição por parte das figuras de *vinculação* primárias, sendo que o indivíduo desenvolver uma imagem de si próprio não suscetível a sentimentos negativos, potencialmente conducentes à ativação do sistema de *vinculação*. Consequentemente o indivíduo concentra-se em dimensões da sua vida que não impliquem um relacionamento próximo com os outros. Trata-se de um padrão de *evitamento*, caracterizando-se pela procura de um sentido de independência e de ausência de vulnerabilidade, evitando o envolvimento em relações de proximidade e intimidade.

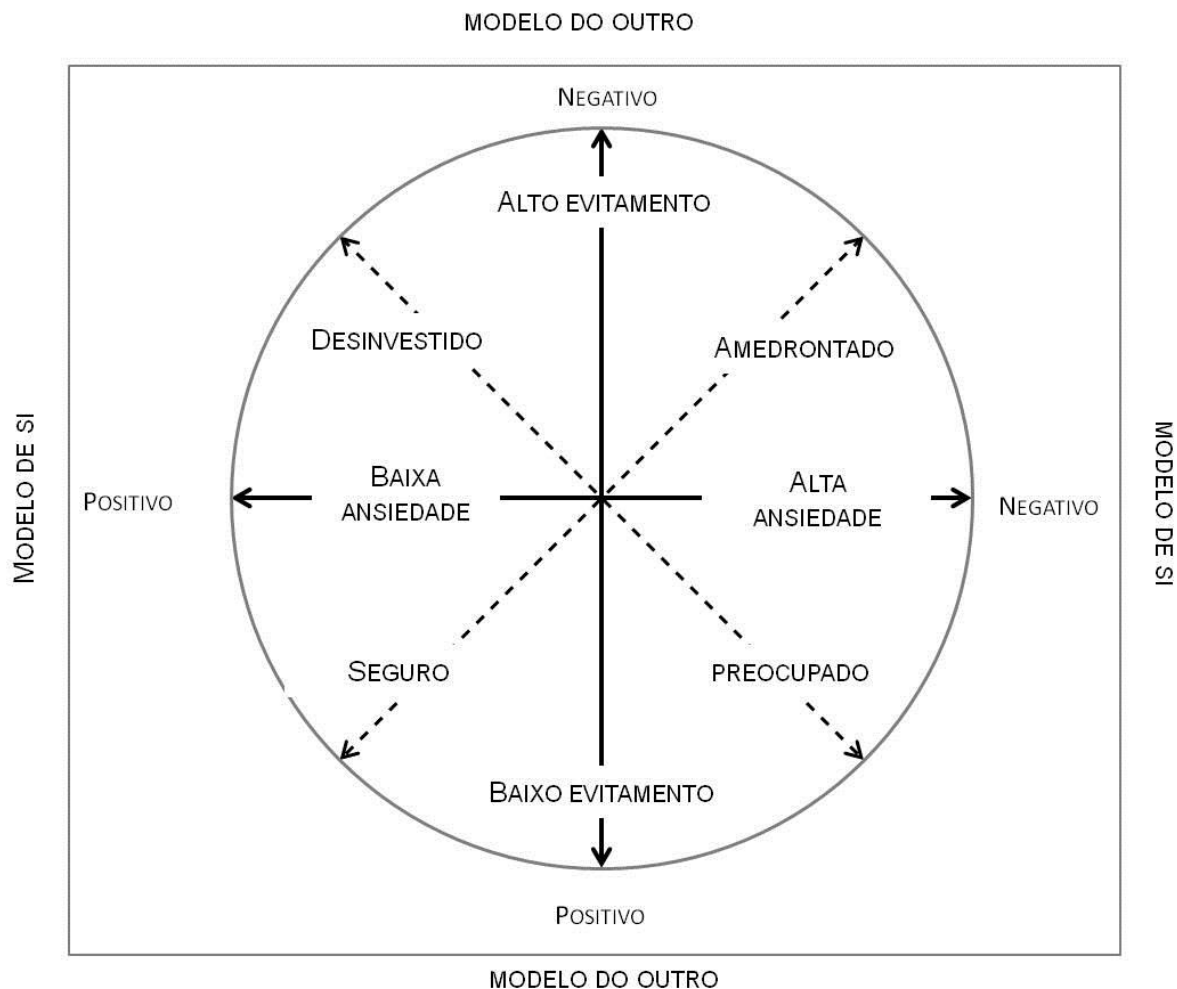
Amedrontado (quadrante inferior direito): este padrão é resultante da combinação de um modelo negativo quer de si próprio, quer dos outros. Os amedrontados mostram elevada necessidade de dependência, em conformidade com o seu modelo negativo de si, evitando, no entanto a intimidade pelos riscos negativos que a ela associa e ao modelo negativo que tem do outro. Ou seja, indivíduos que se enquadram neste protótipo, ao evitarem relacionamentos de intimidade, estão a tentar proteger-se contra uma possível rejeição que antecipam.

Outra questão importante neste modelo é que podem coexistir elementos de vários padrões na mesma pessoa, sendo que as diferenças individuais entre

dois indivíduos com o mesmo padrão podem justificar-se pela conjugação de outros padrões presentes, mas não predominantes, ou seja, o indivíduo pode demonstrar características de vários estilos, ainda que não tenham o mesmo peso.

Figura 1.

Diagrama do espaço bidimensional definido pelos eixos da ansiedade e *evitamento* da *vinculação*, e pelos modelos internos dinâmicos de si e do outro resultando nos quatro padrões de *vinculação* no adulto (Bartholomew, 1990, adaptado de Mikulincer & Shaver, 2007).



A investigação empírica sugere dois grandes eixos ou dimensões que parecem estar na base da organização da *vinculação* de vários instrumentos de medida da *vinculação* a uma determinada figura: a *ansiedade* e o *evitamento*

(Matos, 2002). Brennan, Clark e Shaver (1998) desenvolveram uma análise extensiva, na qual incluíram todas as medidas de autorrelato, até então disponíveis para aceder à *vinculação* sendo que os seus resultados identificaram precisamente estas duas dimensões. A *ansiedade* corresponderia a uma hipervigilância e ao medo da rejeição e abandono, enquanto o *evitamento* corresponderia ao desconforto com a proximidade ou à relutância em estabelecer relações de intimidade. Estas dimensões seriam conceptualmente paralelas aos eixos do modelo desenvolvido por Bartholomew, sendo que a *ansiedade* diferenciaria os indivíduos amedrontados e preocupados dos seguros e dos desinvestidos, enquanto o *evitamento* separaria os indivíduos amedrontados e os desinvestidos dos indivíduos preocupados e dos seguros. Os indivíduos com um estilo de *vinculação* seguro evidenciam baixos níveis de *evitamento* e *ansiedade*; os indivíduos com um estilo amedrontado revelam índices elevados quer de *evitamento*, quer de *ansiedade*; o estilo preocupado corresponde a elevada *ansiedade* e baixo *evitamento* e, finalmente indivíduos desinvestidos apresentaram altos níveis de *evitamento* e baixos no que se refere à *ansiedade* (Mikulincer & Shaver, 2007).

O SISTEMA DE PRESTAÇÃO DE CUIDADOS

1. DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA DE PRESTAÇÃO DE CUIDADOS

Inicialmente as questões colocadas por Bowlby (1944) focavam-se nos efeitos de uma *vinculação* segura ou insegura no desenvolvimento posterior da personalidade. No entanto, estas questões focavam-se primariamente nas relações da criança com as figuras parentais, vistas como largamente determinadas pelos comportamentos e estados mentais dos prestadores de cuidados primários. Baseando-se nesta premissa Bowlby depreendeu que não existiria apenas um sistema de *vinculação*, mas também um *sistema de prestação de cuidados* das figuras parentais dirigidos para a criança. A teoria da *vinculação* propõe que o ser humano vai desenvolvendo a capacidade de adotar comportamentos de *prestação de cuidados* com o objetivo de fornecer proteção e cuidado ao outro em situações de necessidade temporária ou permanente (Bowlby, 1982, 1988). Segundo Bowlby estes comportamentos de cuidado emergem durante o desenvolvimento, enquanto o indivíduo vai deixando progressivamente de ser recetor de cuidado, vai organizando e alargando um sistema comportamental de *prestação de cuidados*.

A necessidade de *prestação de cuidados* emerge no curso da evolução quando o homem tem de se adaptar ao meio ambiente, sendo que esta vivência quando incluída num sistema social tornaria mais viável a sua sobrevivência. Deste modo, aumentar-se-ia a probabilidade de cada ser humano viver até à idade reprodutiva e de, conseqüentemente, ter a possibilidade de dar continuidade à espécie. Estes comportamentos de proteção e ajuda do outro terão tido efeitos benéficos nos nossos antepassados cuja sobrevivência era constantemente desafiada por doenças, predadores, ferimentos, desastres naturais e recursos escassos (Mikulincer & Shaver, 2007). Embora o sistema de *prestação de cuidados* tenha evoluído para primariamente aumentar a viabilidade da descendência do indivíduo e de familiares próximos, (George & Solomon, 1999) os investigadores acreditam que tenha sido mais exatamente e de forma crescente adaptado para responder às necessidades de outros membros da mesma família.

Apesar de sermos atualmente socializados para estender esta atenção às necessidades do outro num sentido mais lato, a maioria dos indivíduos está mais disponível para prestar cuidados a pessoas de quem são emocionalmente próximos. Sendo o sistema de *prestação de cuidados*, progressivamente, formado no contexto das experiências precoces de *vinculação* com as figuras parentais (Waters et al., 2000), isto é, pelas interações com os seus prestadores de cuidados na infância. Se o desenvolvimento do sistema de *prestação de cuidados* ocorre em circunstâncias favoráveis, a empatia, a atenção às necessidades do outro e a generosidade tornam-se inerentes ao comportamento do indivíduo. Se, por outro lado, o desenvolvimento do sistema de *prestação de cuidados* ocorre em circunstâncias adversas, devido à falta de modelos parentais, escassez de apoio e suporte, separação ou perda das figuras cuidadoras, a criança em desenvolvimento terá uma menor tendência para a progressão desta vontade de ser compassiva às necessidades e sofrimento dos outros (Mikulincer & Shaver, 2007).

De acordo com Collins, Ford, Guichard, e Allard (2006) uma postura empática inclui *sensitividade* e *responsividade*, dois aspetos da *prestação de cuidados* parentais enfatizados por Bowlby e Ainsworth. A *sensitividade* inclui uma sintonia e uma interpretação concisa dos sinais de sofrimento, preocupação ou de alguma necessidade explícita, e uma resposta sincronizada com os comportamentos de procura de proximidade e apoio da pessoa. A *sensitividade* inclui, igualmente, o reconhecimento de sinais implícitos ou explícitos e os constrangimentos contextuais relevantes que determinam que tipo de apoio poderá ser mais benéfico numa situação particular para a pessoa que necessita de cuidados (George & Solomon, 1999). Por sua vez, a *responsividade* inclui intenções generosas que validam as necessidades e sentimentos da pessoa em sofrimento, respeitando as suas atitudes e valores e ajudá-la a sentir-se amada, cuidada e compreendida (Reis & Shaver, 1988).

Um elemento chave das estratégias primárias do sistema de *prestação de cuidados* é a adoção daquilo a que Batson (1991) denominou de postura empática do indivíduo face às necessidades do outro, como por exemplo tomar a sua perspectiva de forma a poder ajudá-lo de forma efetiva a reduzir o seu *stress* e sofrimento ou a persistir nos seus objetivos de crescimento. Presumivelmente, estes fatores integram-se nos modelos internos dinâmicos de *prestação de cuidados*, que os investigadores acreditam que estão interconectados de forma

desenvolvimental e comportamental aos modelos internos dinâmicos de *vinculação* (Collins, Ford, Guichard, Kane & Feeney, 2009; Kuncé & Shaver, 1994).

Uma vez que o sistema de *prestação de cuidados* é ativado o indivíduo (responsivo e sensitivo) pode ativamente recorrer a um repertório de comportamentos com o objetivo de restaurar o bem-estar e a segurança do outro (Mikulincer & Shaver, 2007). Estes comportamentos incluem tentativas para aliviar o sofrimento do outro e apoiar os seus esforços para lidar com a situação, por exemplo mostrando um interesse genuíno nos problemas do outro, reforçando a sua capacidade para lidar com a situação, expressar afetividade e providenciar apoio instrumental, se necessário. Comportamentos de *prestação de cuidados* podem também incluir a provisão de uma base segura para a exploração, crescimento e desenvolvimento da outra pessoa, apoiando os seus desejos para aceitar novos desafios e adquirir novas capacidades, afirmando a capacidade do outro para empreender novos desafios sem ser intrusivo nas atividades exploratórias do outro e reforçando os sucessos (Collins, et al., 2006; Feeney & Collins, 2004). Prestadores de cuidados insensitivos irão, mais provavelmente recusar ou não interpretar corretamente os sinais da pessoa e ou se escapam do papel de cuidador ou intervém de forma estranha ou intrusiva nas necessidades do outro. A falta de *sensitividade* e *responsividade* pode causar que o recetor de cuidados de sinta incompreendido, desrespeitado, o que irá exacerbar o sofrimento em vez de fornecer uma base segura (Collins et al, 2006).

2. SISTEMA DE PRESTAÇÃO DE CUIDADOS NA RELAÇÃO ROMÂNTICA ADULTA

Os laços afetivos no indivíduo adulto envolvem não só o sistema de *vinculação* (que visa a procura de cuidados), mas também o *sistema de prestação de cuidados* e, por vezes, o sistema sexual/reprodutivo. Nas relações românticas o indivíduo ocupa não só o papel de recetor de cuidados, mas também a função de prestador, na qual é esperado que propicie cuidado e apoio ao parceiro em situações de necessidade (Hazan & Shaver, 1987). Assim, o sistema de *prestação de cuidados* tem sido visto não só como o componente vital do comportamento parental, mas também um componente essencial das relações românticas adultas e adicionalmente uma parte integrante de todas as formas de comportamento pró-social (Mikulincer & Shaver, 2007). Sob uma perspetiva normativa, o sistema de *prestação de cuidados* alerta os indivíduos para as necessidades do outro e

motiva-os a fornecer proteção, conforto e apoio àqueles que estão dependentes dele ou temporariamente em dificuldade (Collins & Feeney, 2000, 2010; Kuncé & Shaver, 1994). Deste modo, cada um dos parceiros está repetidamente envolvido no papel de prestar e receber cuidados numa relação mutuamente apoiante (Hazan & Shaver, 1987; Mikulincer & Shaver 2007). A qualidade do suporte que o parceiro romântico está disponível para fornecer torna-se um importante determinante da qualidade, estabilidade e satisfação relacionais (Collins & Feeney, 2000).

De facto, a *vinculação* e a *prestação de cuidados* são sistemas interligados e indissociáveis e que se influenciam mutuamente. Da mesma forma que as crianças procuram os seus pais em situações de necessidade, os adultos procuram também o parceiro romântico para proteção, apoio e cuidado quando estão perante alguma adversidade ou desafios pessoais (Collins & Ford, 2010). A ligação entre os sistemas comportamentais de *vinculação* e *prestação de cuidados* pode ser conceptualizada em termos de influências *distais* e *proximais* (Collins et al., 2009; Collins & Ford, 2010). No que se refere às influências *distais*, considera-se que os indivíduos aprendem, primeiramente, a serem prestadores de cuidados por observação e no contexto da sua própria experiência ao serem cuidados pelas figuras parentais. Deste modo, é razoável assumir que os modelos internos dinâmicos de *vinculação*, que acompanham a regulação do sofrimento pessoal, irão formar modelos internos dinâmicos de *prestação de cuidados*, que guiam a atenção para a regulação do sofrimento do outro significativo e que surgem mais tarde no desenvolvimento. Relativamente às influências *proximais*, Bowlby (1988) sugere que só quando as necessidades de *vinculação* individuais foram cumpridas é que o indivíduo pode focar a sua atenção para outros sistemas comportamentais como o de *prestação de cuidados* a outrem. Como consequência, a *prestação de cuidados* pode estar comprometida se os sentimentos de segurança do prestador de cuidados estiverem atualmente ameaçados, o que pode esgotar os seus recursos e ativar mecanismos autocentrados de proteção.

A formação de uma relação segura com um prestador de cuidados primário ou com o parceiro romântico depende da *sensitividade* e *responsividade* às necessidades da pessoa vinculada. Um adulto prestador de cuidados responsivo vai ao encontro das necessidades de apoio do parceiro quando o sistema de *prestação de cuidados* é ativado por sofrimento ou dificuldades. Um prestador de cuidados responsivo providencia cuidado e carinho, compreende os sentimentos

do parceiro e as suas atitudes e facilita a autonomia e o crescimento pessoal (Reis & Shaver, 1988). Contrariamente, quando o parceiro não está disponível e não responsivo às necessidades de proximidade, a pessoa pode tornar-se ansiosa, preocupada e hipersensível aos sinais de amor, ou a sua ausência, à aprovação ou à rejeição.

De acordo com a teoria da *vinculação*, a função por excelência do sistema de *prestação de cuidados* é reduzir o sofrimento do outro, proteger de possíveis ameaças e cuidar do seu desenvolvimento e crescimento (Collins et al, 2006, Guilath, Shaver & Mikulincer, 2005, Kunce & Shaver, 1994). Ou seja, uma primeira função seria ir ao encontro das necessidades de segurança de um parceiro dependente, respondendo aos sinais de sofrimento ou potencial ameaça, isto é, constituir um *porto seguro*. Uma segunda função seria apoiar a autonomia e a exploração da pessoa vinculada, fora da situação ameaçadora, ou seja, constituir uma *base segura* apoiando a autonomia e crescimento quando a exploração é sentida pelo recetor de cuidados como segura e desejável. (Bowlby 1969/1982).

Além disso, a teoria da *vinculação* assume que a capacidade do prestador de cuidados para responder de forma efetiva a estas necessidades, desempenha um papel principal na determinação da *qualidade do laço emocional* que se desenvolve entre o prestador de cuidados e seu parceiro vinculado (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). No momento da ativação do sistema de *prestação de cuidados* o indivíduo torna-se, momentaneamente, numa figura de *vinculação* "mais forte e mais sábia", motivando-o a atender às necessidades de proximidade, segurança e proteção do parceiro recetor de cuidados. Isto é, os objetivos do cuidador e do recetor de cuidados tornam-se, totalmente congruentes e ambos têm o objetivo de garantir que as necessidades de segurança e proteção da pessoa dependente são satisfeitas.

A adoção de comportamentos de *prestação de cuidados* tem maior probabilidade de ocorrer em determinadas situações: (1) quando o indivíduo tem que lidar ou se perceciona numa conjuntura de perigo, *stress* ou desconforto, e procura ajuda ou torna-se claramente visível que poderia beneficiar dela; e (2) quando o indivíduo tem oportunidades de exploração e aprendizagem, ou precisa de ajuda para aproveitar esta oportunidade, se tem vontade de falar sobre ela, ou ainda de ser validado para tentar atingir certas aspirações ou realizações (Collins et al, 2006). Em ambos os casos, o prestador de cuidados torna-se motivado a

adquirir comportamentos de assistência e apoio, baseando-se na sua avaliação da necessidade do outro e não, direta e objetivamente, da necessidade em si. Ou seja, o indivíduo não irá adotar o papel de cuidador se não reconhecer expressões de angústia, carência ou necessidades de apoio e encorajamento do recetor de cuidados e se não considerar estas necessidades como legítimas. Adicionalmente, o indivíduo prestador de cuidados pode, por vezes, oferecer apoio e incentivo de forma intrusiva, isto é, adotando o papel de cuidador mesmo na ausência de expressões explícitas de necessidade efetiva de cuidados, o que pode ser causador de irritação e resistência ao invés de gratidão.

Collins e Ford (2010) sugerem que a qualidade e a natureza do comportamento de *prestação de cuidados* é, claramente, sequencial. O recetor de cuidados está sintonizado à responsividade do seu parceiro, sendo mais provável que se sinta confortado quando o apoio do parceiro é oferecido de forma espontânea e apropriado às contingências das suas necessidades. Os autores conduziram um estudo com simuladores de realidade virtual, de onde puderam concluir, que contrariamente ao que acontece com as figuras de *vinculação*, a mera presença do prestador de cuidados é insuficiente. Para que o recetor de cuidados recorra ao seu parceiro como um *porto seguro* e uma *base segura* efetivos, os prestadores de cuidados devem mostrar-se, e serem percebidos, como emocionalmente disponíveis e sensíveis às necessidades do recetor de cuidados.

A teoria da *vinculação* destaca os benefícios de um cuidado responsivo, não só para a saúde individual e bem-estar, mas também para o desenvolvimento e manutenção de relações românticas seguras e felizes. Consistente com esta ideia, Collins e Ford (2010) revelam que pequenos atos de cuidado (ou negligência) podem ter efeitos imediatos no funcionamento relacional. Por exemplo, ao discutir preocupações individuais os recetores de cuidado experienciam uma melhoria imediata no seu bem-estar emocional, quando os seus parceiros são fonte de suporte responsivo (Collins & Feeney, 2000). Consequentemente, a não responsividade do prestador de cuidados pode induzir ao afastamento do parceiro, o que pode ter efeitos a longo prazo na proximidade dos parceiros na relação romântica.

De forma mais abrangente, os autores sugerem que a importância de determinadas interações de *prestação de cuidados* podem estender-se além de uma única interação, ou seja, interações apoiantes parecem contribuir para o desenvolvimento de expectativas relacionais específicas, que podem formar

interações posteriores. De forma consistente, Collins e colaboradores (Collins, Kane, Guichard & Ford, 2010) revelam que expectativas da responsividade do parceiro, numa relação específica, regulam os comportamentos de procura de cuidados em casais. A maioria dos estudos sobre a *prestação de cuidados* em relações de intimidade tem-se focado nas diferenças de estilo de *vinculação* nos padrões de *prestação de cuidados*. Como seria de esperar, estes estudos revelam consistentemente que adultos seguros têm padrões de *prestação de cuidados* mais efetivos do que adultos inseguros (e.g., Carnelley, Pietromonaco, & Jaffe, 1996; Feeney & Collins, 2001; Kane et al., 2007; Kunce & Shaver, 1994) e que uma *prestação de cuidados responsiva* é indispensável para a estabilidade e bem-estar relacional (e.g., Collins & Feeney, 2000; Mikulincer & Shaver, 2007).

Mas apesar da sua importância, o sistema de *prestação de cuidados* tem recebido pouca atenção nos estudos empíricos (Collins & Ford, 2010). As relações românticas propiciam uma ótima oportunidade para perceber o modo como os estilos de *vinculação* dão forma a determinadas orientações de *prestação de cuidados*. O primeiro estudo empírico a examinar esta ligação foi conduzido por Hazan e Shaver (1994). Baseados numa extensa revisão da literatura acerca da *prestação de cuidados* dos pais à criança, os investigadores desenvolveram o *Caregiving Questionnaire* que pretende aceder à *prestação de cuidados* numa relação romântica adulta, propondo as dimensões de responsividade, num polo positivo e funcional e as dimensões de uma *prestação de cuidados* controladora e compulsiva, num polo negativo e menos adaptativo. A *prestação de cuidados responsiva* é composta por duas dimensões correlacionadas: a *manutenção de proximidade* a um parceiro em dificuldade, e a *sensitividade* aos sinais e necessidade do parceiro recetor de cuidados. A *prestação de cuidados* controladora é avaliada pela extensão em que o prestador de cuidados adota um postura de dominância e de não cooperação durante este processo e não consegue respeitar as capacidades do parceiro para a ação que o levará à resolução do problema de forma autónoma. Por sua vez, quando a *prestação de cuidados* é compulsiva, esta traduz-se num envolvimento excessivo com a dificuldade do parceiro e uma tendência para a fusão com o parceiro em situações de necessidade. Acedendo ao conceito de *prestação de cuidados* através desta escala a investigação empírica (Feeney & Collins, 2001; Kunce & Shaver, 1994) revela que indivíduos seguros mostram padrões de *prestação de cuidados* mais favoráveis em casais numa relação de namoro ou casamento. Portanto,

comparativamente com indivíduos inseguros, um parceiro seguro mostrou uma maior tendência a prestar apoio adequado ao parceiro, a ser sensível às suas necessidades e uma menor probabilidade de adotar uma postura controladora ou compulsiva na *prestação de cuidados* (Feeney & Collins, 2001; Feeney & Hohaus, 2001; Kuncle & Shaver, 1994).

AUTENTICIDADE

1. AS RAÍZES DO CONCEITO DE AUTENTICIDADE

São inúmeras as descrições e alusões àquilo que significa o que é realmente ser autêntico e que podem ser encontradas em vários trabalhos de diversas disciplinas das ciências e das artes. No entanto, estas definições são frequentemente vagas e limitadas a segmentos de trabalhos maiores e muitas vezes, descontinuadas da sua linhagem original. Adicionalmente, raramente a *autenticidade* é concretamente conceptualizada, mas pode ser subentendida em vários trabalhos contemporâneos às suas origens na Filosofia Grega, nomeadamente, nos trabalhos de Sócrates e Aristóteles. Diversos escritores e filósofos e procuraram definir o conceito de *autenticidade*, principalmente naquilo que se refere ao que potencialmente será o nosso autêntico *self* ou o nosso verdadeiro ser.

Com o advento da filosofia existencialista no século XIX afirma-se que o funcionamento autêntico seria reflexo da subjetividade das escolhas que envolvem o conhecimento do indivíduo acerca da sua essência e que remetem para os significados mais profundos da sua existência, fora das imposições contextuais e institucionais onde se insere. Coletivamente, nas perspectivas existencialistas a autenticidade ocorre quando as pessoas escolhem, livremente, comprometer-se consigo próprias a diligenciarem as suas atividades num processo de autoria da sua própria maneira de ser (e.g., Kierkegaard, Nietzsche *in* Kernis & Goldman, 2006). Trilling (1971) descreve a descendência grega de palavra “autêntico”, *authenteo*: “ter o poder total”, isto é, o indivíduo possui e pode usufruir da capacidade de ser soberano do seu próprio self.

Kernis e Goldman, (2006), desenvolvem uma breve abordagem histórica e necessariamente seletiva acerca das perspectivas filosóficas sobre a *autenticidade* demonstrando riqueza e complexidade deste constructo. Os autores definem integrativamente quatro aspetos fundamentais da *autenticidade* e de um funcionamento autêntico:

- 1) A *autenticidade* reflete uma compreensão do próprio *self*. Enquanto Sócrates compara o autoexame como o valor intrínseco da existência

individual, outros filósofos, como Aristóteles, enfatizam a importância do auto conhecimento na organização das ações individuais;

- 2) Consequentemente, a *autenticidade* envolve comportamentos enraizados no autoconhecimento. Estes comportamentos refletem ações especificamente expressivas dos valores pessoais (e.g., Nietzsche), que são escolhidos livremente com um sentido de agência (e.g., Sartre, Kierkegaard);
- 3) Um funcionamento autêntico deve ser um reflexo da vontade e capacidade individual para objetivamente aceitar e reconhecer aspectos do *self* essencial. Deste modo, a *autenticidade* reflete uma ausência relativa de autoengano e um reconhecimento imparcial de informação relevante acerca do *self* ;
- 4) O funcionamento autêntico envolve uma orientação particular para o outro (e.g., Heidegger), sendo o estar com o outro aquilo que dá significado à existência e que possibilita novas descobertas de ser.

2. DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E DO CONCEITO PSICOLÓGICO DE AUTENTICIDADE

Vários clínicos e teóricos proeminentes na área da psicologia consideram que uma expressão individual autêntica constitui um dos traços chave para um funcionamento individual e relacional saudável. Este conceito, ao longo do desenvolvimento da Psicologia, tem surgido de formas parcialmente explícitas incorporada em várias teorias, mas nem sempre conceptualizada como um constructo específico. Genericamente, é fundamentado substancialmente que objetivos pessoais concordantes com o *self* são promotores de saúde e bem-estar psicológico (e.g., Erickson, 1959; Maslow, 1970; Rogers, 1951; Winnicott, 1960).

Segundo Erickson (1959) a organização do *self* envolve a forma como o indivíduo ajusta o seu autoconceito para assimilar novas experiências englobando-as na identidade, enquanto lida ativamente com exigências sociais emergentes e desafios desenvolvimentais. Esta organização e ajustamento contínuos do *self* individual, permeável a influências externas, mas mantendo a sua estrutura nuclear identitária, torna a *autenticidade* um marco fundamental do desenvolvimento da identidade.

Winnicott (1960), elabora uma distinção entre o possível desenvolvimento, durante a infância, de um *self* verdadeiro e de um *self* falso. Quando os primeiros prestadores de cuidados não são capazes de reforçar, positivamente, e apoiar as necessidades e sentimentos únicos da criança, esta pode divergir das suas próprias experiências autênticas do *self* e desenvolver um *self* falso, alicerçado na sua perspectiva daquilo serão os desejos das figuras parentais ou no medo de desaprovação. Esta tentativa de ser aceite pelos outros significativos pode tornar-se parte integrante de uma autoimagem em formação e transformar-se uma estratégia protetora que provavelmente será generalizada a outras relações significativas com o intuito de evitar consequências semelhantes.

Similarmente, Rogers (1970) enfatizou esta tendência de atualização do *self* como uma tendência direcional evidente na vida humana. Deste modo, a urgência do ser humano para expandir-se, desenvolver-se e amadurecer, na sua perspectiva corresponde à tendência para expressar e ativar todas as capacidades do *self*. Esta tendência é aquilo a que o autor chama de *self* real, mas distingue-o de conceitos do *self* ideal. O *self* ideal é um traço que foi sendo criado pelo indivíduo em resposta à experiência condicional de aprovação dos outros significativos e o consequente desenvolvimento de atributos condicionais de valor próprio. O seu conceito de congruência ou incongruência reportam ao grau de equilíbrio entre o *self* real e o *self* ideal: manifestamente a congruência refere-se a um alinhamento entre o *self* real e o *self* ideal, que será promotora de comportamentos e experiências de *autenticidade*.

É cada vez mais evidente que a *autenticidade*, lida à luz destes teóricos do desenvolvimento, se foi estabelecendo cada vez mais um constructo psicológico indissociável de diversas relações e suas características com que o indivíduo se depara ao longo da vida, mas aqui com ênfase na qualidade da relação com as primeiras figuras cuidadoras. Deste modo, vai surgindo a primazia dada às relações precoces com as figuras cuidadoras, que terão um impacto mais tardio na segurança percebida para a revelação de um *self* autêntico. Consequentemente, as relações emocionais estabelecidas na infância com as figuras parentais, tem um papel preponderante no desenvolvimento de laços emocionais futuros, que por sua vez têm um impacto duradouro na adaptação psicológica e social individual, que influenciará a forma como o indivíduo se relaciona consigo próprio e os outros significativos (Bowlby, 1980). Deci e Ryan (2004), com base na sua teoria da autodeterminação sugerem que o comportamento autêntico pode apenas surgir

depois das necessidades de autonomia e ligação emocional estarem satisfeitas e que a capacidade para realizar escolhas autênticas e intrinsecamente motivadas, parcialmente livres de influências relacionais externas é um pré-requisito para a saúde mental e emocional. Deste modo, para a construção de uma *autenticidade* individual é de importância vital considerar variáveis introduzidas durante a infância que podem repercutir-se nas crenças pessoais de quem o indivíduo pode ou deve ser, e que informações poderão revelar ou ocultar acerca de si mesmos, por exemplo, ao parceiro romântico

Kernis (2003), um dos principais investigadores da *autenticidade*, sugere que o desenvolvimento da componente de consciência da própria *autenticidade* é facilitado quando na infância os pais foram aceitantes e responsivos às necessidades da criança. Segundo o autor, a tipo de experiência que será mais destrutivo da *autenticidade* será quanto os pais explicitamente negam a legitimidade das experiências interiores da criança, chegando possivelmente mesmo a castiga-la. A contradição ou a punição continuada das experiências interiores da criança podem levar a que a criança ignore ou descarte esta experiência em detrimento das crenças das figuras parentais. O indivíduo transporta consigo um sistema de crenças e expectativas pré-existentes acerca de como os outros irão agir perante as suas necessidades, o que influencia a forma de ser e de estar nas relações presentes e futuras. No entanto, apesar da sua importância, apenas temos conhecimento de dois estudos que incluam variáveis das relações parentais e a *autenticidade*.

Harter, Marold, Whitesell e Cobbs (1996) examinaram a relação entre a qualidade percebida do apoio parental e do apoio dos pares, das expectativas individuais acerca da receção de apoio futuro, em adolescentes, e a medida em que o seu comportamento é simulado ou verdadeiro. Este estudo revela que a qualidade do apoio parental e dos pares estão positivamente associados com a veracidade do comportamento dos participantes. Adicionalmente, as expectativas de apoio desempenharam um papel mediador entre os níveis e qualidade do apoio percebidos e os níveis de comportamentos verdadeiros congruentes com o *self*.

Goldman e colaboradores (Goldman, Kernis, Stewart, Davis, Cascio, Lakey, & Heppner, 2005) examinaram numa amostra de estudantes universitários, a forma com a *autenticidade* se relaciona com as suas memórias desenvolvimentais dos estilos educativos parentais de Baumrind (1971) – autoritário, autoritativo e

permissivo. As relações mais fortes (e positivas) emergiram entre a *autenticidade* e o estilo autoritativo, tanto para o pai como para a mãe. Este estilo parental caracteriza-se pelo estabelecimento claro de regras e por um controlo que deposita confiança na criança de forma legítima e afetuosa. Estes pais explicam e justificam as suas expectativas e ações e são responsivos ao feedback dos filhos. Deste modo controlo parental exercido que permite autonomia e assegura apoio serão elementos chave no desenvolvimento de um funcionamento autêntico nas crianças e nos adolescentes que provavelmente será continuado na idade adulta.

3. AUTENTICIDADE NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS

Harter (1999, 2002), uma das principais investigadoras neste domínio, congruente com os conceitos de Rogers (1970) e Winnicott (1970), define *autenticidade* como uma forma de ação e expressão de si próprio consistente com os valores, desejos e emoções experienciados interiormente. Esta definição permite um verdadeiro *self*, falsos *selves* e a expressão de diferentes aspetos destes *selves* em contextos relacionais diferentes, aos quais chama múltiplos *selves*. Na perspetiva da autora, descobrir um equilíbrio entre conhecer o nosso próprio *self* nuclear autêntico e mostrar-se flexível em diferentes contextos sociais é, não só adaptativo, mas também um importante marco no desenvolvimento para alcançar o estado de *autenticidade*. Deste modo, enquanto o indivíduo se envolve na expressão de um *self* autêntico, desencadeia um processo que é individualmente determinado, situacional, temporário e delimitado a um contexto específico (Harter, 2002; Neff & Suizzo, 2006).

Apesar deste investimento intrínseco em encontrar uma congruência entre a experiência interna e sua expressão externa seja um processo de cariz individual, a literatura aponta crescentemente que uma expressão autêntica do *self* depende da forma como o indivíduo se sente aceite e valorizado pelos outros (Harter, Marold, Whitesell & Cobbs, 1996; Neff & Harter, 2002). Kernis (2003) defende que ser autêntico envolve permitir que os outros, com quem temos uma relação de proximidade, vejam o nosso verdadeiro *self*, o bom e o mau e que este risco interpessoal seja tomado com o objetivo de desenvolver intimidade e confiança mutuas. Adicionalmente, o autor defende que para o autoconhecimento proveniente das relações com os outros ser útil no desenvolvimento de capacidades individuais (como por exemplo a autoestima) este deve ser baseado

em avaliações precisas das efetivas capacidades e limitações. Consequentemente, a expressão individual autêntica do verdadeiro *self* torna-se fundamentalmente baseada nas relações interpessoais. A concepção de Kernis (2003) afasta-nos, definitivamente, de uma perspetiva individual do conceito de *autenticidade* e consolida-se assim mais recentemente a concepção de que a capacidade de agir autenticamente surge no contexto da interação com o outro. Particularmente, a *autenticidade* parece depender da segurança percebida pelo indivíduo para revelar os seus pensamentos e sentimentos em situações sociais ou relacionais específicas (Neff & Suizzo, 2006).

Kernis e Goldman (2006) definem *autenticidade* estrutural⁵ como o funcionamento desimpedido do verdadeiro *self* do indivíduo nas suas interações quotidianas. Distinguindo-se das definições anteriores unidimensionais de *autenticidade* (Goldman & Kernis, 2002; Kernis, 2003; Kernis & Goldman, 2005) os autores defendem que a *autenticidade* pode ser desconstruída em quatro componentes separados mas interconectados:

- 1) *Consciência*⁶: refere-se à posse de conhecimento e estar motivado para expandir esse conhecimento acerca de motivações, sentimentos, desejos e cognições relevantes para o *self*. Conhecer as próprias predisposições e características promove a integração e a autoaceitação das polaridades inerentes ao indivíduo numa representação do *self* integra, coerente e multifacetada;
- 2) *Processamento imparcial*⁷: envolve o processamento imparcial de informação relevante para o *self*. Esta componente envolve objetividade a respeito de aspetos positivos e negativos do *self*, emoções e outras experiências internas como conhecimento interior. Adicionalmente, envolve a aceitação sem distorção ou exagero de informação externa de cariz avaliador. O principal benefício desta componente é que contribui para um sentido do *self* relativamente exato. Esta precisão é altamente benéfica, pois indivíduos capazes de processamento imparcial estão motivados para se avaliarem objetivamente tanto no que respeita a aspetos positivos como negativos de si mesmos;

⁵ *Dispositional*

⁶ *Awareness*

⁷ *Unbiased processing*

- 3) *Comportamento autêntico*: pressupõe que o indivíduo se irá comportar de acordo com os próprios valores, preferências e necessidades, por oposição a adotar comportamentos inautênticos para satisfazer os outros ou evitar desaprovação. Reconhecendo que são inevitáveis situações em que a expressão autêntica do self resultará em crítica social é esperado que a *autenticidade* se reflita numa sensibilidade para ajustar o verdadeiro self às exigências contextuais, juntamente com uma maior consciência das implicações potenciais das escolhas comportamentais;
- 4) *Orientação relacional*: envolve a valorização e motivação individuais para ser autêntico e verdadeiro no contexto de uma relação de proximidade. Caracteriza-se pela honestidade inerente às ações e motivos de cada um, que são relevantes para os outros significativos, e para a precisão das crenças sobre si mesmo e sobre o outro. Adicionalmente, suporta a importância de que os outros significativos tenham acesso ao verdadeiro self para que seja facilitada a sua dinâmica relacional.

Expandindo e agregando estas duas últimas componentes de Kernis e Goldman (2006), referentes ao comportamento autêntico e à orientação relacional da *autenticidade*, Lopez e Rice (2006) avançam com um conceito de *autenticidade* que decorre especificamente no contexto das nas relações românticas. No entanto, os autores consideram ainda que a definição de *autenticidade nas relações* é provisória, suscitando a urgência de trabalho empírico sobre este conceito específico. Deste modo, os autores definem *autenticidade nas relações românticas* como um esquema relacional que favorece os benefícios das trocas mútuas e exatas sobre experiências reais do self como um parceiro romântico, em detrimento das possíveis consequências que daí podem advir como desconforto pessoal, desaprovação do parceiro ou instabilidade na relação.

Os autores desenvolveram uma escala: *Authenticitycity in Relationships Scale* – AIRS⁸ onde capturam este seu conceito de *autenticidade*, numa amostra de estudantes universitários que estivessem numa relação romântica. Baseando-se na definição de *autenticidade* de Harter (2002), os autores criaram um conjunto

⁸ O processo de adaptação para a população portuguesa encontra-se descrita no estudo 1, onde é apresentado, em maior detalhe, o desenvolvimento desta escala

inicial de 37 itens que submetidos a uma análise exploratória e posterior análise confirmatória, resultaram numa escala de 24 itens, e que constituí a medida de *autenticidade* escolhida para o presente trabalho. As análises referidas sugerem que esta escala se organiza em dois fatores distintos, mas partes integrante do mesmo constructo. Com base nestes fatores, os aurores conceptualizam as duas componentes da *autenticidade nas relações* românticas:

- 1) *Rejeição da desonestidade ou do engano*⁹: reflete uma recusa do indivíduo em mostrar ao parceiro romântico um *self* inautêntico, bem como uma preferência que o parceiro manifeste igualmente um *self* autêntico, independentemente de que a revelação autêntica possa não ir de encontro às expectativas que os parceiros tenham um do outro. Esta componente concentra-se mais em motivações centradas na pessoa para se envolver numa autorrevelação coerente com o *self* autêntico e em trocas relacionais honestas e genuínas;
- 2) *Tomada de risco na intimidade*¹⁰: descreve uma tendência individual para a abertura e para a autorrevelação íntima e autêntica, coerente com os pensamentos individuais, com o parceiro romântico. Esta dimensão parece ser o reflexo de avaliações baseadas na relação, de segurança e confiança com o parceiro romântico.

Neste mesmo estudo, os autores mostram uma associação positiva entre *autenticidade nas relações* e a autoestima e uma ligação (mais forte) entre uma tendência para a inautenticidade e o autoengano. Verificaram, também, ligações entre *autenticidade* e a *vinculação ao parceiro romântico*, notando que a *rejeição da desonestidade* se relaciona com magnitudes negativas e consideráveis com a ansiedade, mas especialmente elevadas para o *evitamento*. O mesmo acontece com a *tomada risco na intimidade*, mas neste caso as associações são mais fracas. Adicionalmente, a *autenticidade nas relações* contribuiu para explicar parte da variância e predizer uma maior satisfação com a relação romântica.

Harter, Waters e Whitesell (1997) sugerem que uma orientação para a inautenticidade numa relação de intimidade, provavelmente será reflexo de uma preocupação excessiva com a importância em manter a aprovação do parceiro e

⁹ *Unacceptability of deception* (UOD)

¹⁰ *Intimate risk taking* (IRT)

uma propensão para o *evitamento* de uma comunicação verdadeiramente recíproca, quando existe a percepção do risco de conflito. Corroborando estes resultados Lopez e Rice sugerem que um comportamento autêntico é frequentemente inibido por medo de falta de compreensão, desaprovação ou pela expectativa de que a revelação da verdade poderá originar um conflito que a pessoa deseja evitar. Consequentemente, pessoas fortemente orientadas para a *autenticidade nas relações* deveriam reconhecer que os benefícios de uma apresentação honesta do *self* com o parceiro romântico, claramente compensam custos e riscos potenciais.

Diversos estudos (Cole, 2001; Lopez & Rice, 2006; Neff & Suizzo, 2006) revelam que os participantes que recorrem a estratégias de desonestidade, ou que são menos autênticos, e que o fazem para evitar o conflito, a raiva do parceiro, a perda da sua aprovação ou mesmo da própria relação, o fazem de forma consciente e propositada. Parece assim existir uma noção individual de que o indivíduo consegue reconhecer, diferenciar e reportar com precisão quando está a ser autêntico ou inautêntico numa relação de qualquer cariz. No entanto, um comportamento individual autêntico tem sido verificado mais comumente no contexto de relações emocionalmente significativas (Lopez & Rice, 2006). Estes resultados reforçam a pertinência de estudar a *autenticidade* como um esquema relacional que incorpora a consideração do custo-benefício do valor e riscos de verdadeiras trocas relacionais e experiências do *self* com o parceiro romântico.

4. INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA ACERCA DA AUTENTICIDADE

Apesar da investigação empírica acerca da *autenticidade* ter começado há pouco mais de duas décadas, este constructo tem sido parcamente estudado (Wood, Linley, Matlby, Baniotis & Joseph, 2008, Wickham, et al., 2015), mas sempre existiu indiscutivelmente uma curiosidade à volta deste conceito. Na Tabela 1 apresentamos sumariamente aquilo que acreditamos ser a maioria dos estudos empíricos acerca da *autenticidade* e podemos observar que embora haja um interesse temporalmente constante no seu estudo, o número de estudos é bastante reduzido. Podemos, obviamente, observar que a investigação empírica acerca da *autenticidade* foi acompanhando as concepções teóricas suas contemporâneas e passa progressivamente do individual e da centração em aspetos do *self* para adotar uma abordagem mais relacional. Denota-se, também,

que inicialmente a *autenticidade* não tinha ainda “conquistado” o patamar de constructo delimitado e conceptualizado. Surgindo os primeiros trabalhos verificamos que a *autenticidade* estava indubitavelmente nas entrelinhas ao ser interpretada através da congruência e diferenciação da visão individual dos múltiplos *selves* (e.g., Harter & Mounson, 1992; Harter, Marold, Whitesell, & Cobbs, 1996). Adicionalmente, nos trabalhos iniciais não existia um instrumento de medida especificamente direcionado para este constructo, sendo muitas vezes perguntado diretamente participante qual o seu nível da *autenticidade*, ou comportamento verdadeiro ou falso, percebido em determinado contexto. Transversalmente, nos vários estudos apresentados na Tabela 1 a *autenticidade* tem sido sempre ligada a um largo conjunto de benefícios psicológicos, pessoais e relacionais e mesmo com um impacto indireto na saúde física (Impett, Breines & Strachman, 2010).

Sheldon, Ryan, Rawsthorne e Ilardi (1997) procuraram aceder às reflexões individuais acerca dos diversos papéis de vida (como por exemplo, estudante, amigo, parceiro romântico) desempenhados por estudantes universitários. Os autores concluíram que os papeis com que os participantes se sentiam mais satisfeitos, e nos quais reportaram menores níveis de *stress*, foram aqueles que lhes permitiam ser mais autênticos. Adicionalmente, participantes que relataram níveis de *autenticidade* superiores transversais a todos os papéis de vida estudados, reportaram uma autoestima geral mais elevada e menores níveis de ansiedade, depressão e de *stress* percebido.

Wood e colaboradores (2008) introduziram um modelo de *autenticidade* tripartido focando-se em três fatores: vivência autêntica, aceitação de influências externas e autoalienação. Paralelamente, os autores desenvolveram uma escala “*Authenticity Scale*”, cuja análise fatorial espelha estas 3 dimensões. Os autores efetuaram análises correlacionais em quatro grupos de participantes diferentes, que indicaram que maiores níveis de *autenticidade* se associam, em conformidade com o estudo anterior, a uma maior autoestima, satisfação com a vida, afetos positivos e menores níveis de *stress* e ansiedade.

Paralelamente os resultados de Heppner e colaboradores (Heppner, Kernis, Lakey, Campbell, Goldman, Davis, & Cascio, 2008) revelaram que os participantes reportaram maiores níveis de autoestima nos dias em que se sentiam mais autênticos e que estes resultados se mantiveram mesmo controlando os afetos positivos e negativos com os quais os participantes se deparam diariamente.

Goldman e Kernis (2002) revelam, igualmente ligações positivas entre a *autenticidade*, a autoestima e com avaliações maior satisfação global com a vida e ligações negativas com a autoestima contingente e a frequência com que o indivíduo experiencia afetos negativos. Outros investigadores suportam estes efeitos adaptativos, conectando a *autenticidade* a uma menor tendência defensiva quando os indivíduos descrevem experiências passadas que foram ameaçadoras para a sua auto estima (Lakey, Kernis, Heppner, & Lance, 2007). Adicionalmente, Lakey e colaboradores obtiveram correlações positivas entre a *autenticidade* e o *mindfulness* (atenção plena, capacidade de estar totalmente no momento presente) e que níveis mais elevados nestas duas variáveis se relacionam com um discurso verbal menos defensivo e tendencialmente com uma informação mais relevante acerca do *self*.

Nos estudos supracitados de Sheldon et al, (1997) e de Wood e colaboradores (2008) os autores procuraram também analisar os níveis de *autenticidade* em função dos cinco grandes fatores de personalidade¹¹, Ambos os estudos indicam que indivíduos mais autênticos tendem a ser mais extrovertidos, agradáveis, conscienciosos, abertos a novas experiências e menos neuróticos. Vários estudos suportam também a ligação entre a *autenticidade* e estados de humor positivos mais constantes (Goldman & Kernis, 2002) e níveis superiores de otimismo (Harter et al., 1996; Harter et al., 1997). Na sua generalidade, estes resultados providenciam um suporte empírico para a ligação entre a *autenticidade* e várias características de um funcionamento psicológico saudável e do bem-estar individual subjetivo, o que contribuí, adicionalmente, para fundamentar a importância do estudo deste conceito.

¹¹ Big Five Personality Traits

Tabela 1.

Visão geral dos estudos empíricos acerca da autenticidade

Ano	Autores	Outras variáveis estudadas	Participantes	Medida de autenticidade	Resultados principais
1994	Swann,, De La Ronde & Hixon	◦ Atributos do <i>self</i> percebidos pelo próprio e pelo parceiro ◦ Intimidade	Adultos numa relação de namoro ou casamento	<i>Self attributes questionnaire</i> (Pelham & Swan, 1989)	Em relações de compromisso as avaliações externas: ◦ Auto-verificadas são vistas como confirmação da própria autenticidade. ◦ Não auto-verificadas associadas a sentimentos de desconfiança, sejam de cariz positivo/ negativo.
1996	Harter, Marold, Whitesell, & Cobbs	◦ Apoio parental ◦ Apoio dos pares ◦ Auto estima	Adolescentes	Autenticidade baseada nos comportamentos individuais congruentes/ incongruentes com o <i>self</i> .	Maior autenticidade: ◦ Maiores níveis de autoestima, afetos positivos, otimismo e apoio percebido dos pais e pares; ◦ Participantes menos autênticos reconhecem que o são para obter aprovação externa.
1997	Sheldon, Ryan, Rawsthorne & Ilardi,	◦ 5 Grandes traços de personalidade ◦ Satisfação com os papéis de vida ◦ Auto estima	Estudantes universitários	5 itens criados pelos autores	◦ Indivíduos mais autênticos são mais extrovertidos, agradáveis, conscienciosos, abertos a experiências e menos neuróticos. ◦ Maior autenticidade nos papéis de vida refletem maior autoestima e bem-estar.

Ano	Autores	Outras variáveis estudadas	Participantes	Medida de autenticidade	Resultados principais
2001	Leak e Conney	◦ Padrões de vinculação romântica	Estudantes universitários	<i>Self-Determination and authenticity scale</i> (Sheldon & Deci, 1996)	◦ Seguro: maior de autenticidade, bem-estar psicológico, motivos relacionais autônomos¹²; ◦ Desinvestido: maior autenticidade, razões intrínsecas¹³ para estar na relação, menor bem-estar; ◦ Preocupado: menor autenticidade, razões autônomas para estarem na relação e bem-estar; ◦ Amedrontado: menor autenticidade, autonomia relacional e bem-estar.
2002	Goldman & Kernis	◦ Autoestima ◦ Funcionamento psicológico saudável	Estudantes universitários	<i>Authenticity inventory</i>	◦ Desenvolvimento do inventário e qualidades psicométricas; ◦ Maior autenticidade: ◦ Maiores níveis de autoestima, otimismo e satisfação com a vida; ◦ Menores níveis de autoestima contingente¹⁴ e afetos negativos

¹² Ao invés de motivos centrados no parceiro

¹³ Por oposição a motivos relacionados com aprovação exterior

¹⁴ Baseada em avaliações e contextos pontuais

Ano	Autores	Outras variáveis estudadas	Participantes	Medida de autenticidade	Resultados principais
2002	Neff & Harter	◦ Papéis de género ◦ Conflito interpessoal ◦ Bem-estar psicológico	Casais adultos	<i>Conflict resolution questionnaire</i> - inclui escala de autenticidade percebida	Menor autenticidade: ◦ Nas mulheres que tendem a aceitar as ideias do parceiro na resolução de conflitos, em vez de seguirem as suas próprias opiniões; ◦ Em conjunto com a falta de validação do parceiro relaciona-se com menor bem-estar psicológico.
2005	Kim	◦ Vinculação adulta ◦ Inteligência emocional	Estudantes universitários	<i>Self-determination and authenticity scale</i> (Sheldon & Deci, 1996)	◦ Autenticidade mediou a relação entre vinculação e inteligência emocional. ◦ Vinculação segura: associou-se com self autêntico que se associa com maior inteligência emocional. ◦ Vinculação ansiosa-ambivalente: associou-se com menor autenticidade do self e menor inteligência emocional
2006	Neff & Suizzo	◦ Género ◦ Cultura ◦ Poder ◦ Autoestima e depressão associadas à relação	Estudantes universitários americanos de descendência europeia e mexicana	Escala de 3 itens elaborada por Harter et al., 1992	Menor autenticidade: ◦ Associou-se a maiores desigualdades de poder entre géneros nas duas populações; ◦ Tem um impacto negativo na saúde psicológica (sobretudo em indivíduos de descendência mexicana)

Ano	Autores	Outras variáveis estudadas	Participantes	Medida de autenticidade	Resultados principais
2006	Lopez & Rice	◦ Autoestima ◦ Autoengano ◦ Vinculação romântica ◦ Satisfação relacional	Estudantes universitários	<i>Authenticity in Relationships scale</i> (AIRS)	◦ Desenvolvimento da AIRS e estudo das qualidades psicométricas; Maiores níveis de autenticidade: ◦ Menor evitamento e ansiedade e autoengano; ◦ Maiores níveis de autoestima e satisfação na relação.
2007	Lakey, Kernis, Heppner, & Lance	◦ <i>Mindfulness</i> ◦ Comportamento verbal defensivo	Estudantes universitários	<i>Authenticity inventory</i> (Kernis & Goldman, 2006)	Maior autenticidade correlaciona-se com o <i>mindfulness</i> e menores comportamentos verbais defensivos.
2008	Downing	◦ Vinculação romântica ◦ Satisfação relacional ◦ Papéis de género ◦ Intimidade	Adultos	<i>Authenticity in Relationships scale</i> (Lopez & Rice, 2006)	Associações positivas entre a autenticidade nas relações e percepções individuais de intimidade, a maior satisfação relacional e os níveis de igualitarismo referente aos papéis de género.
2008	Heppner, Kernis, Nezlek, Foster, Lakey, & Goldman	◦ Auto-estima	Estudantes universitários	Dois itens criados pelos autores acedendo à autenticidade diariamente	◦ Participantes revelaram maiores níveis de autoestima nos dias em que se sentiam mais autênticos ◦ Estes resultados mantiveram-se mesmo controlando os afetos positivos e negativos com os quais os participantes lidam diariamente.

Ano	Autores	Outras variáveis estudadas	Participantes	Medida de autenticidade	Resultados principais
2008	Wood, Linley, Matltby, Baliousis & Joseph	◦ 5 grandes traços de personalidade ◦ Autoestima ◦ Bem- estar psicológico	Estudantes universitários Adultos	<i>Authenticity Scale</i>	◦ Desenvolvimento da escala e estudo das qualidades psicométricas; ◦ Indivíduos mais autênticos tendem a ser mais extrovertidos, agradáveis, conscienciosos, abertos a novas experiências e menores níveis de neuroticismo; ◦ Mais autenticidade associa-se a maior autoestima, satisfação com a vida, afetos positivos e menores níveis de stress, ansiedade e depressão.
2010	Brunell, Kernis, Goldman, Heppner, Davis, Cascio, & Webster	◦ Funcionamento relacional ◦ Bem-estar Psicológico	Estudantes universitários numa relação de namoro/ casamento	<i>Authenticity inventory</i> (Kernis & Goldman, 2006)	◦ Participantes com maiores níveis de autenticidade relacional reportaram um comportamento relacional mais íntimo e construtivo ◦ Autenticidade dos homens está ligada ao funcionamento relacional saudável nas mulheres. ◦ A autenticidade das mulheres parece promover as suas próprias percepções de um funcionamento relacional saudável que, por sua vez, contribui para a percepção do parceiro de uma qualidade relacional positiva.

Ano	Autores	Outras variáveis estudadas	Participantes	Medida de autenticidade	Resultados principais
2010	Impett, Breines & Strachman	◦ Autenticidade nas relações ◦ Uso de preservativo	Estudantes universitárias do sexo feminino numa relação	<i>Inauthentic self in Relationships subscale of the Adolescent Femininity Ideology Scale</i> (Tolman & Porche, 2000)	◦ Mulheres menos autênticas, reportam menor uso de preservativo, principalmente em dias com acontecimentos negativos na relação; ◦ Mulheres mais autênticas na relação reportaram uso de preservativo mais frequente, uma vez que sentiam uma maior abertura para dizer aquilo que sentem.
2010	Gillath, Sesko, Shaver, & Chun	◦ Vinculação romântica ◦ Honestidade	Estudantes universitários	<i>Authenticity Inventory</i> (Goldman & Kernis, 2004)	◦ Vinculação insegura: ligada à inautenticidade, e desonestidade; ◦ Vinculação segura: maior autenticidade e honestidade
2013	Impett, Javan, Le, Asyabi-Eshghi, & Kogan	◦ Objetivos dos sacrifícios na relação ◦ Bem-estar pessoal e relacional	Casais adultos	Foi perguntado aos participantes de se sentiam autênticos numa situação de sacrifício	◦ Objetivos de aproximação (procura de solução positiva) predizem maior autenticidade, enquanto objetivos de evitamento de uma solução negativa predizem maior inautenticidade. ◦ Objetivos para o sacrifício na relação influenciam o bem-estar e a qualidade relacional através da autenticidade

Ano	Autores	Outras variáveis estudadas	Participantes	Medida de autenticidade	Resultados principais
2013	Wickham	◦ Satisfação e compromisso na relação ◦ Objetivo e qualidade da relação ◦ Vinculação romântica	Casais adultos	<i>Authenticity in Relationships scale</i> (Lopez & Rice, 2006)	◦ Indivíduos que perceberam o parceiro mais autêntico tendem a identificar-se mais com objetivos relacionais e menos com objetivos de auto proteção; ◦ Maior autenticidade individual relaciona-se com menos desconfiança no parceiro e, maior propensão para se focarem em aspetos positivos e integrativos da relação, mesmo quando a influência da vinculação insegura foi controlada. ◦ A autenticidade percebida do parceiro foi um preditor mais forte dos objetivos e qualidade da relação do que a autenticidade individual reportada pelo parceiro.
2015	Tou, Baker, Hadden, Yi-Cheng Lin	◦ Resolução de conflitos ◦ Objetivos compassivos vs. autocentros	Estudantes universitários	<i>Authenticity inventory</i> (Kernis & Goldman, 2006)	◦ Indivíduos mais autênticos em situação de conflito ◦ Tem uma maior tendência para ter em perspetiva não só as suas necessidades mas igualmente as do parceiro; ◦ Reportar níveis mais altos de objetivos compassivos para a sua resolução.

Ano	Autores	Outras variáveis estudadas	Participantes	Medida de autenticidade	Resultados principais
2015	Wickham, Reed & Williamson	◦ Satisfação relacional ◦ Compromisso	Estudantes universitários Casais adultos	1. <i>Authenticity in Relationships scale</i> (Lopez & Rice, 2006) 2. <i>Perceived Partner authenticity in relationships</i>	◦ Estudo das qualidades psicométricas da segunda escala; ◦ Percepção individual da autenticidade do parceiro tem maior contribuição para um menor evitamento, maior confiança e satisfação relacional, do que a própria autenticidade percebida.

4.1. INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA DA AUTENTICIDADE NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS

Sendo a *autenticidade* um constructo que é igualmente influenciado por fatores contextuais e pelas relações estabelecidas nesses contextos, poderão existir situações em que o indivíduo terá muito menor propensão para a *autenticidade*, ou até mesmo para a espontaneidade. Neste trabalho pretendemos abordar a *autenticidade* especificamente no contexto privilegiado para o seu desenvolvimento: as relações significativas e de intimidade, que se tornam no contexto, por excelência, que mais propiciam a revelação do *self* e de um comportamento genuíno. De facto, as relações românticas adultas têm sido o contexto principal da investigação empírica mais recente sobre *autenticidade*. Focando-nos na investigação contextualizada nas relações românticas, resultados de vários estudos corroboram a associação entre a *autenticidade* e relações íntimas mais plenas sugerindo que a *autenticidade* promove a satisfação relacional (Lopez & Rice, 2006) e o ajustamento relacional (Brunell, Kernis, Goldman, Heppner, Davis, Cascio & Webster, 2010). Indivíduos com maiores níveis de *autenticidade* reportam também uma maior motivação para tornar as suas relações em relações de intimidade (Kernis, 2003; Downing, 2008).

Kernis e Goldman (2006) consideram que um indivíduo autêntico valoriza a abertura e a intimidade nas suas relações românticas, defendendo que uma maior *autenticidade* se relaciona com mais autorrevelação. Adicionalmente, uma maior *autenticidade* relaciona-se com reações mais construtivas e menos reações destrutivas na resolução de conflitos dentro da relação romântica. Num estudo sobre a *autenticidade nas relações* românticas adultas, Neff e Harter (2002) revelam que os participantes que estavam mais preocupados em manter a ligação com o parceiro, tendem a resolver conflitos aceitando as necessidades do parceiro e sendo menos autênticos acerca das suas próprias necessidades. Na realidade, vários estudos sobre comportamentos inautênticos suportam que estes são maioritariamente adotados para evitar conflitos ou a irritação do parceiro (e.g., Cole, 2001). Deste modo, a percepção individual do custo-benefício influencia a expressão de um *self* autêntico nos vários tipos de relação e que estas percepções são parcialmente informadas pela avaliação diligente e continuada da aprovação ou desaprovação do *self* verdadeiro por parte dos parceiros.

Usando, também, o conceito de *autenticidade* estrutural de Kernis e Goldman (2006), mais especificamente a sua dimensão relacional, com estudantes

universitários numa relação de namoro ou casamento, Brunell e colaboradores (2010) verificaram que participantes com maiores níveis de *autenticidade* relacional reportaram um comportamento relacional mais íntimo e construtivo. Adicionalmente, os resultados obtidos por Brunell e colaboradores (2010) fundamentam que a *autenticidade* dos homens está ligada ao funcionamento relacional saudável nas mulheres. A *autenticidade* das mulheres parece promover as suas próprias percepções de um funcionamento relacional saudável que, por sua vez, contribui para a percepção do parceiro de uma melhor qualidade relacional. Estes resultados sugerem que a *autenticidade* do indivíduo poderá contribuir, direta ou indiretamente para o ajustamento e bem-estar relacional do parceiro romântico.

Swann, De La Ronde e Hixon (1994), realizaram um dos primeiros estudos diádicos acerca da *autenticidade* numa amostra de pares de namorados e casais adultos. Observaram que enquanto o indivíduo desenvolve e o seu autoconceito se torna estável, as avaliações dos outros tendem a ser confirmadas automaticamente, isto é, são autoverificadas e consideradas congruentes ou incongruentes com a conceção que o indivíduo tem de si próprio e podem ser vistas como uma confirmação da própria *autenticidade*. Pelo contrário, se estas avaliações externas não forem autoverificadas pelo indivíduo tendem a associar-se a sentimentos de desconfiança e desconforto, independentemente do seu conteúdo ser positivo ou negativo. Os autores verificaram que casais numa relação de namoro sentem maior intimidade com parceiros que os avaliam positivamente. Por sua vez, os participantes casados sentem uma maior intimidade com aqueles que os avaliam de uma forma autoverificada, mesmo que esta verificação tenha uma conotação negativa, desde que a avaliação do outro significativo seja coerente com as conceções que o indivíduo tem de si próprio. Deste modo os autores sugerem que indivíduos comprometidos em relações de longo termo procuram a autoverificação, ou seja preferem ser vistos de forma precisa em conformidade com o seu verdadeiro *self* e ser conhecidos de forma autêntica pelo parceiro romântico. Os autores teorizam que avaliações positivas que não sejam autoverificadas podem fomentar um sentido de inautenticidade e desconfiança na pessoa que as expressa.

Numa amostra de estudantes universitários com uma relação de namoro Tou, Baker, Hadden e Yi-Cheng Lin (2015) examinaram a relação entre a *autenticidade*, objetivos interpessoais e estilos de resolução de conflito. Os

resultados obtidos pelos autores apontam que uma maior *autenticidade* foi preditora da utilização de estratégias para lidar com o conflito que enfatizaram tanto uma preocupação com o *self*, como com o outro, isto é de estratégias integrativas e de compromisso. Deste modo, participantes mais autênticos tendem a reportar a adoção de estratégias de resolução de conflito que proporcionam soluções viáveis para os dois parceiros ao invés de favorecer o *self* (dominância), os outros (prestativo) ou nenhum dos dois evitando a situação. Num modelo de mediação, os autores demonstram que associações com a *autenticidade* e estratégias integrativas e de compromisso foram positivamente mediadas por objetivos centrados na compaixão e não na imagem do *self*. Objetivos de resolução de problemas compassivos mediam negativamente a relação entre a *autenticidade* e uma resolução do conflito dominante. Objetivos centrados em refletir o *self* operaram conjuntamente com estratégias dominantes e também mediando negativamente a relação entre a *autenticidade* e estratégias de evitamento. Ao examinar a relação entre a *autenticidade* e os estilos de conflito, os autores concluem que objetivos compassivos mediam a associação entre a *autenticidade* e estratégias de compromisso integrativas e menos estratégias de dominância. Estes resultados evidenciam que maiores níveis de *autenticidade* e mais objetivos baseados na empatia e menores os objetivos centrados no *self*, constituem fatores adaptativos numa relação, especialmente em caso de conflito.

Wickham (2013) foi o primeiro investigador a considerar a *autenticidade nas relações* românticas, conforme a conceptualização de Lopez e Rice (2006) de uma forma diádica e recíproca. Neste sentido, o autor assume que dentro da dinâmica da relação é provável que cada um dos indivíduos reflita acerca do quão autêntico será o seu parceiro. O autor propõe assim o conceito de Autenticidade Percebida do Parceiro¹⁵. Este constructo é avaliado por uma variação da *Escala de Autenticidade nas Relações* (Lopez & Rice, 2006) onde o participante se manifesta acerca da *autenticidade* ou inautenticidade que percebe no seu parceiro romântico. Neste estudo foi também avaliada a *autenticidade* individual com a versão original da mesma escala, usada no presente trabalho. Os resultados deste estudo revelam que os indivíduos que percecionaram o parceiro romântico atual como mais autêntico tendem a identificar-se mais com objetivos relacionais e menos com objetivos de autoproteção. Participantes que reportaram, adicionalmente, níveis

¹⁵ Partner Perceived Authenticity

mais altos de *autenticidade* individual tinham menos desconfiança no seu parceiro e mostravam, uma maior propensão para se focarem em aspetos positivos e integrativos da relação, mesmo quando a influência da *vinculação* insegura foi controlada. A *autenticidade* percebida do parceiro foi um preditor mais forte dos objetivos e qualidade da relação do que a *autenticidade* individual por cada membro do casal. A percepção individual de que o parceiro romântico é mais autêntico associa-se com uma orientação menos defensiva (maior conexão, menor autoproteção) e com uma maior qualidade da relação, independentemente da efetiva *autenticidade* individual. Os estudos das qualidades psicométricas desta escala foram publicados mais tarde (Wickham, Reed & Williamson, 2015), revelando a sua robustez e fiabilidade. O trabalho destes autores mostra a complexidade da dinâmica relacional e mutualidade para o desenvolvimento da *autenticidade* e o poder dos contextos relacionais na expressão de um *self* autêntico.

De uma forma geral, podemos concluir com base nos estudos apresentados que a *autenticidade* constitui um importante propiciador de um bem-estar e de um funcionamento adaptativo nas relações românticas, podendo mesmo constituir um fator protetor em situação de conflito que será o momento em que estas se tornam mais complexas e desafiantes. Deste modo, a *autenticidade* torna-se um potencial traço das relações de intimidade onde otimamente os parceiros estão especialmente interessados na comunicação conjunta, na troca de experiências e na validação recíproca.

4.2. AUTENTICIDADE E VINCULAÇÃO NA RELAÇÃO ROMÂNTICA

Considerando a que o sistema de *vinculação romântica* adulta tem como função manter a proximidade ao parceiro romântico, este sistema tem sido aquele que tem sido mais comumente estudado e que mais tem contextualizado a *autenticidade nas relações* (Tabela 1). De facto, Collins e Feeney (2000), de acordo com Hazan e Shaver (1987), defendem que a teoria da *vinculação* proporciona um enquadramento sólido para examinar as relações de intimidade adultas uma vez que postula que os estilos de *vinculação* podem influenciar a natureza e a qualidade de apoio mútuo entre parceiros românticos. Diferentes estilos de *vinculação* servem como guias que dirigem as respostas individuais a situações de sofrimento emocional e as percepções individuais acerca das

expectativas de disponibilidade e determinação do parceiro romântico em ser responsivo às necessidades.

Leak e Conney (2001) examinaram a relação entre estilos de *vinculação*, a *autenticidade nas relações*, o bem-estar e ajustamento relacionais. Os autores, numa amostra de estudantes universitários, encontraram associações significativas entre os níveis de *autenticidade* percebidos e o estilo de *vinculação* seguro, bem como com níveis superiores de bem-estar psicológico. Adicionalmente, indivíduos com um estilo de *vinculação* seguro, demonstraram um padrão de associações entre a *autenticidade*, motores comportamentais autónomos dentro da relação¹⁶ e bem-estar. Por sua vez, os indivíduos classificados como tendo um estilo de *vinculação* desinvestido revelaram associações modestas e negativas com *autenticidade*, razões intrínsecas¹⁷ para estar num relacionamento, e bem-estar. Participantes preocupados revelaram associações negativas com a *autenticidade*, razões autónomas para estarem na relação e bem-estar. Finalmente, participantes com um estilo de *vinculação* amedrontado revelaram associações negativas entre a *autenticidade*, autonomia dentro da relação e bem-estar e associações positivas com razões extrínsecas para estarem numa relação. Consequentemente uma *vinculação* segura contribuirá para a *autenticidade* na apresentação do self e será também uma fonte de uma auto percepção exata (Leak and Cooney, 2001).

Gillath, Sesko, Shaver e Chun (2010) apontam que a *autenticidade* estrutural de Kernis e Goldman (2006) se relaciona negativamente com a ansiedade e o *evitamento* acerca da *vinculação*. Os investigadores examinaram as correlações entre as quatro componentes da *autenticidade* (ver paginas 60 e 61), verificando associações negativas entre a ansiedade e a uma consciência da *autenticidade* mais exata, melhor processamento imparcial e um comportamental autêntico. Adicionalmente verificaram-se ligações significativas e negativas entre o *evitamento* e estas três dimensões, bem como com a dimensão relacional da *autenticidade*. A ansiedade e o *evitamento* revelaram-se preditores significativos da *autenticidade* total e ainda da *autenticidade* percebida nos diversos papéis

¹⁶ Este constructo distingue entre o ser apoiante e aberto na relação porque o indivíduo sente que é o correto/ genuíno - autonomia – e fazer aquilo que o parceiro quer para evitar conflito – baixa autonomia.

¹⁷ Por oposição a razões extrínsecas, baseadas em aspetos ou pessoas exteriores à relação.

relacionais do indivíduo, mesmo quando se incluíram os cinco grandes traços de personalidade.

Pesquisas posteriores indicam que pontuações mais altas na *autenticidade* estão ligadas a menor *evitamento* e *ansiedade* acerca da *vinculação* (Gillath, Sesko, Shaver, & Chan, 2010; Lopez & Rice, 2006). Uma *vinculação* insegura pode conduzir a um excesso de preocupação com a aprovação dos outros e o evitamento de interações reais com um parceiro romântico, pois estas podem ser geradoras de conflito relacional (Neff and Harter, 2002; Mikulincer & Shaver, 2007) ou de falta validação. Por sua vez, Lopez e Rice (2006) verificaram ligações entre *autenticidade* e a *vinculação ao parceiro romântico*, constatando que a *rejeição do engano* se correlaciona com magnitudes negativas e consideráveis com a *ansiedade*, mas especialmente elevadas para o *evitamento*. O mesmo acontece com a *tomada riscos na intimidade*, mas sendo neste caso as correlações mais fracas.

Kim (2005) propõe que um *self* autêntico seria mediador entre o estilo de *vinculação* e a inteligência emocional dos participantes. Os resultados obtidos pela autora revelam, que os níveis de *autenticidade* do *self* mediam a relação entre as dimensões da *vinculação* e inteligência emocional. Especificamente, pontuações mais altas na dimensão de *vinculação* segura associaram-se com um *self* mais autêntico que por sua vez se associa com uma maior inteligência emocional. Por outro lado, pontuações mais altas para o padrão de *vinculação* ansioso-ambivalente surgem associadas a uma menor *autenticidade* do *self* e menor inteligência emocional.

Utilizando a definição de *autenticidade nas relações* de Lopez e Rice (2006) o trabalho de Downing (2008), mostra associações positivas entre a *autenticidade* e as percepções individuais de intimidade relacional, a satisfação relacional e os níveis de equidade (relacionada com o género) sentidas na relação. Uma vez mais, verifica-se que são os indivíduos mais autênticos que reportam menores níveis de *ansiedade* e *evitamento* e adicionalmente de solidão. Em conformidade como no estudo de Lopez e Rice a ligação entre a *autenticidade*, especialmente da dimensão de *rejeição do engano* e o *evitamento* é especialmente forte.

À medida que a investigação acerca da *vinculação* e da *autenticidade* se desenvolve, as ligações entre os estilos de *vinculação* e expressão de um *self* mais autêntico parecem mais evidentes. Como apresentamos em estudos

anteriores, confirma-se a propensão para um comportamento e expressão mais autênticos e a segurança da *vinculação* no adulto. Adicionalmente, vários estudos mostram a ligação entre *vinculação* ansiosa e evitante e a *autenticidade*, além de outros efeitos relacionais tendencialmente mais disfuncionais. Vários investigadores na área da *vinculação* realçam que entre todos os tipos de relações na idade adulta, as relações românticas serão aquelas que mais espelham as dinâmicas de *vinculação* da infância (Mikulincer & Shaver, 2007). No entanto, a demonstração destes processos necessita de mais investigação empírica, uma vez que existem muito poucos estudos que se debrucem na influência das relações parentais na *autenticidade nas relações* adultas. Ainda, atendendo a que o impacto dos estilos de *vinculação romântica* adultos tem sido empiricamente demonstrado de forma consistente, bem como a origem destes estilos nas experiências de *vinculação* precoces, é impossível negar o impacto parental como raízes do comportamento autêntico.

METODOLOGIA

Nesta secção iremos apenas concretizar uma breve apresentação geral da metodologia utilizada e dos objetivos de cada um dos estudos. Em cada um dos estudos apresentados apresentaremos a metodologia aplicada de forma mais detalhada.

1. OBJETIVOS

Dada a importância da *autenticidade nas relações* no bem-estar psicológico e relacional do indivíduo, o presente trabalho estudo pretende, principalmente, contribuir para um aumento do conhecimento empírico acerca da *autenticidade nas relações* românticas. Tal como foi demonstrado na revisão da literatura os estudos empíricos nesta área são escassos e sugerem, justamente, a necessidade de um maior investimento na investigação acerca deste conceito. A pesquisa bibliográfica efetuada sugere que não parecem existir estudos empíricos acerca da *autenticidade* que procurem saber mais acerca das suas raízes nas relações de *vinculação* precoces com o pai e com a mãe. De uma forma geral, pretendemos compreender a *vinculação às figuras parentais* como contexto de alicerce da *autenticidade* dos indivíduos que irá repercutir-se posteriormente em contexto relacional na idade adulta; e como essa *autenticidade* poderá ter um papel preponderante em constructos basilares e vitais à relação romântica adulta, como a *vinculação e prestação de cuidados*. Que tenhamos conhecimento, não existe qualquer investigação que estude a ligação entre a autenticidade na relação romântica e os cuidados que o indivíduo perceciona prestar ao parceiro romântico. O presente trabalho inclui três estudos distintos e interconectados, cujos objetivos descrevemos brevemente:

ESTUDO 1:

Authenticity in relationships: Predicting caregiving and attachment in adult romantic relationships

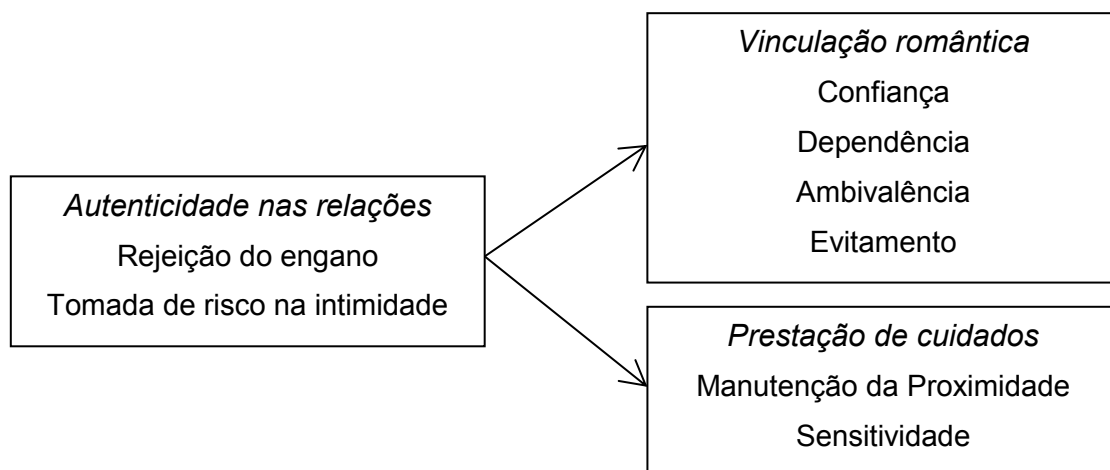
1. Traduzir, adaptar, realizar uma análise fatorial confirmatória e estudar as qualidades psicométricas da AIRS – P, versão portuguesa da *Authenticity in Relationships Scale* (Lopez & Rice, 2006), atendendo a que não existe

nenhuma medida deste constructo para a população portuguesa, de que tenhamos conhecimento.

2. Testar um modelo de equações estruturais, conforme o esquema abaixo, com os seguintes objetivos:
 - a. Avaliar o papel preditor da *autenticidade nas relações* nas dimensões da *vinculação adulta* ao parceiro romântico.
 - b. Analisar a importância da *autenticidade* como preditora da *prestação de cuidados responsiva* na relação romântica adulta.

Figura 2.

Esquema do modelo de equações estruturais a ser testado no Estudo 1



ESTUDO 2:

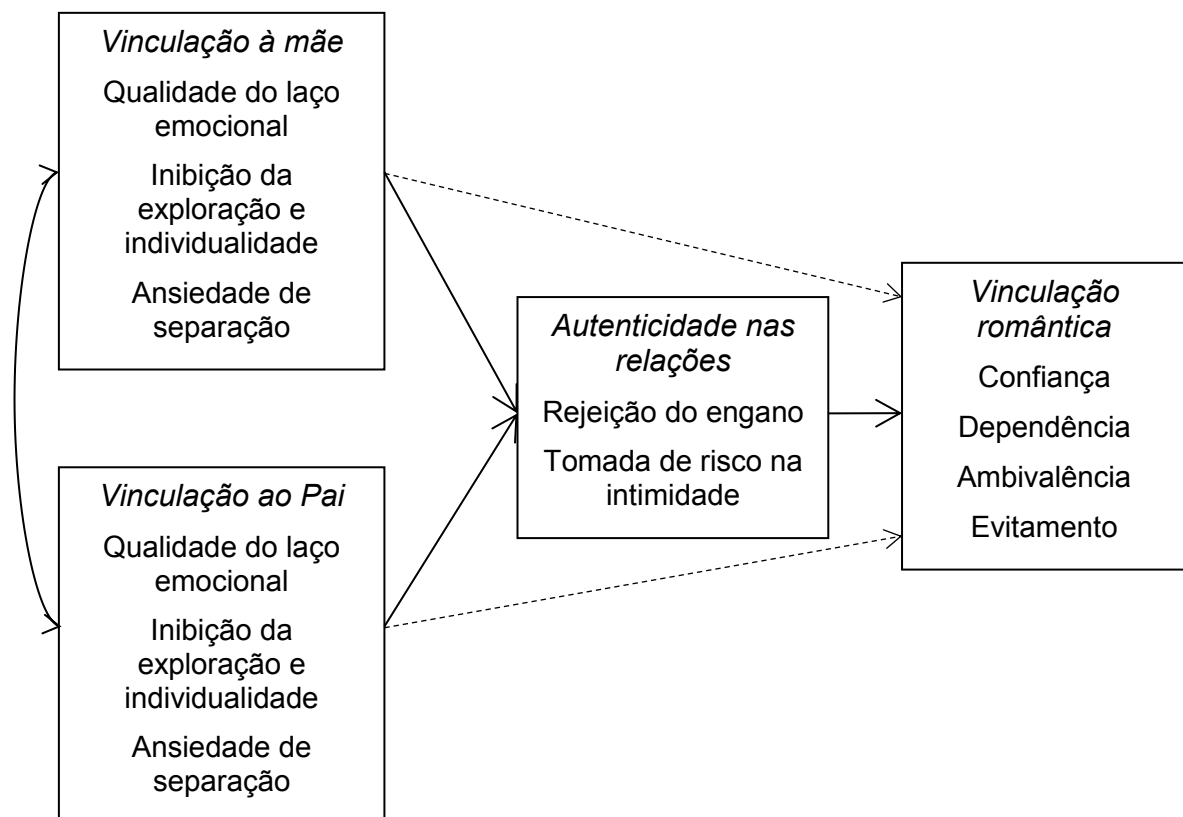
The mediator role of authenticity between attachment to parents and romantic attachment: Parents and offspring gender differences

3. Testar dois modelos de equações estruturais idênticos: um para homens e outro para mulheres, com o intuito de analisar o papel mediador da *autenticidade nas relações* entre a *vinculação ao pai e à mãe* e a *vinculação ao parceiro romântico*, conforme se ilustra na Figura 3.
 - a. Perceber o papel da relação de *vinculação* com as figuras parentais que os participantes recordam da sua adolescência (acedendo

- retrospectivamente às memórias dos participantes) na *autenticidade nas relações* românticas adultas;
- b. Analisar possíveis os efeitos diretos da *vinculação ao pai e à mãe* na adolescência na *vinculação romântica* adulta;
 - c. Analisar possíveis os efeitos indiretos diretos da *vinculação ao pai e à mãe* na adolescência na *vinculação romântica* adulta, através do papel mediador da *autenticidade*;
4. Compreender se o género dos participantes e das figuras parentais poderá estar subjacente a eventuais diferenças na *vinculação ao pai e à mãe*, como prováveis pedidoras da *autenticidade* e da *vinculação na relação romântica* adulta.

Figura 3.

Esquema do modelo de equações estruturais a ser testado separadamente para homens e para mulheres no Estudo 2.



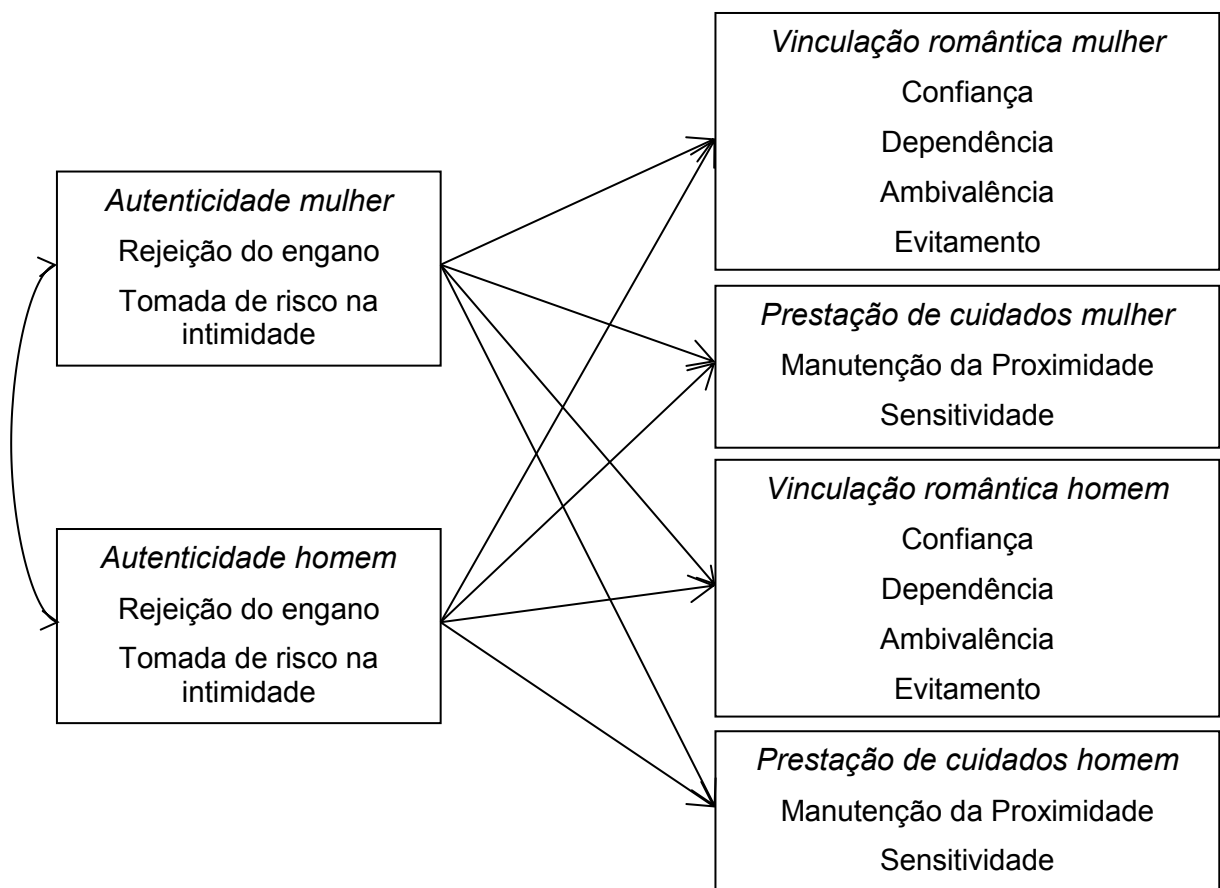
ESTUDO 3:

A dyadic perspective on authenticity in relationships and romantic partner attachment and caregiving

5. Estudar o papel preditor da *autenticidade nas relações* na *vinculação amorosa* e na *prestação de cuidados responsiva* ao parceiro romântico, estendendo-se a unidade de análise do individual para o casal.
 - a. Compreender se a *autenticidade* de um dos parceiros contribui para a *vinculação amorosa* e para a *prestação de cuidados responsiva* do outro.
 - b. Analisar a importância da *autenticidade* como preditora da *prestação de cuidados responsiva* e da *vinculação romântica* adulta individualmente, em cada um dos membros do casal.

Figura 4.

Esquema do modelo de interdependência ator-parceiro a ser testado no Estudo 3



2. PARTICIPANTES E PROCEDIMENTO

As amostras dos três estudos são constituídas por participantes voluntários (não foi oferecido qualquer compensação), que estivessem casados ou a viver em união de facto há um ano ou mais, sendo este um critério de exclusão. Este critério surge uma vez que, teoricamente é necessário um determinado tempo para que numa relação se crie um laço emocional de *vinculação* (e.g., Zeifman & Hazan, 1997). Adicionalmente, inicialmente as relações tendem a ser menos autênticas, numa tentativa de agradar e ir de encontro aos desejos do outro. De facto investigação (e.g., Downing, 2008) sugere que o constructo da *autenticidade nas relações* românticas parece ser grandemente permeável às fases em que a relação romântica se encontra (namoro, casamento/ união de facto), pelo que no presente trabalho pretendemos minimizar este possível viés recorrendo a uma amostra de participantes casados ou em união de facto.

Os participantes foram contactados e os instrumentos foram recolhidos de duas formas distintas:

1. *Online* pelo *email* dinâmico da Universidade do Porto, sendo a maioria dos participantes estudantes ou funcionários das várias faculdades desta universidade. Deste modo, foi enviado *email* aos participantes, explicativo dos objetivos do estudo com um *link* para os questionários online (Google forms) caso estivessem dispostos a responder, garantindo-se o total anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos. É de salientar que todos os itens dos questionários *online* eram de resposta obrigatória, sendo que a sua omissão não permitia que o participante avançasse, facilitando a inexistência de valores omissos;
2. Pelo método da bola de neve, principalmente no que se refere à amostra de casais. De forma a e garantir a confidencialidade e o anonimato, o protocolo foi entregue, com a ajuda de colaboradores externos, num envelope fechado, não sendo solicitada nenhum tipo de informação que permitisse identificar os participantes. Foram fornecidos mais dois envelopes numerados aleatoriamente, de forma a agrupar os questionários, tendo sido solicitado aos participantes que os fechassem mal terminassem de responder.

Tabela 2.

Número total de participantes incluídos em cada um dos estudos

Unidade de análise		N
Estudo I	Individual	400
Estudo II	Individual	442 → 2 amostras
Estudo III	Casal	205

233 Mulheres
209 Homens

3. INSTRUMENTOS DE MEDIDA

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO (Anexo I)

Este questionário foi desenvolvido pela equipa de investigação solicitando ao participante que fornecesse dados relativos ao sexo, idade, escolaridade, estado civil, duração da relação e número de filhos.

ESCALA DE AUTENTICIDADE NAS RELAÇÕES – AIRS (Anexo II; Lopez & Rice, 2006)

É um questionário de autorrelato composto por 24 itens¹⁸. Este questionário procura avaliar se os participantes percebem que os benefícios de uma exposição honesta e verdadeira de si próprios perante o parceiro romântico, compensa claramente os riscos e potenciais consequências que daí possam advir. Esta escala é composta por duas dimensões:

Rejeição do engano (13 itens): reflete uma recusa do indivíduo em mostrar ao parceiro romântico um *self* inautêntico, bem como uma preferência que o parceiro manifeste igualmente um *self* autêntico, independentemente de que a revelação autêntica possa não ir de encontro às expectativas que os parceiros tenham um do outro. Os itens desta dimensão que são revertidos de forma a traduzirem uma tendência para a *autenticidade* (e.g., “Se o (a)

¹⁸ O processo de tradução e adaptação desta escala para a versão portuguesa é apresentada detalhadamente no Estudo 1.

meu (minha) companheiro(a) conhecesse o meu verdadeiro eu, provavelmente ficaria surpreendido(a) e desapontado(a)");

Tomada de risco na intimidade (11 itens): procura avaliar uma tendência individual para a abertura e para a autorrevelação íntima e autêntica, com o parceiro romântico, coerente com os pensamentos individuais. Esta dimensão parece ser o reflexo de avaliações baseadas na relação, de segurança e confiança com o parceiro romântico. (e.g., *Quando estou com o (a) meu (minha) companheiro(a), sou completamente eu mesma(o).*

As respostas são solicitadas numa escala tipo Likert de que varia desde “1 – *não me descreve de forma alguma*” a “9 – *descreve-me muito bem*”.

QUESTIONÁRIO DE *VINCULAÇÃO AMOROSA* – QVA: VERSÃO REDUZIDA (Anexo III; Matos, Cabral & Costa, 2008)

Trata-se uma medida de autorrelato especificamente desenvolvida para a população Portuguesa (Matos, 2002). Este questionário baseia-se na conceção da *vinculação* adulta de Bartholomew e Horowitz (1991), permitindo, adicionalmente à abordagem dimensional, que as dimensões sejam organizadas (através da análise de clusters) de modo a traduzir os quatro padrões de *vinculação* propostos pelas autoras. A versão reduzida engloba 25 itens que medem quatro dimensões distintas da *vinculação ao parceiro romântico*:

Confiança (6 itens): esta dimensão procura aceder às perceções dos participantes acerca da *responsividade* e *sensitividade* do parceiro romântico às suas necessidades específicas (e.g., *“Sei que posso contar com a (o) minha (meu) companheira(o) sempre que precisar dela (dele)”*);

Dependência (6 itens): concerne as necessidades dos participantes de proximidade física e emocional com o parceiro romântico, procurando também avaliar a *ansiedade de separação* e medo de perder o parceiro (e.g., *Só consigo enfrentar situações novas, se ele (ela) estiver comigo*);

Evitamento (6 itens): esta dimensão pretende demonstrar que o parceiro romântico é visto como tendo um papel secundário para satisfazer as necessidades de *vinculação* dos participantes (e.g., *“Não preciso dos cuidados do (da) meu (minha) companheiro(a)”*);

Ambivalência (7 itens): pretende avaliar a possível insegurança sentida pelos participantes, expressa pela dúvida da validade do seu próprio papel como parceiro romântico e das suas próprias emoções dirigidas ao parceiro. Esta ambivalência surge, pois o indivíduo deseja e receia, ao mesmo tempo, tornar-se próximo do parceiro romântico (e.g., “Às vezes acho que ela (ele) é fundamental na minha vida; outras vezes não”).

As respostas às questões estão organizadas numa escala de *Likert* de 6 pontos que varia desde “1 – discordo totalmente” a “6 – concordo totalmente”.

QUESTIONÁRIO DE VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE – QVPM: VERSÃO RETROSPECTIVA (Anexo 4; Matos & Costa, 2001)

Este instrumento de autorrelato, desenvolvido especificamente no contexto da população portuguesa, permite aceder às representações de *vinculação* na relação com cada uma das figuras parentais separadamente. Apesar de inicialmente ter sido desenvolvido para adolescentes e jovens adultos, alguns estudos (cf. Gouveia & Matos, 2011) já utilizaram esta versão retrospectiva, onde os itens são colocados no passado, sendo pedido aos participantes que recordem a sua relação com os seus pais na adolescência. À semelhança do QVA, este instrumento permite aceder a abordagem dimensional da *vinculação*, contudo a sua elaboração assentou igualmente numa abordagem prototípica, sendo possível através de procedimentos de análise de clusters, obter os quatro padrões de *vinculação* de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Este instrumento engloba três dimensões, cada uma composta por 10 itens:

Qualidade do Laço Emocional: avalia a recordação do participante acerca da importância do pai e da mãe como figuras de *vinculação* na sua adolescência, ou sejam se era vista como única e fundamental para o seu desenvolvimento, a quem recorreu em situações de dificuldade e com quem projetou uma relação duradoura (e.g., “*Tinha confiança que a minha relação com os meus pais se iria manter no tempo.*”);

Inibição da exploração e individualidade: avalia retrospectivamente a percepção dos participantes relativamente às restrições impostas à expressão da sua individualidade durante a adolescência. Estas exteriorizam-se pelas dificuldades sentidas na revelação de opiniões divergentes das da figura parental, pela ausência de apoio a tentativas de

exploração, e pela intromissão indesejada em assuntos pessoais (e.g., “*Os meus pais estavam sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo*”;

Ansiedade de Separação: possibilita aceder à memória dos participantes, relativamente a experiências de ansiedade e medo da separação da figura parental durante a sua adolescência, que possivelmente seriam reveladoras de uma relação de dependência (e.g., *Pensava constantemente que não podia viver sem os meus pais*).

As respostas às questões estão organizadas numa escala de *Likert* de 6 pontos que varia desde “1 – discordo totalmente” a “6 – concordo totalmente”.

QUESTIONÁRIO DE PRESTAÇÃO DE CUIDADOS – CGQ (Anexo 5; Kuncce & Shaver, 1994; versão portuguesa: Torres & Oliveira, 2010)

É um instrumento de autorrelato que permite aceder às perceções dos próprios participantes como prestadores de cuidados, na sua relação romântica. É constituído por 32 itens, 8 por dimensão e engloba 4 dimensões distintas:

Manutenção da Proximidade: avalia a perceção dos participantes acerca da sua disponibilidade de proporcionar conforto físico ao parceiro romântico, quando surge esta necessidade (e.g., “*Quando o (a) meu (minha) companheiro(a) chora ou está aflito(a), o meu primeiro impulso é abraçá-lo(a) ou tocar-lhe*”);

Sensitividade: pretende aceder às capacidades dos participantes em reconhecerem os sentimentos do parceiro romântico e as suas necessidades de apoio e conforto (e.g., “*Sou muito atenta(o) aos sinais não-verbais que o(a) meu (minha) companheiro(a) utiliza para me demonstrar que procura ajuda e apoio*”);

Prestação de cuidados controladora: avalia a extensão em que o participante adota uma postura dominante e não cooperante durante o processo de *prestação de cuidados*, não conseguindo respeitar as capacidades do parceiro para a resolução do problema (e.g., “*É frequente dizer à (ao) minha (meu) companheira(o) o que deve fazer quando ela(e) está a tentar tomar uma decisão*”);

Prestação de cuidados compulsiva: traduz um envolvimento excessivo dos participantes com as dificuldades do parceiro e uma tendência para a fusão com o parceiro em situação de necessidade (e.g., “Tenho *tendência para assumir os problemas do(a) meu (minha) companheiro(a) e depois sinto-me sobrecarregada(o) com eles.*”);

As respostas são solicitadas numa escala tipo Likert de que varia desde “1 – *não me descreve de forma alguma*” a “6 – *descreve-me muito bem*”.

No presente trabalho apenas foram usadas as dimensões que traduzem a *prestação de cuidados responsiva*: composta por duas dimensões correlacionadas: a *manutenção de proximidade* a um parceiro em dificuldade e a *sensitividade* aos sinais do parceiro de necessidade de cuidados. Em nenhuma das amostras em estudo as dimensões de *prestação de cuidados* compulsiva e controladora mostrou uma consistência interna adequada ($\alpha \geq .60$), nem a análise fatorial confirmatória do instrumento no seu todo mostrou índices de ajustamento adequados. Esta medida foi traduzida para português por Oliveira e Torres (2010) e validada numa amostra de ex-toxicodependentes após tratamento de reabilitação, no entanto os valores de consistência interna para estas duas dimensões revelou-se também baixo. Adicionalmente, esta diferença de características dos participantes nas diferentes amostras pode por si só ser justificativa do comportamento da escala não se manter.

PARTE II

ESTUDOS EMPÍRICOS

STUDY 1

AUTHENTICITY IN RELATIONSHIPS: PREDICTING CAREGIVING AND ATTACHMENT IN ADULT ROMANTIC RELATIONSHIPS

Gouveia, T., Schulz, M.S. & Costa, M.E.

As published on Journal of Counseling Psychology (2015).

<http://dx.doi.org/10.1037/cou0000128>

Abstract

The primary purpose of this research was to examine associations between *authenticity in relationships* and *romantic attachment* and *caregiving*. *Authenticity* is approached as a relational phenomenon that is facilitated when individuals assume that truthful and open communication with one's partner will be reciprocally valued despite prospective risks. Items from the *Authenticity in Relationship Scale* (AIRS, Lopez & Rice, 2006) were translated to Portuguese, back-translated by a bilingual expert, and then reviewed by other researchers. The AIRS-P was administered to 400 Portuguese participants (23-71 years old) in long-term intimate relationships along with the Romantic Attachment Questionnaire (Matos, Cabral & Costa, 2008) and the Caregiving Questionnaire (Torres & Oliveira, 2010). A few items from the original AIRS loaded poorly in the Portuguese sample. However the confirmatory factor analysis of the AIRS-P established the presence of the two original underlying factors, *unacceptability of deception* and *intimate risk taking*. SEM results indicate that *authenticity in relationships* is linked in expected ways to *romantic attachment* and *caregiving* to a partner. The correlates found in this Portuguese sample are similar to those found in previous research with American samples suggesting cross-cultural consistency in the nature of *authenticity*.

Keywords: Authenticity in relationships, romantic attachment, caregiving to partner, adults.

Introduction

Many prominent psychological theorists and clinicians consider authentic self-expression a key feature of healthy individual and relational functioning (e.g., Erickson, 1968; Maslow, 1970; Rogers, 1951; Winnicott, 1960). There is, however, a lack of empirical study of authentic self-expression, and important questions remain about the best way to conceptualize it (e.g., Kernis & Goldman, 2005; Lopez & Rice, 2006). Harter (1999, 2002) defined *authenticity* as acting and expressing oneself in ways that are consistent with inwardly experienced values, desires and emotions. *Authenticity* has often been conceptualized as an individual personality trait, yet the capacity to act authentically also arises in interactional contexts with others. In particular, *authenticity* appears to depend on the perceived safety to reveal one's inner thoughts and feelings in specific social or relational contexts (Neff & Suizzo, 2006).

Researchers have begun to approach *authenticity* in a more relationally oriented framework and to identify its multiple components. Kernis and Goldman (2006) defined dispositional *authenticity* as the unconstrained operation of an individual's true self in everyday interactions. They delineated four dimensions of *authenticity*: being aware of one's own intrinsic motives, feelings and cognitions; being able to evaluate the self in an unbiased way despite others' opinions; behaving according to one's inner values and needs rather than external expectations, and engaging with close others in ways that reflect openness and sincerity so that others see one's real self.

In conceptualizing *authenticity in relationships*, Lopez and Rice (2006) expanded these last two dimensions in the context of adult romantic relationships, defining *authenticity in relationships* as a "relational schema that favors the benefits of mutual and accurate exchanges of real self-experiences with one's intimate partner over the attendant risks of personal discomfort, partner disapproval or relationship instability" (p. 364). The *Authenticity in Relationships Scale* (AIRS; Lopez & Rice, 2006), that assesses this construct is the central measure of the present study. Based on literature and emerging ideas Lopez's research team developed an initial item pool, with the underlying goal of capturing perceived beneficial or adverse consequences of authentic interactions within a romantic relationship. They did an exploratory factor analysis with these items on half of their sample (total $n = 487$) and two factors emerged. Using the other half of their sample, they conducted confirmatory factor analyses, which provided support for the two factor

solution. The factors were: *unacceptability of deception* and *intimate risk-taking*. *Unacceptability of deception* (UOD) reflects resistance to maintaining and showing inauthentic self and partner's representations; *intimate risk-taking* (IRT) describes a personal tendency for openness and intimate self-disclosure with a romantic partner (Lopez & Rice, 2006). While dispositional conceptions consider *authenticity* measurement as an approach to individual differences, possibly linked to relational backgrounds, the AIRS characterizes *authenticity* as a relational phenomenon that is facilitated when interactions undertake a truthful open communication with one's partner which will be mutually valued despite potential risks.

Authenticity has been linked to a number of beneficial psychological and relational qualities. Studies using the Big Five Personality traits have found that individuals with a more authentic self tend to be more extroverted, agreeable, conscientious, open to new experiences, and non-neurotic (Wood, Linley, Maltby, Baliousis, & Joseph, 2008). Research also supports the links between *authenticity* and greater life and role satisfaction (Wood et al., 2008), positive affect (Goldman & Kernis, 2002), self-esteem (Kernis, 2003), optimism (Harter, et al., 1997) and less depressive symptomatology (Wood et al., 2008).

Several studies have found associations between *authenticity* and more fulfilling intimate relations, suggesting that *authenticity* may promote relationship satisfaction (Lopez & Rice, 2006) and adjustment (Brunell et al., 2010). Individuals with higher levels of *authenticity* also report being more motivated to attain intimacy (Kernis, 2003). Other research supports these adaptive relational effects by connecting *authenticity* to less defensiveness when describing experiences that threaten self-esteem (Lakey, Kernis, Heppner, & Lance, 2007) and to less self-concealment and disorganization (Lopez & Rice, 2006). *Authenticity in relationships* is closely linked to current partner characteristics and relational dynamics such as support and acceptance of the other's self. Harter et al. (1997) suggested that individuals' perceptions of partner validation were connected to the individuals' own perceived *authenticity* in the relationship.

Adult romantic attachment system

The attachment system, which helps to maintain *proximity* to a partner, may be an important contributor to *authenticity*. While infants' attachment involves emotional bonds

with parental figures (Bowlby, 1969), adults' attachment needs transform, and the main attachment figure tends to become one's romantic partner (Hazan & Shaver, 1987). Bartholomew and Horowitz (1991) argued that *romantic attachment* could be understood in terms of the positivity or negativity of one's views about the self and others. These models of self and others can be combined to capture the four adult attachment styles that are widely emphasized in the literature: secure, preoccupied, fearful and dismissive. The secure attachment style, linked with early experiences of supportive relationships, is characterized by a positive model of the self and others. Secure individuals tend to be capable of developing intimate relations with low levels of *avoidance* and high levels of *trust* (Matos, 2002). The preoccupied style is characterized by a positive model of others and negative view of the self. Preoccupied individuals tend to seek other's attention constantly, leading to high anxiety and *dependence* in their relationships. The dismissive style is marked by a positive model of the self and negative view of others. This style is thought to arise as a way to cope with rejection from an attachment figure, and is associated with the *avoidance* of intimacy and reports of low levels of anxiety about relationships. Finally, fearfully attached individuals are characterized by a negative model of the self and others. They tend to have high anxiety levels about relationships while they simultaneously avoid intimacy due its inherent risks, leading to *ambivalence* (Matos, 2002; Bartholomew & Horowitz, 1991).

From this perspective, secure attachment would contribute to *authenticity* in self-presentation and be a source of accurate self-perceptions (Leak & Cooney, 2001). Past research confirms that greater *authenticity* is linked to less attachment *avoidance* and anxiety (Gillath, Sesko, Shaver, & Chan, 2010; Lopez & Rice, 2006). Attachment anxiety might lead to an over concern about partner's approval and a questioning about one's own value, which in turn could contribute to the avoidance of real exchanges. Individuals, who are avoidant in their attachment, tend to hide their vulnerabilities and emotions, thus reducing their authentic self-disclosure (Neff & Harter, 2002).

Adult romantic caregiving system

Adult romantic relations do not only involve the attachment system, but also the *caregiving* system. In fact, attachment and *caregiving* are linked and reciprocally influence each other. Just as needy children seek their parents, adults look to their romantic partner

for protection, support and care when faced with adversity or personal challenges (Collins & Ford, 2010). A responsive adult caregiver meets a partner's needs for support when the *caregiving* system is activated by suffering or distress. A responsive caregiver provides care and love, understands partner's feelings and attitudes, and facilitates autonomy and personal growth (Reis & Shaver, 1988). Research findings suggest that *responsive caregiving* is vital for fulfilling and stable relationships (Collins & Feeney, 2000) and is related to attachment security (Mikulincer & Shaver, 2007). Despite the fact that the *caregiving* system has been viewed as a vital component of adult emotional bonds, it has received little empirical attention (Collins & Ford, 2010). This study is intended to address this gap as well as the understudied link between *authenticity in relationships* and *caregiving* to partner.

Goals of the study

The primary purpose of this research is to examine associations between *authenticity in relationships* and *romantic attachment* and *caregiving*. It is expected that dimensions of *authenticity* will be positively linked with attachment security and *caregiving* responsiveness. Past research on *authenticity* has focused mostly on adolescents or undergraduate samples from North America (e.g., Brunell, et al., 2010; Gillath, et al. 2010; Impett, et al., 2013; Lopez & Rice, 2006; Neff & Suizzo, 2006) like the sample in the AIRS validation study by Lopez and Rice (2006). As adult participants may have different experiences in intimate relationships (Waldinger, Cohen, Schulz, & Crowell, 2015), this study intends to explore the applicability of the AIRS to older individuals. By examining *authenticity* in a Portuguese sample, this study provides an opportunity to explore the cross-cultural consistency of the construct of *authenticity* and its linkage to relevant relationship characteristics.

Method

Participants and procedure

Participants were all volunteers (no compensation was given) and were required to be married or living together for at least one year. Since a certain amount of time is

needed to create an attachment bond (Zeifman & Hazan, 1997), participants were limited to those already in a committed relationship. Past research (e.g., Downing, 2008) has also found differences in *authenticity* due to relationship status (single, dating, married/living together), so the study sought to minimize this possible bias.

The majority of the participants were graduate students or employees (academic and non-academic) from various departments of the University of Porto, the larger public university in Portugal. The study was advertised through the university email service and participants were informed about the research goals, data confidentiality and anonymity. Other participants were recruited through a snowball method. Questionnaires were completed online or on paper at the University facilities. The small number of participants with missing data (all completed paper questionnaires) were excluded from analyses ($n = 27$). The final sample consisted of 400 participants, (200 women and 200 men) between 23 and 71 years of age ($M = 43.31$, $SD = 13.90$). All of the participants were married or living together from 1 to 52 years ($M = 18.46$, $SD = 14.68$). Regarding education, 41.3% of the participants reported that they had not completed high-school, 19.5 % of the participants reported high-school completion, and 39.3% reported completing college.

Measures

Authenticity in Relationships Scale (AIRS; Lopez & Rice, 2006) is a 24-item self-report questionnaire that assesses one's perception of whether the benefits of honest self-presentations with an intimate partner outweigh their potential risk or costs. The original AIRS is comprised of two subscales: *unacceptability of deception* (UOD, 13 items) and *intimate risk taking* (IRT, 11 items). In previous work (Lopez & Rice, 2006), the internal consistency of both subscales was high ($\alpha^{\text{UOD}} = .88$, $\alpha_{\text{IRT}} = .86$), and the AIRS had good test-retest reliability ($r = .76$, $p < .001$). Participants are asked to respond using a 9-point Likert scale ranging from 1 (not at all descriptive) to 9 (very descriptive). UOD reflects motivation to engage in honest self-disclosure and relational exchanges. UOD items are reverse scored in order to index a tendency toward *authenticity* (e.g., "I would rather be the person my partner wants me to be than who I really am"). The IRT items capture self-perceptions of safety and trust in self-disclosing to one's romantic partner (e.g., "I answer my partner's questions about me honestly and fully"). For this study, the AIRS was translated into Portuguese following established recommendations for cross-cultural research (Hambleton, Merenda & Spielberger, 2005). First, three Portuguese native

speakers with research experience and English proficiency translated the measure to Portuguese. The items were then compared, discussed and edited into final version that was culturally and linguistically sensitive but also remained faithful to the original items. This final version was translated back into English by a bilingual professional translator. Issues regarding the back translated English versions were identified and the Portuguese version was corrected accordingly. The final Portuguese items (the AIRS-P) were discussed with 10 native speakers similar to our target participants, who verified that the intended meaning of the items was captured.

Romantic Attachment Questionnaire - Brief version (RAQ; Matos, Cabral, & Costa, 2008) is a self-report questionnaire assessing attachment to one's romantic partner. The RAQ was built on Bartholomew's model of adult attachment (Bartholomew & Horowitz, 1991) and its dimensions were conceived in order to cluster into the four patterns of adult attachment. Specifically developed and validated for Portuguese samples (Matos, 2002), this measure has 24 items (6 per dimension) organized in 4 dimensions: *Trust* taps participants' perceptions of partners as a source of consistent emotional support (e.g., "I know I can count on my partner every time I need him"); *Dependence* assesses participants' needs for physical and emotional proximity and fears about separation and loss (e.g., "I can only face new situations if my partner is with me"); *Avoidance* asks about the importance of romantic partners in satisfying ones' attachment needs (e.g., "I don't need my partner's care") and *Ambivalence* captures participants' doubts about one's role as a romantic partner and one's feelings toward the partner (e.g., "Sometimes I see my partner as a fundamental part of my life, but other times I don't"). Responses are provided on a 6-point Likert scale ranging from 1 (totally disagree) to 6 (totally agree).

Several studies have established that the RAQ has strong psychometric properties (e.g., Ávila, Cabral, & Matos, 2012; Oliveira, & Costa 2009). Ávila et al. (2012) found strong and expected links between the RAQ and the widely used *Experiences in Close Relationships Scale* (ECR; Brennan, Clark, & Shaver, 1998). Expected associations were found between RAQ's *dependence* and ECR's anxiety scales ($r = .61, p < .001$), between *avoidance* on both scales ($r = .31, p < .001$), and between RAQ's *trust* and ECR's *avoidance* ($r = -.71, p < .001$).

The *Caregiving Questionnaire* (CGQ; Kuncz & Shaver, 1994; Portuguese version: Torres & Oliveira, 2010) has two subscales (each with 8 items) that measure dimensions of *responsive caregiving* (Mikulincer & Shaver, 2007). *Proximity maintenance* taps

participants' perceptions of being available to comfort their romantic partner physically when needed (e.g., "When my partner cries or is distressed, my first impulse is to hold or touch him/her"). The *sensitivity* subscale assesses one's ability to recognize a partner's feelings and needs for comfort and support (e.g., "I can always tell when my partner needs comforting even when he/she doesn't ask for it"). Responses are requested on a 6-point Likert scale varying from 1 (Not at all descriptive of me) to 6 (Very descriptive of me).

Two other subscales from the Caregiving Questionnaire, which are conceptually less relevant and which have shown lower reliabilities in past research in Portuguese samples (Torres & Oliveira, 2010; Gouveia, Schulz, & Costa, 2014), were not analyzed in this study.

Data analysis

Using IBM SPSS Statistics 21 descriptive statistics and Person's correlations between subscales were calculated. Also a t-test for independent samples was performed to address gender differences.

Structural equation modeling (SEM) was used to examine the role of *authenticity's unacceptability of deception* and *intimate risk taking* in predicting attachment and *responsive caregiving* in romantic relationships. A confirmatory factor analysis (CFA) was performed to test the AIRS-P factor structure. The SEM and the CFA were performed using IBM AMOS 21. To evaluate significance, a $p < .01$ cut-point was used. Established fit criteria for evaluating the CFA and the SEM were utilized, including the Hu and Bentler (1999) two indices combination strategy using a SRMR under .09 and a RMSEA of .06 or less as indicators of adequate fit. In addition, Kline's (2010) recommendation that the chi-square ratio (χ^2/DF) to be 5 or less and the CFI be around .95 or higher were used for assessing model fit.

Results

Factor Structure of the AIRS-P

CFA was performed to assess the AIRS factor structure in the Portuguese sample. CFA provides the opportunity to explicitly test a hypothesized factor structure. An oblique,

two-factor structure reflecting the original structure of the AIRS (Lopez & Rice, 2006) was tested by specifying a model with a covariance path between the two factors and allowing all items to load on only one factor. The initial model did not yield acceptable fit indices ($\chi^2(251) = 905.35$; $\chi^2/DF = 3.6$; CFI = .87; RMSEA = .07, 90% confidence interval (CI): [.07 - .08]; SRMR = .06). Five items (two for the IRT dimension and three for UOD¹⁹) with low factor loadings (.21 to .37) were removed from further models. Examination of the residual covariance matrix and modification indexes (Jöreskog & Sörbom, 1984) indicated that there were some items within scales that intercorrelated more than others. These items had content that substantially overlapped. A new model was estimated (Figure 5) in which the errors for these items were specified to covary: three for IRT and two for UOD²⁰.

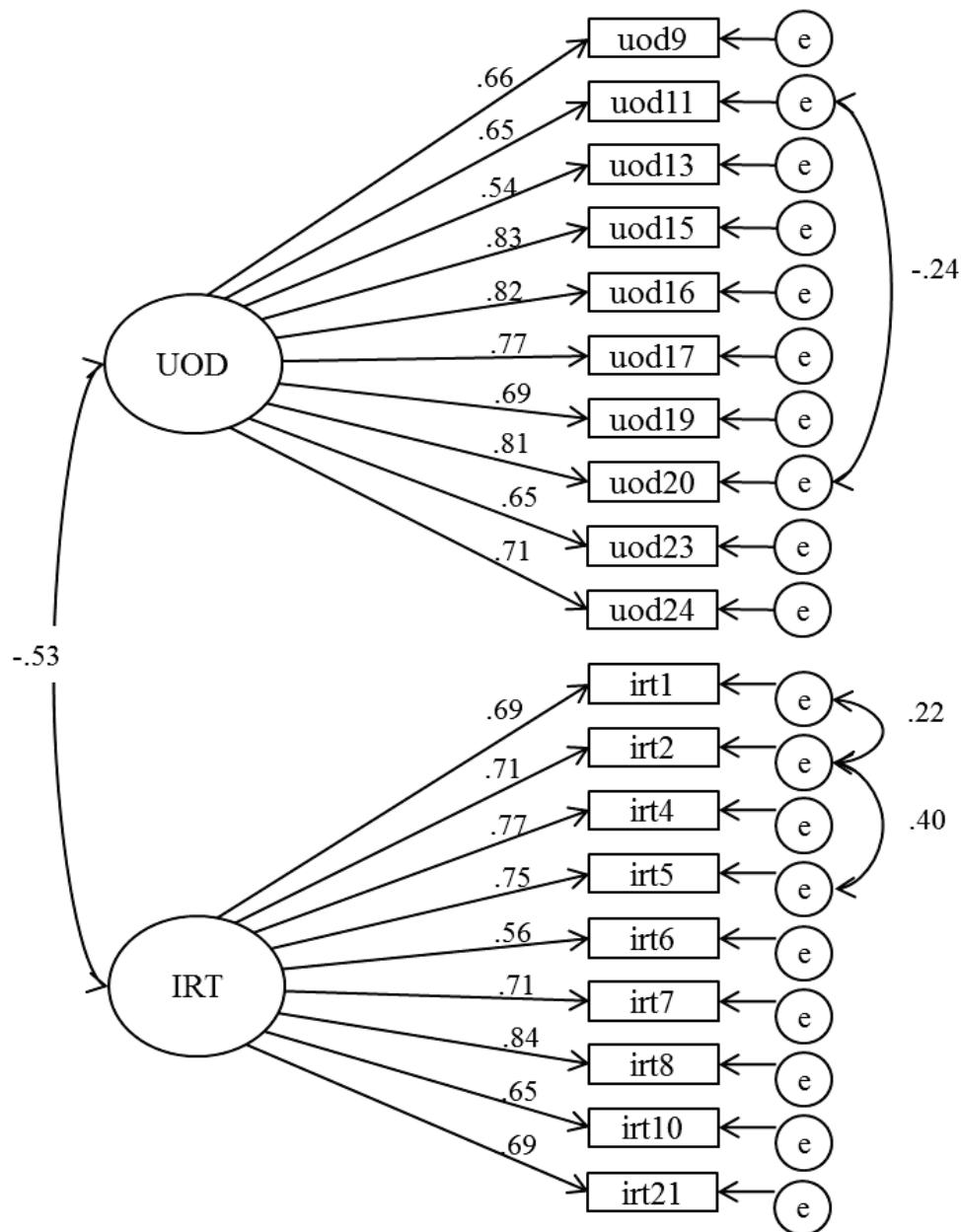
This model indicates that, with these minor modifications, the data were an adequate fit to the specified original factor structure ($\chi^2(148) = 406.20$; $\chi^2/DF = 2.7$; CFI = .94; RMSEA = .06, 90% CI: [.06-.07]; SRMR = .05). These CFA fit indices are close to the one's found in the original English version of the AIRS (CFI = .93; RMSEA = .06, 90% CI: [.05-.07]; SRMR = .07). The standardized factor loadings for the final 19 items were all significant and large (Figure 1). The -.53 correlation amongst the two factors was similar to the original AIRS and confirmed that the two dimensions are related but distinct constructs. The final AIRS-P version comprised 19 items: 9 for the *Intimate risk taking subscale* and 10 for *unacceptability of deception*. Means, standard deviations and alphas for each subscale are presented in Table 3.

¹⁹ Removed items: IRT "There are no topics that are "off limits" between my partner and me", "I will confront my partner if I suspect that he/she is not being completely open with me"; UOD "I avoid raising certain topics for discussion with my partner", "There are certain things about my partner I'd rather not know much about", "I'd rather my partner to keep certain thoughts and feelings to him/herself if this will help us avoid an argument.

²⁰ For the IRT dimension, the errors for the items "I am totally myself when I am with my partner" and "I share my deepest thoughts with my partner even if there's a chance that he/she won't understand them" were specified as covarying as were the errors for the latter item and "I answer my partner's questions about me honestly and fully". Two items from the UOD dimension were specified as having covarying errors: "I'm willing to tell a "white lie" about myself if it will keep my partner happy" and "I suspect that what my partner likes best about me is not really part of who I am".

Figure 5.

Confirmatory factor analysis of the Portuguese version of the *Authenticity in Relationships Scale*.



Note. UOD: Unacceptability of deception; IRT: Intimate risk taking. Paths are standardized and significant at $p < .001$

Table 3.

Means, standard deviations and Pearson's correlations between main key variables

Variable	1	2	3	4	5	6	7	8	α	<i>M</i>	<i>SD</i>
1. IRT	-								.87	7.30	1.22
2. UOD	.49	-							.91	6.65	1.72
3. PM	.62	.59	-						.84	4.95	.90
4. Sensitivity	.46	.59	.65	-					.81	4.36	.84
5. Trust	.56	.48	.58	.38	-				.83	4.98	.70
6. Avoidance	-.48	-.70	-.62	-.50	-.57	-			.81	2.52	1.04
7. Ambivalence	-.45	-.71	-.60	-.57	-.59	.78	-		.82	3.87	.92
8. Dependence	ns	-.27	ns	-.16	.16	ns	.11	-	.77	2.48	.99

Note. Correlations are significant at $p < .001$. IRT = intimate risk taking, UOD = *unacceptability of deception*. Trust, ambivalence, dependence, avoidance are from the romantic attachment questionnaire; PM = proximity maintenance, sensitivity are from the caregiving questionnaire.

A t-test for independent samples revealed significant differences between men and women in *authenticity*. Both for UOD ($t(398) = 2.79, p = .006$) and IRT ($t(398) = 2.46, p = .001$) women (UOD: $M = 6.92, SD = 1.75$; IRT: $M = 7.45, SD = 1.22$) reported higher scores than men (UOD: $M = 6.45, SD = 1.63$; IRT: $M = 7.15, SD = 1.21$). However the magnitude of these differences is small (UOD: $d = .28$; IRT: $d = .25$).

Testing authenticity as a predictor of romantic attachment and caregiving

The primary research goal of this study was to examine the role of components of *authenticity* in predicting attachment and *responsive caregiving* in adult romantic relationships. Pearson correlations were first run to examine associations between the *authenticity* scales and (1) *romantic attachment* and (2) *responsive caregiving*. With only one exception (IRT and attachment *dependence*), the associations between these constructs and UOD and IRT were significant and medium to large in magnitude, ranging from .27 to .78 (Table 1).

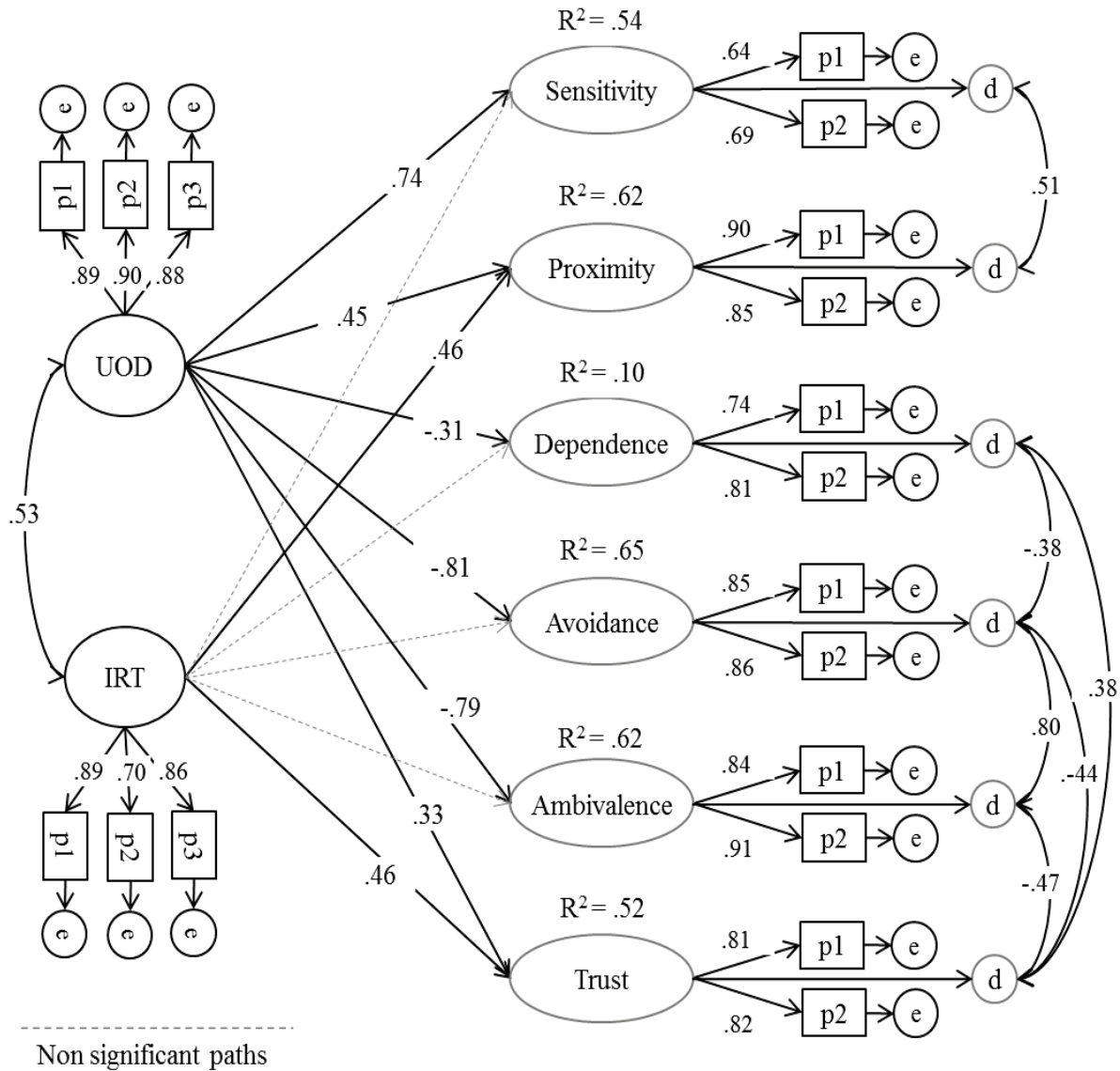
Structural Equation Modeling analyses were built on these initial results. *Unacceptability of deception* and *intimate risk taking* were specified as exogenous predictors of *trust*, *dependence*, *ambivalence* and *avoidance* of *romantic attachment* and *sensitivity* and *proximity maintenance* of *caregiving* to partner. The model (Figure 2) was specified with one path between the predictors and each outcome and the disturbances from the dimensions of the same construct were allowed to covary. Items were parceled in order to decrease the number of parameters to be estimated. Parcels were aggregated in order to balance items loadings; that is, items with higher loadings were combined with lower loading items to achieve balanced parcels in terms of item-to-construct regressions weights (Little, Cunningham, & Widaman, 2002).

The model (Figure 2) had good indices of fit: $\chi^2(115) = 264.68$, $\chi^2/DF = 2.3$, CFI = .97, RMSEA = .07 (90% CI [.05-.07], SRMR = .04, providing support for the hypothesized role of *authenticity in relationships* in predicting *romantic attachment* and *caregiving* dimensions. The paths between UOD and all the dimensions of *romantic attachment* and *caregiving* were consistently large in magnitude and significant (Figure 2). As expected, greater UOD scores were linked to lower *avoidance* ($\beta = -.81$), *ambivalence* ($\beta = -.79$), and *dependence* ($\beta = -.31$) and to higher *trust* ($\beta = .33$), *proximity maintenance* ($\beta = .45$) and *sensitivity* ($\beta = .74$). For IRT, only the paths to attachment *trust* and *caregiving proximity maintenance* were significant. Higher IRT scores predicted greater *proximity maintenance* ($\beta = .46$) and *trust* ($\beta = .48$). The model explained especially large amounts of variance in the *caregiving* dimensions of *sensitivity* (54%) and *proximity maintenance* (62%) and the *attachment* dimensions of *avoidance* (65%), *ambivalence* (62%) and *trust* (48%).

In order to control possible gender differences a multigroup nested comparison was performed to compare fit between the unconstrained model in which all the parameters were allowed to vary by gender ($\chi^2(242) = 440.63$, CFI = .961, RMSEA = .044) and a model in which all the paths weights were constrained to be equal for men and women ($\chi^2(249) = 434.57$, CFI = .962, RMSEA = .043). The not significant χ^2 difference test ($\Delta\chi^2 = 4.17$, $\Delta DF = 7$, $p = .76$) shows the model is invariant across gender.

Figure 6.

Structural equation model testing *unacceptability of deception* (UOD) and *intimate risk taking* (IRT) as predictors of romantic attachment and caregiving dimensions



Note. All paths are standardized and significant at $p < .001$. Romantic attachment: trust, ambivalence, dependence, avoidance; Responsive caregiving: proximity maintenance, sensitivity

Discussion

The primary purpose of this research was to examine associations between *authenticity in relationships* and *romantic attachment* and *caregiving*. Previous studies (e.g., Gillath et al., 2010) have found a link between *authenticity* and attachment, with more authentic participants reporting lower attachment *avoidance* and anxiety. Our results are consistent with these findings. The associations between the AIRS-P dimensions and *romantic attachment* and *caregiving* to partner were predominantly significant and medium to large in magnitude. Components of *authenticity* explained 65% of the variance in *avoidance* and 62% in *ambivalence*. Only 10% of the variance in *dependence* was explained by *authenticity*. All predictions were in the expected directions (predicting lower *avoidance*, *ambivalence* and *dependence*).

Both attachment *ambivalence* and *avoidance* are categorized by a negative view of others that might impede accurate representations of the romantic partner. *Unacceptability of deception*, one of the dimensions of *authenticity*, reflects motivations to engage in authentic self-disclosure and relational exchanges. These motivations conflict with a central characteristic of avoidantly attached individuals - an unwillingness to share emotions with others. This unwillingness and tendency to hide emotions would hinder one's ability to be authentic. *Ambivalence* about attachment is distinguished by an individual's reluctance to become close to another due an apprehension about not being loved by the partner. This concern about not being loved is also a key element of *dependence*, but here it appears linked to the fear of losing the significant other. This fear might motivate an individual to refrain from authentic self-expression and instead lead the individual to selectively disclose thoughts and opinions that are perceived as more appealing to the partner or as a way to avoid conflict or maintain approval (Mikulincer & Shaver, 2007). Consistent with this argument is the combined significant role of *unacceptability of deception* and *intimate risk taking* in predicting greater *trust*, which is a core dimension of attachment security. The two *authenticity* dimensions explained close to half of the variance in *romantic attachment trust* with a particularly large contribution of IRT. The strong link between *intimate risk taking* and *trust* is consistent with the underlying conceptualization of both constructs, as they both emphasize perceived support and trust in a reliable romantic partner. Similarly, a certain degree of trust in a secure self and a trustworthy partner may be crucial for scoring high on the *unacceptability of deception* scale.

As mentioned earlier, the connection between *authenticity* and *caregiving* has not been studied before. The link found in this study between *responsive caregiving* and *authenticity* is supported by the attachment literature. *Responsive caregiving* captures a tendency for individuals to see themselves as supportive partners and the relationship as a “safe haven” in which needs and feelings can be validated and exploration and autonomy are encouraged (Mikulincer & Shaver, 2007). Half of the variance in *caregiving sensitivity* (ability to recognize partner’s feelings and needs of comfort and support) was predicted by the two components of *authenticity*, with *unacceptability of deception* being the main contributor. Since a fundamental aspect of providing *caregiving* is being able to understand partners’ needs in order to respond appropriately, more authentic self-disclosure with one’s partner would facilitate the provision of effective *caregiving*. Both dimensions of *authenticity* contributed significantly to explaining almost two-thirds of the variability in *caregiving proximity maintenance*. If an individual tends to feel authentic during his or her interactions with a romantic partner and also perceives the partner as trustful, this might embolden the individual to feel more confident in comforting the partner physically when the partner is in need. These conditions are also likely to facilitate the awareness of when these needs for comfort might emerge.

Women were found in this study to have slightly higher mean scores in *authenticity* than men, in conformity with previous studies (e.g., Lopez & Rice, 2006). These differences might be promoted by gender socialization that could orient women more than men to view relationships as an important medium for authentic emotional exchanges and expression (Hook et al., 2003). Gender, however, was only responsible for less than 2% of the variability in *authenticity* and did not moderate any linkages found in this study between *authenticity* and other constructs.

Most of the previous research investigating *authenticity* and its relationship correlates has been conducted on young adult (college) populations and been restricted to North American samples raising questions about the generalizability of the construct of *authenticity* and its correlates beyond these populations. Confirmatory factor analysis with the data obtained in the current study from Portuguese adults provides support for an *authenticity in relationships* construct with similar items and factor structure to the original English version (Lopez & Rice, 2006). The replication of the original factor structure suggests that the meaning of *authenticity in relationships* may be similar across these two cultures, paving the way for further cross-cultural research on this important construct.

Because the sample used for developing the original AIRS was drawn from an undergraduate population (Lopez & Rice, 2006), concerns have been raised about its generalizability to older individuals (Downing, 2008). Downing (2008) failed to replicate the AIRS's factor structure in an older sample of post-college individuals in the United States. The present study, with adults that were on average 43 years of age, provides evidence of the applicability of the AIRS to older individuals.

Some limitations of the present work should be noted as well as important directions for future research. Differences between the sample for this study and the sample from the original AIRS validation study may limit evaluations of the equivalence of the *authenticity* construct across cultures. It is also important to note that some items from the original AIRS loaded poorly in the Portuguese sample studied in this research even though the overall *authenticity* factors appeared to be highly similar across cultures. Additional exploration of the cross-cultural generalizability of the AIRS and its *authenticity* construct is warranted. Our sample, while including individuals from across the lifespan, included a large proportion (39%) of college educated participants. The national rate of college educated Portuguese is below 15% (INE, 2011), so the disproportionately high participation rate of college educated individuals might limit the generalizability of the results. Given the cross-sectional nature of the present work, test-retest stability in *authenticity* was not assessed. Future studies with multiple time points would facilitate the establishment of temporal priority between *authenticity* and dimensions of *caregiving* and attachment. Such research could also provide an opportunity to examine mediating processes that would enrich our understanding of how these variables influence each other. Finally, future research on *authenticity* would benefit from research designs and analytic approaches that capture dyadic processes that shape *authenticity* and its correlates.

In conclusion, this study helps address the lack of empirical work on *authenticity in relationships* and extends it to new cultural groups and ages. The AIRS-P shows promise as a reliable and valid measure for community samples, and future research can examine its utility for use in a clinical setting given its connections to healthy self and relational functioning. *Authenticity in relationships* is an important foundation for constructing intimacy in romantic relationships and therefore is likely to be a potentially important focus in interventions to promote relationship well-being. *Authenticity* plays a fundamental role in facilitating and enhancing couples' interactions, as it helps partners to recognize and

respond sensitively to each other's needs. A number of couple's therapy interventions (e.g., Johnson, 2012; Schulz, Cowan, & Cowan, 2006) build on ideas from attachment theory and emphasize the key roles of authentic self-expression and validation of experience by a partner. The strong links found in this study between *authenticity* and *romantic attachment* suggest the importance of understanding attachment dynamics when trying to help couples improve their communication and interaction patterns. For example, efforts to enhance authentic communication within a distressed couple relationship might focus on building trust and encouraging self-acceptance. Exploration of and work on motives for being less authentic in their relationship might help clients to understand potential concerns and conflicts they have about intimacy.

Research suggests that secure individuals have the most adaptive pattern of *caregiving* and receiving within relationships (e.g., Mikulincer & Shaver, 2007). A feeling of trust and safety in one's partner, typically associated with secure attachment, facilitates being available to provide physical and emotional comfort. *Authenticity* seems to permit greater closeness, allowing exchanges through honest self-disclosure and sharing leading to a better understanding of each other's needs.

References

- Ávila, M., Cabral, J., & Matos, P.M. (2012). Identity in university students: The role of parental and romantic attachment. *Journal of Adolescence*, 35, 133-144. doi:10.1016/j.adolescence.2011.05.002.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (2), 226-244. doi:10.1037/0022-3514.61.2.226.
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss. *Attachment* (Vol. 1). New York: Basic Books.
- Brennan, K., Clark, C. L., & Shaver, P. (1998). Self-report measures of adult romantic attachment. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Brunell, A., Kernis, M., Goldman, B., Heppner, W., Davis, P., Cascio, E., & Webster, G. (2010). Dispositional *authenticity* and romantic relationship functioning. *Personality and Individual Differences*, 48 (8), 900-905. doi: 10.1016/j.paid.2010.02.018.
- Collins, N. L. & Feeney, B. C. (2000). A safe heaven: An attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 1053-1073. doi: 10.1037//0022-3514.78.6.1053.
- Collins, N. L., & Ford, B. M. (2010). Responding to the needs of others: The caregiving behavioral system in intimate relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27, 235–244. Retrieved from <http://ejournals.ebsco.com/direct.asp?ArticleID=4B848F852C2A37E38657>.
- Downing, V. (2008) *Attachment style, relationships satisfaction, intimacy, loneliness, gender role beliefs, and the expression of authentic self in romantic relationships* (Unpublished doctoral dissertation). Faculty of the Graduate School of the University of Maryland, U.S.A.
- Gillath, O., Sesko, A. K., Shaver, P. R., & Chan, D. S. (2010). Attachment, *authenticity*, and honesty: Dispositional and experimentally induced security can reduce self- and

other-deception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98, 841- 855. doi: 10.1037/a0019206.

Goldman, B. M., & Kernis, M. H. (2002). The role of *authenticity* in healthy psychological functioning and subjective well-being. *Annals of the American Psychotherapy Association*, 5, 18-20.

Gouveia, T.; Schulz, M.S., & Costa, M.E. (2014, March). *What makes us more authentic in relationships? Contributions of caregiving and attachment to parents and romantic partner*. Poster session presented at the XXIV World Family Therapy Congress, Panama City, Panama.

Harter, S. (2002). *Authenticity*. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.) *Handbook of positive Psychology*, New York: Oxford University Press (pp. 382 - 394).

Harter, S., Bresnick, S., Bouchey, H. A. & Whitesell, N. R. (1997). The development of multiple-role related selves during adolescence. *Development and Psychopathology*, 9, 835-854. Retrieved from:
<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=43509&fulltextType=RA&fileId=S0954579497001466>

Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511–524.
<http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>.

Hook, M. K., Gerstein, L. H., Detterich, L., & Gridley, B. (2003). How Close Are We? Measuring Intimacy and Examining Gender Differences. *Journal of Counseling and Development*, 81, 462-472. Retrieved from
<http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=c513db9c-0cd4-4cce-8f8d-026638810aee%40sessionmgr115&vid=6&hid=107>

Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria. *Structural Equation Modeling*, 6, 1-55. <http://dx.doi.org/10.1080/10705519909540118>.

INE, Instituto Nacional de Estatística [National Statistics Institute] (2011). *Census 2011*. Lisbon: Instituto Nacional de Estatística I.P., Portugal.

- Johnson, S. M. (2012). *The practice of emotionally focused couple therapy: Creating connections*, (2nd ed.). New York: Brunner/Mazel.
- Jöreskog, K. G., & Sörbom, D. (1984). Lisrel VI. *Analysis of linear structural relationships by maximum likelihood, instrumental variables, and least squares methods*. Mooresville, Indiana: Scientific Software.
- Kernis, M. H. (2003). Toward a conceptualization of optimal self-esteem. *Psychological Inquiry*, 14, 1-26. doi: 10.1207/S15327965PLI1401_01.
- Kernis, M. H., & Goldman, B. M. (2006). A multi-component conceptualization of *authenticity*: Theory and research. In Mark P. Zanna (Ed.). *Advances in experimental social psychology* (pp. 284 - 357). New York: Academic Press.
- Kunce, L. J., & Shaver, P. R. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships*, Vol. 5, (pp. 205-237). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Kline, R. B. (2010). *Principles and practice of structural equation modeling* (3rd ed.). New York: Guilford Press.
- Lahey, C. E., Kernis, M. H., Heppner, W. L., & Lance, C. E. (2008). Individual differences in *authenticity* and mindfulness as predictors of verbal defensiveness. *Journal of Research in Personality*, 42, 230–238. doi:10.1016/j.jrp.2007.05.002.
- Leak, G., & Cooney, R. (2001). Self-determination, attachment styles and well-being in adult romantic relationships. *Representative Research in Social Psychology*, 25, 55-62. Retrieved from: <http://psycnet.apa.org/psycinfo/2001-11746-007>
- Little, T. D.; Cunningham W. A., & Widaman K. F. (2002). To parcel or not to parcel: exploring the question. *Structural Equation Modeling*, 9 (2), 151–173. Retrieved from <http://faculty.psy.ohio-state.edu/cunningham/pdf/little.sem.2002.pdf>.
- Lopez, F., & Rice, K. G. (2006). Preliminary development and validation of a measure of relationship *authenticity*. *Journal of Counselling Psychology*, 53, 362-371. doi: 10.1037/0022-0167.53.3.362.
- Maslow, A. H. (1970). *Motivation and personality* (2nd ed.). New York: Harper & Row.

- Matos, P. (2002). *Descontinuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes* (Unpublished doctoral dissertation). Faculty of Psychology and Education Sciences, University of Porto, Porto, Portugal.
- Hambleton, R. K., Merenda, P. F., & Spielberger, C. D. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment patterns in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York: Guilford Press.
- Neff, K. D., & Harter, S. (2002). The *authenticity* of conflict resolutions among adult couples: Does women's other-oriented behaviours reflect their true selves? *Sex Roles*, 47, 403-417. Retrieved from: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=6c45251e-b41a-4a2a-b076-90a1b7331a6a%40sessionmgr4004&vid=4&hid=4214>.
- Neff, K. D., & Suizzo, M. A. (2006). Culture, power, *authenticity* and psychological well-being within romantic relationships: A comparison of European American and Mexican Americans. *Cognitive Development*, 21, 441-457. doi:10.1016/j.cogdev.2006.06.008.
- Oliveira, P., & Costa, M. E. (2009). Interrelationships of adult attachment orientations, health status and worrying among fibromyalgia patients. *Journal of Health Psychology*, 14, 1184-1195. doi:10.1177/1359105309342471J.
- Schulz, M.S., Cowan, P.A., & Cowan, C.P. (2006). Promoting healthy beginnings: A randomized controlled trial of a preventive intervention to preserve marital quality during the transition to parenthood. *Journal of Clinical and Consulting Psychology*, 74, 20-31. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.74.1.20>
- Tavakol, M., & Dennic, R. (2011). Making sense of Cronbach's alpha. *International Journal of Medical Education*, 2, 53-55. doi: 10.5116/ijme.4dfb.8dfd.
- Torres, N., & Oliveira, D. (2010). *Vinculação e sistema de prestação de cuidados em dependentes de substâncias em tratamento*. Adaptação portuguesa do questionário de prestação de cuidados. *Toxicodependências*, 2, 3-14. Retrieved from

http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/499/artigo1_Toxico2_2010.pdf.

Waldinger, R. J., Cohen, S., Schulz, M. S., & Crowell, J (2015). Security of attachment to spouses in late life: Concurrent and predictive links with cognitive and emotional wellbeing. *Clinical Psychological Science*.

Wood, A. M., Linley, P., Maltby, J., Baliousis, M., & Joseph, S. (2008). The authentic personality: A theoretical and empirical conceptualization and the development of the *authenticity Scale*. *Journal of Counseling Psychology*, 55, 385-399.
doi:10.1037/0022-0167.55.3.385.

Zeifman, D., & Hazan, C. (1997). Attachment: The bond in pair-bonds. In J. A. Simpson & D. T. Kenrick (Eds.), *Evolutionary social psychology* (pp. 237-263). Mahwah, NJ: Erlbaum.

STUDY 2

THE MEDIATOR ROLE OF *AUTHENTICITY* BETWEEN ATTACHMENT TO PARENTS AND
ROMANTIC ATTACHMENT: PARENTS AND OFFSPRING GENDER DIFFERENCES

(Submitted to *Sex Roles*)

Abstract

Authenticity in relationships has been an understudied construct. It is defined by Lopez & Rice (2006) as a relational phenomenon that is facilitated when individuals assume that truthful and open communication with one's partner will be reciprocally valued despite possible risks. The primary purpose of this study is to examine the mediating role of *authenticity in relationships* between *attachment to parents* and *romantic attachment*. This work aimed to explore if mother and father attachment have specific connections to later romantic relationships, considering the offspring gender. It is considered that early attachment relationships have a key role for the development of future emotional bonds, which in turn have a long lasting impact on psychological and social adaptation, influencing how the individual relates to him/herself and to significant others (Bowlby, 1980). The *Authenticity in Relationship Scale* (AIRS, Lopez & Rice, 2006), was administered along with the Father and Mother Attachment Questionnaire – retrospective version (FMAQ - R, Matos & Costa, 2001) and the Romantic Attachment Questionnaire (RAQ - Matos, Cabral & Costa, 2008). Two independent samples of participants were inquired: one comprising 233 women aged between 24 to 69 years and the other 209 men aged between 24 to 70 years, all married or living together for at least one year. The same structural equation model was tested for men and women. For male and female participants *separation anxiety* and *quality of emotional bond* to father and *inhibition of exploration and individuality* to mother was linked to current adult *romantic attachment*, mediated by *authenticity in relationships*.

Keywords: attachment to mother and father, authenticity, romantic attachment, gender, adulthood.

Introduction

The role of parental attachment in the origin of *romantic attachment* orientations has long been assumed, although few empirical studies have explored how parents influence adult *romantic attachment* features (Dinero, Conger, Shaver, Widaman & Larsen-Rife, 2011, Mikulincer & Shaver, 2012), especially beyond young adulthood (Chopik, Edelstein & Fraley, 2012). Since the majority of attachment research on adults does not extend beyond young adulthood, little is known about attachment processes later in life (Magai, 2008). However, some recent longitudinal studies have begun to reveal the long reach of early relationships with parents in later adulthood relational features (e.g., Fraley, Roisman, Booth-LaForce, Owen, & Holland, 2013; Waldinger & Schulz (*in press*)). Individual working models of attachment seem to be shaped by early experiences with mother and father but also by current partner's attachment expectations. Considering the large set of constructs linked to attachment, we consider *authenticity* in romantic relationships as an important variable that might set the tone of openness and honesty in a romantic relationship with later effects on *romantic attachment* security/insecurity features.

Attachment researchers have noted that among all the relationships, adults are likely to have, romantic relationships are the ones which most closely mirror attachment dynamics established during childhood (Fraley, 2002). Similarly, it has been suggested that expression of an authentic self is most likely to occur, and is therefore best researched within the context of adult romantic relationships (Lopez & Rice, 2006).

Authenticity in relationships

An individual's capacity to act authentically by intrinsic motives and partially free of external influences is considered as a precondition for psychological, emotional and relational well-being. In the present study, we aim to address *authenticity* in a relational approach, specifically given its pivotal role within the romantic relationship. In conceptualizing *authenticity in relationships*, Lopez and Rice (2006) described it as a way of relational functioning where intimate partners acknowledge the value of reciprocal and accurate exchanges of real self-experiences, even assuming potential risks of relational conflict, discomfort or partner disapproval.

Despite the paucity of empirical work on this construct (see table 1 for an overview) the existing studies mostly reveal *authenticity*'s benefits on individuals' psychologic and relationship functioning. Several studies found associations between *authenticity* and more fulfilling intimate relations, suggesting that *authenticity* may promote relationship satisfaction (Lopez & Rice, 2006) and adjustment (Brunell et al., 2010). Individuals with higher levels of *authenticity* also report being more motivated to attain intimacy (Kernis, 2003). Other research supports these adaptive relational effects by connecting *authenticity* to less defensiveness when describing self-esteem threatening experiences (Lakey, Kernis, Heppner, & Lance, 2008) and to less self-concealment (Lopez & Rice, 2006).

Despite little attention has been given to the role of the parental figures, Kernis (2003), one of the leading researchers on *authenticity*, suggests that the development of the awareness component of one's own *authenticity* is facilitated during childhood, when parents were accepting and responsive to their child's needs. According to the author, the experiences that most hinder *authenticity* development occur when parents explicitly deny the legitimacy of the child's inner thoughts and experiences. Continued contradictions, or even punishment as a consequence of the child's authentic statements, may lead him/her to ignore or even to reject these experiences, at the expense of adopting parental figures beliefs in order to be accepted.

There are only a few studies focused on how early relationships with parental figures might shape authentic behaviors, and none of those are with adult participants nor on adult romantic relationships. However it might be assumed that individuals carry a system of pre-existing beliefs and expectations about how others will act upon their needs, which influences who they are and how they live present and future relationships. Harter, Marold, Whitesell and Cobbs (1996) examined the relationship between perceived quality of parental support and of individual expectations about future support and the level of true or false self-behavior in adolescents. This study reveals that the quality of parental support is positively associated with participants' authentic self-behavior. In addition, expectations of support played a mediating role between the amount and quality of perceived parents support and adolescents levels true of self-behavior.

Goldman, Kernis, Stewart, Davis, Cascio, Lakey, and Heppner (2005) examined the way college students' *authenticity* relates to their developmental memories of parental educative styles (authoritarian, authoritative and permissive; Baumrind, 1971). The

strongest (and positive) link emerged between *authenticity* and the authoritative style, for father and mother, featured by the establishment of clear rules and by a trustfully monitoring the child in a legitimate and affectionate way. These parents explain and justify their expectations and actions are responsive to children's feedback. This kind of parental control allows autonomy and ensures support that will be key factors to develop an authentic functioning in children and teens that is likely to continue throughout adulthood.

Attachment to mother and father

Attachment theory posits that the quality of early caregiver – child relationship is a powerful influence on attachment development (Grossmann, Grossmann & Kindles, 2005) and is hypothesized to shape patterns of *attachment in romantic relationships* (Mikulincer & Shaver, 2007). Bowlby (1991) proposed that children's continuous interaction and communication with primary caregivers during early childhood become patterns of attachment and exchanges that organize their perceptions, feelings and behaviors, particularly in stressful situations, when a safe haven is needed. These experiences shape and originate the *internal working models*: structures of memory, expectations and meanings about the self and others, which operate on an unconscious level, and influence which information is processed, stored and acted upon throughout life. According to the author, once shaped, these internal representations serve as an outline for how individuals establish other attachment relationships (Bowlby, 1980), although new experiences seem to be integrated and have a role in posterior attachment behaviors (Fraley, 2002). Although the attachment system is most critical during the early years, as the child needs to receive care in order to survive, Bowlby (1988) assumed that it is active over the entire life, underlying the formation and maintenance of relational bonds.

Bowlby (1973) described individual differences based on one's interactions with early attachment figures. Attachment figures who are regularly available in times of need, who are sensitive and responsive to efforts for proximity and support (safe haven), who encourage and cooperate with autonomous exploration behaviours (secure base) and promote a constant feeling of attachment security, promote the construction of positive mental representations of self and others. Therefore, secure individuals would adopt healthy strategies, such as the ability to express thoughts and feelings to others seeking their comfort and help (Bowlby, 1991). If these strategies are adopted, they might

constitute the foundation for building *authenticity*, becoming more likely that the attachment figure will be responsive, meeting the child's real needs, which in turn might work as a reinforcement of these behaviors. However, when attachment figures are inconsistently responsive, the child's needs might not be fulfilled; failing to relieve distress, the sense of security becomes diluted leading to negative models of self and others, increasing the probability of adopting insecure orientations towards attachment figures and relationships. Insecurity undermines the development of a tendency towards *authenticity*, due to fear of rejection or proximity *avoidance*, hindering a real self-disclosure.

Evidencing the stability of early parental influences on later romantic relationships, some studies show that insecure attachment is linked to insecure adult *romantic attachment* and disruptive relational beliefs (Kilmann, Finch, Parnell, & Downer, 2013), and lower intimacy (Medhurst & Karantzas, 2006, Sobral & Costa, 2015). In conformity research it has been shown consistently that securely attached adults experience romantic relationships more positively than insecure ones. For instance they communicate more skilfully in discussion with the partner (Campbell, Simpson, Boldry, & Kashy, 2005). Moreover, they report greater relationship satisfaction (Medhurst & Karantzas, 2006); improved stress management, and subjective wellbeing (Mikulincer & Shaver, 2007; Pietromonaco, Uchino, & Schetter, 2013). Duarte (2005) found that adult participants who had a secure attachment style to romantic partner reported less *inhibition of exploration and individuality* and less *separation anxiety* to both parents, when recollecting their relationships with mother and father in adolescence. George, Cummins and Davies (2010) found that less responsive parenting by both mothers and fathers was related to insecure attachment. However, low paternal responsiveness was linked with avoidant attachment, while low maternal responsiveness was associated with an anxious-ambivalent style. Even with several studies confirming the multiple components of attachment theory, the majority of research has looked at mothers, with less, but increasing, studies focused on fathers' involvement in the attachment relationships. Consistent with mother-child research, studies emphasizing fathers generally have focused on young children. Researchers found that when fathers engage in *caregiving* activities such as feeding, dressing, or bathing, father-child attachment security becomes more likely to occur (Benware 2013).

Recently, some longitudinal studies have started to clarify the foundation processes of attachment styles in adulthood in family interactions in childhood, suggesting that variations in adult attachment style might be outlined from interpersonal experiences that take place over the course of development (Fraley et al., 2013). Waldinger and Schulz (in press) provided empirical support for the hypothesis that childhood experiences inside the family context reaches across the entire adult life to influence aspects of relationship functioning in later life. Haydon, Collins, Salvatore, Simpson and Roisman, (2012) found that current attachment representations have some shared basis in early experiences and some associations with current romantic behavior. *Romantic attachment* representations appear to have some distinctive origins in earlier development and some independent associations with adult romantic behavior, derived from present interactions with the romantic partner.

Attachment in romantic relationships

While attachment in childhood involves essentially emotional bonds with mother and father (Bowlby, 1969) adults' attachment needs transform. The main attachment figure tends to become the romantic partner (Hazan & Shaver, 1987), when there is one. Bartholomew and Horowitz (1991) proposed that *romantic attachment* could be organized by the positivity or negativity of one's *internal working models* about the self and the others. These working models polarity can be combined to capture the four adult attachment patterns, widely emphasized in the literature (see Figure 1). The *secure* attachment style, characterized by a positive model of the self and others, is linked with early experiences of supportive relationships. Secure individuals tend to be capable of developing intimate relations with low *avoidance* and high levels of *trust*. The *preoccupied* style characterized by a positive model of others and negative of the self, leads individuals to seek other's attention constantly, rooting high *anxiety* and *dependence* in their relationships. This style has its origins in *separation anxiety* to both or one of the parents, during childhood. The *dismissive* pattern is marked by a positive view of the self and negative of others. This style is thought to arise as a way to cope with rejection from early attachment figures, and is associated with the *avoidance* of intimacy, due fear of rejection and with low levels of *anxiety* about relationships. Finally, *fearfully* attached individuals, characterized by a negative model of the self and others, tend to have high anxiety levels

about relationships while they simultaneously avoid intimacy due its inherent risks, leading to *ambivalence* (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Past research confirms that greater *authenticity* is linked to less attachment *avoidance* and *anxiety* (Gillath, Sesko, Shaver, & Chan, 2010; Lopez & Rice, 2006). Attachment *anxiety* might lead to an over concern about partner's approval and questioning one's own value, which in turn could contribute to the *avoidance* of real exchanges. Individuals who are avoidant in their attachment tend to hide their vulnerabilities and emotions, thus reducing their authentic self-disclosure (Neff & Harter, 2002).

Goals of the present study

Within an attachment framework, this study represents an effort towards a wider view of *authenticity in relationships* as conceptualized by Lopez and Rice (2006). The main goal of the present work is to test a model separately for men and women, in which retrospective characteristics of the attachment relationships with parents (asking participants to recall their relationship during adolescence) may have an effect on adult *romantic attachment* through the mediating role of *authenticity* in the current relationship (Figure 3).

Bowlby (1969) himself was largely focused in attachment to mother and in reality most of the earlier studies about attachment to parental figures are largely focused on mother's role. Relatively few studies examined the unique and different relationships that mothers and fathers may have with their sons and daughters (Laible & Carlo, 2004). However, several works show the attachment relationships to mother and to father are qualitatively different, and that both parents contribute to their offspring emotional security (Bretherton, 2010; Grossmann et al., 2005; Paquette & Bigras, 2010). Given these results, this work also aims to understand if participants' attachment to mother or to father might have different contributions on adult relational outcomes, such as *authenticity* and attachment, considering if the participant is a men or a woman.

Method

Participants and procedure

All participants were volunteers (no compensation was offered) and were married or living together for at least one year. This criteria emerges since a certain amount of time is needed to create an attachment bond (e.g., Zeifman & Hazan, 1997) and for couples adaptation to their new conjoint life. The majority of the participants were graduate students or employees (academic and non-academic) from various departments at the University of Porto. The study was advertised through the university email service and participants were informed about the research goals, data confidentiality and anonymity. Additional participants were recruited through a snowball sampling method. Questionnaires were completed online or on paper at the university facilities. Participants who did not have a relationship with both or one of their parents, or whose mother or/and father died or were absent during adolescence years were removed from further analysis ($n = 62$). Participants were divided by gender and two different samples were assembled.

The sample of women comprises 233 participants, married or living together for 1 to 48 years ($M = 16.33$, $SD = 14.40$) and aged between 24 to 69 years ($M = 40.58$, $SD = 13.18$). The majority (68.7%) of the women had one or more children. Concerning education, 33.5% of the female participants did not complete high school, 18% had a high school diploma and 48.5% completed a college degree.

The sample of men includes 209 participants, with an age range between 24 and 70 years ($M = 45.47$, $SD = 13.65$), all married or living together from 1 to 52 years ($M = 19.89$, $SD = 14.55$). The great majority (80%) of men reported to have one or more children. Regarding education, 47.8% of the men reported that they had not completed high school, 21.1 % reported high school completion, and 31.1% had a college degree.

Measurement of constructs

Demographics: Participants were asked to report on their gender, age, education, marital status, years of marriage and number of children.

Authenticity in Relationships Scale (Lopez & Rice, 2006) - *Portuguese version* (Gouveia, Schulz & Costa 2016): AIRS-P is a 19-item self-report (24 in the original version) questionnaire that assesses one's perception of whether the benefits of honest

self-presentations with an intimate partner outweigh their potential risk or costs. Both American and Portuguese versions are comprised of two subscales: *unacceptability of deception* (UOD), with 10 items, and *intimate risk taking* (IRT) with 9 items. Participants are asked to respond to items using a 9-point Likert scale ranging from 1 (not at all descriptive of me) to 9 (very descriptive of me). UOD reflects motivation to engage in honest self-disclosure and relational exchanges. UOD items are reverse scored in order to index a tendency toward *authenticity* (e.g., “If my partner knew the real me, he or she would probably be surprised and disappointed”). The IRT items capture self-perceptions of safety and trust in self-disclosing to one’s romantic partner (e.g., “I answer my partner’s questions about me honestly and fully”).

Romantic Attachment Questionnaire - Brief version (RAQ –BV; Matos, Cabral & Costa, 2008) is a self-report questionnaire assessing attachment to one’s romantic partner. The RAQ builds on Bartholomew’s model of adult attachment (Bartholomew & Horowitz, 1991). Specifically developed and validated for Portuguese participants (Matos, 2002), this measure comprises 24 items organized in 4 dimensions, with 6 items each: *trust* taps participants’ perceptions of partners as a source of consistent emotional support (“I know I can count on my partner every time I need him”); *dependence* assesses participants’ needs for physical and emotional proximity and fears about separation and loss (e.g., “I can only face new situations if my partner is with me”); *avoidance* asks about the importance of romantic partners in satisfying participants’ attachment needs (“I don’t need my partner’s care”); and *ambivalence* captures participants’ doubts about one’s role as a romantic partner and one’s feelings toward the partner (“Sometimes I see my partner as a fundamental part of my life, but other times I don’t”). Responses are provided on a 6 - point Likert scale ranging from 1 (totally disagree) to 6 (totally agree). Several studies have established that the RAQ has strong psychometric properties (e.g., Ávila, Cabral, & Matos, 2012; Oliveira & Costa 2009, Santos & Matos, 2007).

Father and Mother Attachment Questionnaire – Retrospective version (FMAQ–R; Matos & Costa, 2001) is a self-report 30-item questionnaire, developed in order to assess adults’ parental attachment during their adolescent years, framed in Bowlby’s theoretical work. This questionnaire derives from an original version designed for Portuguese adolescents that was hence adapted by the authors and asks participants to recall their adolescent period tapping into their attachment orientations to father and to mother separately. The FMAQ-R comprises 3 dimensions, with 10 items each: *inhibition of*

exploration and individuality (IEI) assesses the perceived limitations in expressing individuality and exploratory behaviors (e.g., “If I wanted to experience something new, my father/ mother would discourage me”); *quality of emotional bond* (QEB) addresses the perceived function played by father/mother as an attachment figure (e.g., “I knew I could count on my father/mother every time I needed him/her”); and *separation anxiety* (SA) assesses the experience of separation anxiety and fear and the degree of *dependence* on the attachment figure (e.g., “I did everything to please my father/mother”). Responses are provided on a 6 - point Likert scale ranging from 1 (totally disagree) to 6 (totally agree). Separate response scales are provided for mother and father.

It should be noticed that one parent’s behavior seems not to influence the other parent’s attachment relation with the child and that a child’s attachment with one parent is formed relatively independently from the other (Benware 2013).

For all the presented measures, a confirmatory factor analysis (CFA) was performed for each one of dimensions. Overall, the dimensions, equally for men and women, presented appropriate model fitting indices, as well as good reliability coefficients.

Data analysis

Descriptive statistics, Person’s correlations and the multivariate analysis of covariance (MANCOVA) were performed using IBM SPSS Statistics 21. Confirmatory factor analyses for each one of the subscales were performed using IBM AMOS 21. Also with AMOS 21, two structural equation mediation models were tested, one for women and one for men. These models were drawn to examine the role of *authenticity’s unacceptability of deception* and *intimate risk taking* as a mediator variable between *attachment to mother and father* and attachment to romantic partner for men and women.

To evaluate statistical significance, a $p < .01$ cut-point was used. Established fit criteria for evaluating the confirmatory factor analysis and the SEMs were utilized, including the Hu and Bentler (1999) two-index combination strategy using a SRMR (standardized root mean square residual) under .09 and a RMSEA (root mean square error of approximation) of .06 or less as indicators of adequate fit. In addition, Kline’s (2010) recommendation that the chi-square ratio (χ^2/DF) to be 5 or less and the CFI (comparative fit index) be around .95 or higher were used for assessing model fit.

As we are testing a mediational model, indirect effects were also estimated and assessed. To test the significance level of indirect effects Shrout and Bolger (2002) recommendations were followed, and bootstrap procedure was used. Bootstrap methods offer an empirical method of testing the significance of statistical effects. A total of 1000 bootstrap samples were used in calculating the indirect effects (Mallinckrodt, Abraham, Wei, & Russell, 2006).

According to Shout and Bolger's suggestion, for a 95% confidence interval if the indirect effect estimates does not include zero, it can be concluded that the indirect effect is statistically significant at $p < .05$ level and there is therefore evidence of mediation. Following Kline (1998), we describe standardized path coefficients as small ($<.10$), medium (around $.30$), and large ($.50$).

Results

Preliminary results

Regarding the small number of participants in each sample and the number of parameters to be estimated a structural equation model with observed variable was build. The observed variables to include in the model were computed after performing a CFA for each subscale of the instruments and regression weights were used to calculate dimensions' means more accurately. Instead of a mean average measure of each dimension, a weighted mean was used, multiplying item's scores by the standardized regression weights, and divided by the sum of all the regression weights. The confirmatory factor analysis, performed for each dimension retrieved adequate model fitting and reliability coefficients for women (Table 3) and men (Table 4).

Pearson's correlation coefficients were calculated amongst the variables to enter the model, for both women and men, as presented on Table 5

For **women**, *authenticity* dimensions showed weak to moderate associations with the dimensions of attachment to mother and to father (ranging from $-.21$ and $-.35$). The correlations between *intimate risk taking* and *separation anxiety* for both parents were not significant, and neither was the association with *quality of emotional bond* to father. The Person's correlations between attachment to mother or father and *romantic attachment* where mostly weak and significant (ranging from $-.15$ and $.31$).

Table 4.

Cronbach's alpha, means, standard deviations and model fit for confirmatory analysis of the AIRS-P, RAQ and FMAQ - R subscales for women

Authenticity in Relationships Scale - Portuguese version: AIRS-P								
	α	M	SD	χ^2	DF	χ^2/DF	CFI	SRMR
IRT	.87	7.41	1.22	42.04	19	2.12	.969	.040
UOD	.91	7.13	1.75	48.97	25	1.96	.981	.033
Romantic attachment questionnaire: RAQ								
	α	M	SD	χ^2	DF	χ^2/DF	CFI	SRMR
Trust	.81	4.98	.75	10.90	4	2.72	.980	.031
Dependence	.78	3.72	.99	14.60	8	1.83	.977	.035
Avoidance	.82	2.42	1.03	17.20	8	2.15	.980	.034
Ambivalence	.85	2.28	1.08	9.14	5	1.83	.991	.026
Father and Mother Attachment Questionnaire: FMAQ-R								
	α	M	SD	χ^2	DF	χ^2/DF	CFI	SRMR
QEB	.92	5.12	.83	65.53	33	1.99	.976	.037
Mother IEI	.90	3.31	1.13	57.12	26	2.2	.965	.044
SA	.87	3.85	1.05	38.35	18	2.13	.965	.040
QEB	.91	5.04	.86	51.22	26	1.97	.975	.036
Father IEI	.89	3.20	1.04	52.98	26	2.04	.968	.041
SA	.84	3.81	.96	33.53	19	1.76	.970	.040

Note. IRT: Intimate risk taking, UOD: Unacceptability of deception; QEB: Quality of emotional bond, IEI: Inhibition of exploration and individuality, SA: Separation anxiety.

Table 5.

Cronbach's alpha, means, standard deviations and model fit for confirmatory analysis of the AIRS-P, RAQ and FMAQ - R subscales for men

Authenticity in Relationships Scale - Portuguese version: AIRS-P									
		α	M	SD	χ^2	DF	χ^2/DF	CFI	SRMR
	IRT	.89	7.11	1.24	40.17	27	1.82	.973	.037
	UOD	.89	6.50	1.65	69.47	34	2.04	.958	.045
Romantic attachment questionnaire: RAQ									
		α	M	SD	χ^2	DF	χ^2/DF	CFI	SRMR
	Trust	.79	4.99	.69	9.09	4	2.27	.981	.033
	Dependence	.66	3.91	.86	14.21	9	1.58	.960	.046
	Avoidance	.81	2.42	.99	15.27	9	1.7	.982	.033
	Ambivalence	.83	2.39	1.07	11.38	5	2.28	.982	.029
Father and Mother Attachment Questionnaire: FMAQ-R									
		α	M	SD	χ^2	DF	χ^2/DF	CFI	SRMR
Mother	QEB	.90	4.89	.85	68.12	34	2.0	.964	.042
	IEI	.89	3.08	.97	39.14	19	2.1	.958	.047
	SA	.87	3.69	1.05	43.80	20	2.2	.960	.048
Father	QEB	.91	4.70	.94	26.21	13	2.02	.978	.032
	IEI	.83	3.09	.95	39.25	19	2.16	.955	.049
	SA	.87	3.66	1.02	43.64	20	2.18	.960	.044

Note. IRT: Intimate risk taking, UOD: Unacceptability of deception; QEB: Quality of emotional bond, IEI: Inhibition of exploration and individuality, SA: Separation anxiety.

Table 6.

Correlations among attachment to parents, authenticity and attachment to the romantic partner for women and men

Women	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
1. QEB mother		-										
2. IEI mother		ns	-									
3. SA mother		.48	.34	-								
4. QEB father		.60	-.23	.14*	-							
5. IEI father		-.29	.58	.17*	-.49	-						
6. SA father		.23	.16*	.68	.48	ns	-					
7. IRT		.27	-.21	ns	ns	-.21	ns	-				
8. UOD		.32	-.34	-.27	.27	-.35	-.28	.50	-			
9. Trust		.28	-.15*	ns	.19	-.19	ns	.58	.48	-		
10. Dependence		ns	.24	.31	ns	.25	.30	ns	-.27	.19	-	
11. Avoidance		-.25	.21	ns	-.21	.24	ns	-.50	-.73	-.56	ns	
12. Ambivalence		-.29	.23	.19	-.26	.27	.19	-.46	-.75	-.60	ns	.82
Men	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
1. QEB mother		-										
2. IEI mother		-.41	-									
3. SA mother		.36	.20	-								
4. QEB father		.60	-.32*	.17*	-							
5. IEI father		-.43	.74	.14*	-.40	-						
6. SA father		.19	.18*	.75	.50	ns	-					
7. IRT		.25	-.36	ns	.24	-.29	ns	-				
8. UOD		.17*	-.39	-.32	ns	-.36	-.34	.41	-			
9. Trust		.37	-.39	ns	.30	-.31	ns	.58	.45	-		
10. Dependence		ns	.17*	.19	ns	.24	.22	.18	-.17	.27	-	
11. Avoidance		-.26	.44	.24	-.25	.38	.18	-.46	-.65	-.58	-ns	-
12. Ambivalence		-.25	.48	.27	-.22	.42	.26	-.46	-.69	-.60	ns	.79

Note. All correlations are significant at $p < .001$; * $p < .05$; ns = non-significant. QEB: quality of emotional bond, IEI: inhibition of exploration and individuality, SA: Separation anxiety. IRT: Intimate risk taking, UOD: unacceptability of deception

However the correlations between *separation anxiety* with *trust* and *avoidance*; and as well as *quality of emotional bond* with *dependence* were not significant, for both parents. The associations between *romantic attachment* and *authenticity* tended to be moderate to strong (ranging from -.27 to -.75). The associations between *unacceptability of deception* with *avoidance* and *ambivalence* are negative and have especially large magnitude. Also moderately large correlations were found between both *authenticity* dimensions and romantic attachment *trust*. *Authenticity* variables show correlations with smaller magnitude with *dependence* and for women the association between *intimate risk taking* and *dependence* was not significant.

For **men** the *authenticity* dimensions showed weak to moderate associations with the dimensions of attachment to mother and to father (ranging from .17 to -.39). The correlations between *intimate risk taking* and *separation anxiety* for both parents were not significant, neither was the linkage amongst *unacceptability of deception* and *quality of emotional bond* to father. The Person's correlations between *attachment to mother and father* and *romantic attachment* were generally weak to moderate and significant (ranging from .17 and .48). However, the link between *trust* and *separation anxiety* as well as the association of *quality of emotional bonds* with *dependence* were not significant, for mother and father. The associations between *romantic attachment* and *authenticity* are mostly moderate to strong (ranging from .45 to -.69) but weaker for *dependence*. The correlations between *unacceptability of deception*, *avoidance* and *ambivalence* have a particularly large magnitude. Also moderately large linkages were found between *unacceptability of deception* and *intimate risk taking* and attachment *trust*.

Gender differences on attachment and authenticity

A multivariate analysis, MANCOVA, was performed in order to examine if gender could contribute for differences on all the variables included in models, controlling for participant's age, given its large variability. The analysis revealed a main effect of gender ($F(12, 428) = 6.59, p = .000$ Wilk's $\Lambda = .74$, partial $\eta^2 = .16$) on *unacceptability of deception* and for *attachment to mother and father* dimensions. No gender differences appeared for *romantic attachment* dimensions, for *intimate risk taking* and for *quality of emotional bond to mother*.

Table 7.

Means, standard errors for authenticity and attachment dimensions for the Mancova, post-hoc comparisons between women and men and variability explained by gender

	Women (W)		Men (M)		Post-hoc comparison [*]	Adjusted R^2
	<i>M</i>	<i>SE</i>	<i>M</i>	<i>SE</i>		
Authenticity in relationships: AIRS - P						
Intimate risk taking	7.33	.08	7.20	.08	ns	-
Unacceptability of deception	7.03	.11	6.62	.11	W > M	.16
Romantic attachment: RAQ - BV						
Trust	4.93	.05	5.03	.05	ns	-
Dependence	3.75	.06	3.88	.06	ns	-
Avoidance	2.48	.06	2.35	.07	ns	-
Ambivalence	2.34	.07	2.32	.07	ns	-
Attachment to mother: FMAQ - R						
QEB mother	5.08	.05	4.92	.06	ns	-
IEI mother	3.35	.07	3.03	.07	W > M	.058
SA mother	3.88	.07	3.65	.07	W > M	.030
Attachment to father: FMAQ -R						
QEB father	5.03	.06	4.72	.06	W > M	.042
IEI father	3.24	.06	3.05	.07	W > M	.044
SA father	3.84	.06	3.64	.07	W > M	.043

Note. * LSD. All differences were significant at $p < .05$. QEB: Quality of emotional bond; IEI: Inhibition of exploration and individuality, SA: Separation anxiety

As presented in Table 7, women reported higher scores than men for all the variables whose differences were significant. Gender explained 16% of *unacceptability of deception* variability. For *attachment to mother and father* dimensions (except for *quality of emotional bond* to mother) gender explained smaller but still significant amounts of variance, ranging between 3% and 6%.

The structural equation model

Based on these preliminary results two structural equation models were run separately for women and men, but identical models were tested. *Inhibition of exploration and individuality*, *quality of emotional bond* and *separation anxiety* to mother and to father were specified as predictors and allowed to correlate. *Intimate risk taking* and *unacceptability of deception* were set as mediators and their residual variances were allowed to correlate. The four *romantic attachment* dimensions were set as outcomes and their residual variances were specified to correlate. Given the large age variability in our samples, age was controlled for in both models

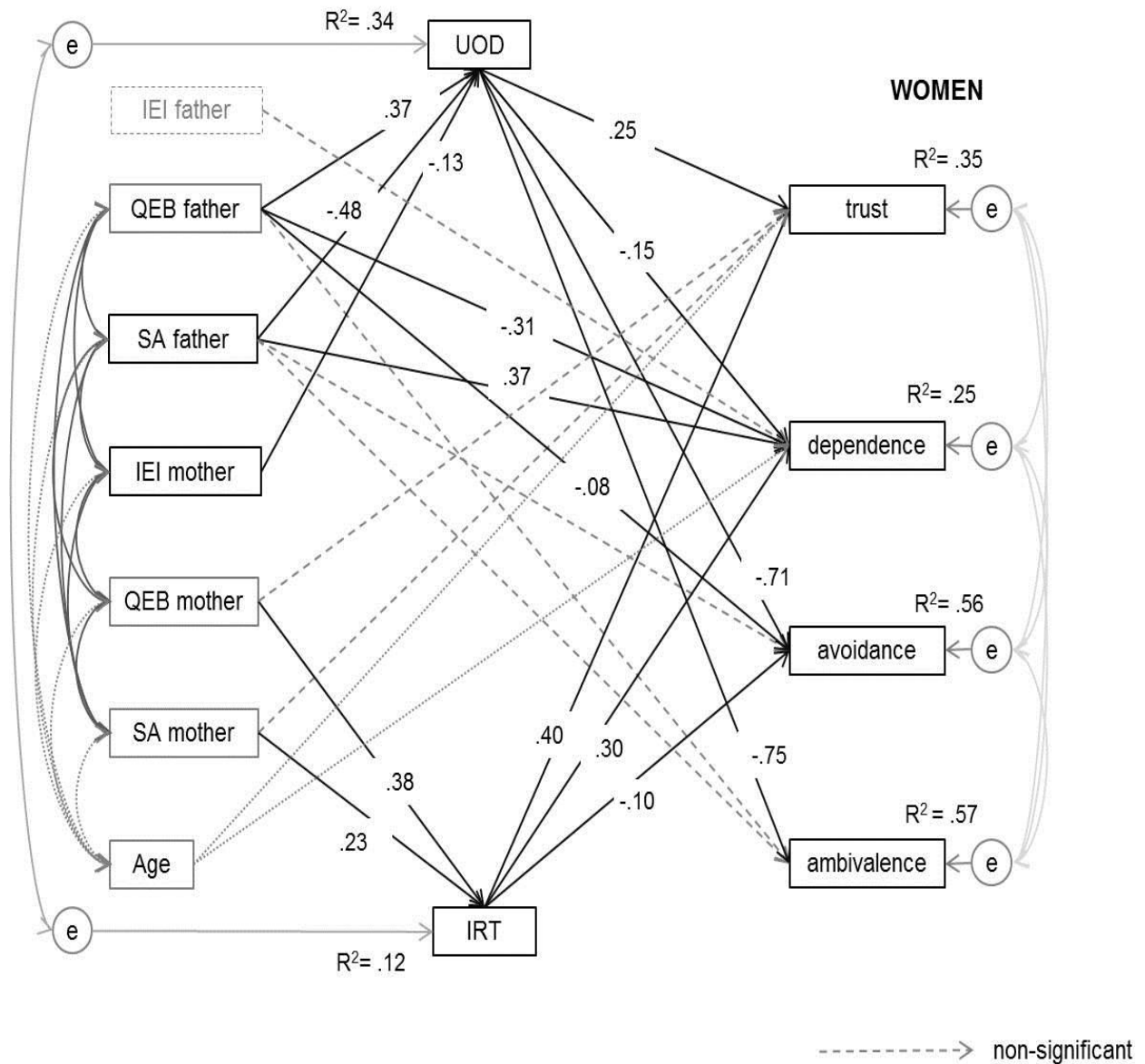
Women

After trimming non-significant paths the structural equation model presented in Figure 7 retrieved adequate fitting indices ($\chi^2(26) = 68$, $\chi^2/DF = 2.61$, CFI = .974, RMSEA = .083, 90% CI for the RMSEA = [.06 - .10], SRMR = .065, for women. *Inhibition of exploration and individuality* to father had no significant paths associated with them and were removed from the final analysis. *Quality of emotional bond* and *separation anxiety* to mother lost their significant direct effect on *romantic attachment* after the introduction of the mediator. A few direct effects of attachment to father and *romantic attachment* remained after the inclusion of the mediators, namely an effect of *separation anxiety* ($\beta = .37$) and *quality of emotional bond* ($\beta = -.31$) on *dependence*. *Quality of emotional bond* to father had a very small, but still significant association with *avoidance* ($\beta = -.08$). Focusing on the effects of *attachment to mother and father* on *authenticity*, *quality of emotional bond* ($\beta = .38$) and *separation anxiety* ($\beta = .23$) to mother and had a significant contribution to *intimate risk taking*. A total of 12% of the variance in IRT variability was explained by the model. For *unacceptability of deception* both mother and father dimensions contributed and 34% of UOD variability was explained. Considering *unacceptability of deception*, the strongest associations were with *quality of emotional bond* ($\beta = .37$) and *separation anxiety* ($\beta = -.48$) to father and *inhibition of exploration and individuality* ($\beta = -.13$) to mother. Both *authenticity* dimensions retrieved significant direct effects on attachment to romantic partner. UOD had significant effects on all the romantic attachment outcomes: *dependence* ($\beta = -.15$), *ambivalence* ($\beta = -.75$), *avoidance* ($\beta = -.71$), and *trust* ($\beta = .28$). IRT showed significant effects on *dependence* ($\beta = -.27$) and *trust* ($\beta = .41$) as well as a very small contribution on *avoidance* ($\beta = -.10$). The model explained

especially large percentages of variance in romantic attachment *avoidance* (56%) and *ambivalence* (57%) and large but relatively smaller amounts for *trust* (36%) and *dependence* (25%).

Figure 7.

Structural equation model testing the mediator role of authenticity between attachment to mother and father and attachment to romantic partner for women



Note. All paths are standardized and significant at $p < .001$. QEB: quality of emotional bond, SA: separation anxiety, IEI: Inhibition of exploration and individuality. IRT: Intimate risk taking, UOD: unacceptability of deception.

Indirect effects for women

Standardized coefficients, 95% confidence intervals, and *p* values for indirect effects are reported on Table 5. None of the indirect effects of *quality of emotional bond* and separation anxiety to mother through *intimate risk taking* were significant. However, all the indirect effects of attachment to mother and father on romantic attachment via *unacceptability of deception* were significant.

Table 8.

Total indirect effects of attachment to mother and father on romantic attachment for women through authenticity in relationships

Women		β	SE	95% CIs	P
QEB father	Trust	.080	.027	[.04, .14]	.001
	dependence	-.047	.023	[-.10, -.01]	.024
	avoidance	-.233	.050	[-.35, -.14]	.001
	ambivalence	-.246	.050	[-.34, -.15]	.001
SA father	Trust	-.104	.031	[-.17, -.05]	.001
	dependence	.061	.029	[.01, .12]	.026
	avoidance	.303	.044	[.23, .40]	.001
	ambivalence	.319	.042	[.24, .41]	.001
IEI mother	Trust	-.030	.016	[-.07, -.01]	.008
	dependence	.018	.012	[.00, .05]	.026
	avoidance	.088	.037	[.02, .17]	.012
	ambivalence	.092	.039	[.02, .18]	.012

Note. All coefficients are standardized. QEB: quality of emotional bond; SA: separation anxiety; IEI: inhibition of exploration and individuality. UOD: Unacceptability of deception, IRT: intimate risk taking

Finally, there seems to be partial mediation between *separation anxiety* to father and *unacceptability of deception* and between *separation anxiety* and *dependence*. There is a direct association between *separation anxiety* and *dependence* ($\beta = .41$) a direct association between *separation anxiety* to father and UOD ($\beta = -.48$) and from UOD to *dependence* ($\beta = -.19$) even after accounting for indirect influences. For *inhibition of exploration and individuality* to mother the effects were smaller, and positive for *dependence, avoidance and ambivalence* and negative for *trust*

Men

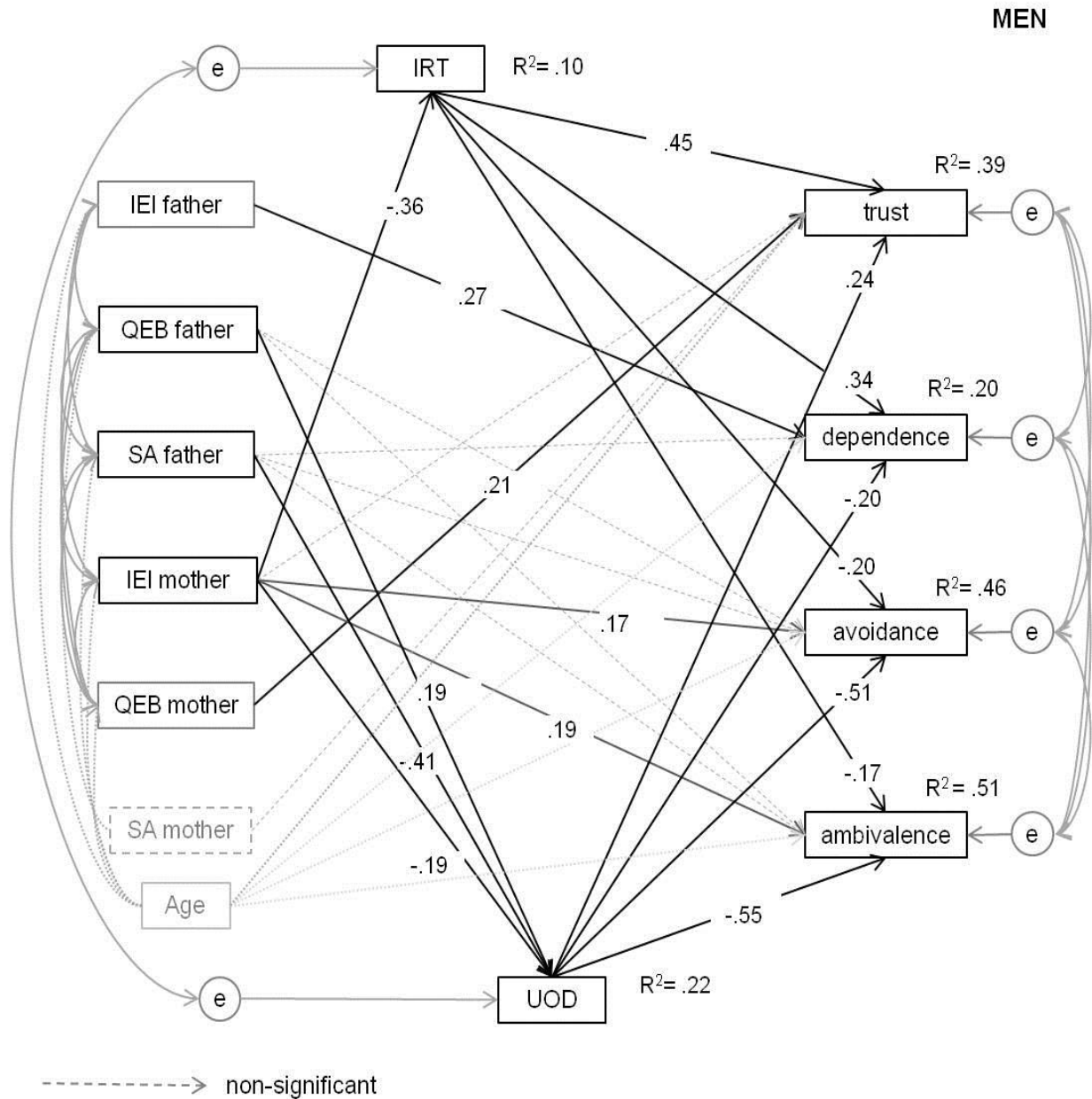
The final model presented on Figure 8, shows good fitting of the data to the hypothesized model ($\chi^2 (19) = 28.11$, $\chi^2 / DF = 1.47$, CFI = .991, RMSEA = .048, 90% CI = [.00 - .83], SRMR = .051). Non-significant paths were removed from the model. *Separation anxiety* to mother had no significant paths associated with it after the introduction of the mediators and was removed from further analysis. *Inhibition of exploration and individuality* to father had only a significant direct effect on *dependence* ($\beta = .28$), without the influence of *authenticity*, similarly *quality of emotional bond* to mother solely had a significant direct effect on *trust* ($\beta = .21$). *Separation anxiety* to father ($\beta = -.28$), and *inhibition of exploration and individuality* to mother ($\beta = -.34$) are negatively connected with *unacceptability of deception*. Inhibition to mother was also negatively linked with *intimate risk taking* ($\beta = -.39$). Overall *attachment to mother and father* predicted 18% of *intimate risk taking* variability and contributed 26% to *unacceptability of deception*. Both *authenticity* dimensions were linked to the four dimensions of *romantic attachment*, with negative connections with insecure attachment: *dependence* ($\beta^{IRT} = -.35$, $\beta^{UOD} = -.21$), *avoidance* ($\beta^{IRT} = -.19$, $\beta^{UOD} = -.51$) and *ambivalence* ($\beta^{IRT} = -.17$, $\beta^{UOD} = -.54$). As expected, the paths between *intimate risk taking* ($\beta = .44$) and *unacceptability of deception* ($\beta = .24$) were positive. The model contributed to explain particularly large amounts of variance for romantic attachment *avoidance* (49%), *ambivalence* (54%) and *trust* (42%), also a smaller amount for *dependence* (17%).

Indirect effects for men

Results for the significant indirect effects for men are presented in Table 6. All the indirect effects of attachment to mother on the four *romantic attachment* outcomes occurred only from *inhibition of exploration and individuality* through both *authenticity* dimensions.

Figure 8.

Structural equation model testing the mediator role of authenticity between attachment to mother and father and attachment to romantic partner for men



Note. All paths are standardized and significant at $p < .001$. QEB: quality of emotional bond, SA: separation anxiety, IEI: Inhibition of exploration and individuality. IRT: Intimate risk taking, UOD: unacceptability of deception.

Table 9.

Total indirect effects of attachment to mother and father on romantic attachment for men through authenticity in relationships

Men			β		95% CIs	p
SA father	→ UOD →	Trust	-.068	.028	[-.10, .06]	.000
		dependence	.055	.033	[.04, .14]	.002
		avoidance	.149	.042	[.15, .29]	.000
		ambivalence	.160	.045	[.16, .31]	.001
QEB father	→ UOD→	Trust	.046	.021	[.02, .09]	.007
		dependence	-.039	.021	[-.08, -.01]	.008
		avoidance	-.098	.042	[-.17, -.04]	.009
		ambivalence	-.105	.043	[-.18, -.04]	.009
IEI mother	→ UOD →	Trust	-.046	.022	[-.09, -.02]	.005
		dependence	.040	.019	[.01, .08]	.002
		avoidance	.099	.038	[.04, .16]	.009
		ambivalence	.107	.040	[.04, .17]	.009
IEI mother	→ IRT	Trust	-.100	.033	[-.16, -.05]	.001
		dependence	-.078	.029	[-.13, .04]	.001
		avoidance	.045	.021	[.02, .09]	.002
		ambivalence	.039	.018	[.02, .08]	.005

Note. All coefficients are standardized. QEB: quality of emotional bond; SA: separation anxiety; IEI: inhibition of exploration and individuality. UOD: Unacceptability of deception, IRT: intimate risk taking.

Via *unacceptability of deception*, inhibition to mother had a small positive effect on *trust* and negative on *dependence*. The negative effects of inhibition on *avoidance* and *ambivalence* through *unacceptability of deception* were strong. A partial mediation can be observed between *inhibition of exploration and individuality* to mother, *unacceptability of*

deception and *avoidance*, and also between inhibition to mother, UOD and *ambivalence*. There are significant direct paths of inhibition to mother on *avoidance* ($\beta = .17$) and on *ambivalence* ($\beta = .19$), a direct effect on *unacceptability of deception* ($\beta = -.19$) and from UOD to *ambivalence* ($\beta = -.55$) and *avoidance* ($\beta = -.51$). For *inhibition of exploration and individuality* to mother the effects were smaller, and positive for *dependence*, *avoidance* and *ambivalence* and negative for *trust*. The indirect effects of *inhibition of exploration and individuality* via *intimate risk taking* are relatively larger and negative on *trust* and *dependence*. In turn the effects observed for inhibition to father were smaller and positive for *avoidance* and *ambivalence*, through *intimate risk taking*.

Men's *quality of emotional bond*, *inhibition of exploration and individuality* and *separation anxiety with father* revealed significant indirect effects through *unacceptability of deception* on the four *romantic attachment* dimensions. It should be noted that these two dimensions of attachment to father had especially large effects on *romantic attachment avoidance* and *ambivalence* (negative for QEB and positive for SA), particularly for *separation anxiety*. There were smaller indirect effects of attachment to father on *trust* (positive for QEB and negative for SA) and smaller for *dependence* (negative for QEB and positive for SA).

Discussion

The major goal of this study was to test the mediator role of *unacceptability of deception* and *intimate risk taking* between *attachment to parents* and *romantic attachment* for men and women, separately. In addition, we aimed to understand if there were different roles of recalled attachment during adolescence to mother and to father, during adolescence in predicting adult relational outcomes, such as *authenticity* and *romantic attachment* for men and women.

Our results show that recalled adolescent *attachment to mother and father* had an effect on *authenticity in relationships* for men and women later in life. *Intimate risk taking* showed less variability explained by *attachment to parents* than *unacceptability of deception* for men and women. For men *intimate risk taking* was negatively connected with *inhibition of exploration and individuality* to mother. For women, was also the mother who contributed the most but with a positive link to *quality of emotional bond* and negative

for *separation anxiety*. *Unacceptability of deception* was connected to *separation anxiety* and inhibition to mother for both men and women, but *quality of emotional bond* to father had an effect only for women. The paths' coefficients observed in these linkages were mostly moderate and negative for *separation anxiety* and *inhibition of exploration and individuality* and positive for *quality of emotional bond*. Overall, women seem to have more significant paths from *attachment to parents* to *authenticity* dimensions than men did. However, these coefficients' were especially weak for *inhibition of exploration and individuality* to mother and UOD and larger for and *separation anxiety* to father.

This association between *attachment to parents* and *authenticity* seems not to have been studied before. Nevertheless, the first experiences of acceptance are traditionally lived inside the parental relationship and therefore the construction of the positive or negative internal working models of the self and others. Relationships with parents are the first context where the individual internalizes if self-revelation is safe. When parents openly question or contradict the legitimacy of children's authentic thoughts and feelings it might lead the children to ignore or discard these experiences, in order to please parents and possibly adopt their viewpoints (Kernis, 2003). Our results point to the potential important influence of *attachment to parents* on *authenticity* as a construct mediating the construction of *attachment to romantic partners*.

Considering the indirect effects from *attachment to parents* on *romantic attachment* throughout the mediator role of *authenticity*, the same variables of *attachment to mother and father* appear as predictors for *romantic attachment* for men and women. That is, *inhibition of exploration and individuality* to mother, *separation anxiety* and *quality of emotional bond* to father had indirect effects via *unacceptability of deception* on the four *romantic attachment* dimensions in both genders. Only for men, there were also effects through *intimate risk taking*, linking *inhibition of exploration and individuality* to mother to the four *romantic attachment* dimensions.

For men and women a higher *quality of the emotional bond* to father leads to greater *unacceptability of deception*, with in turn is associated with greater *trust* on romantic partner and lower levels of *avoidance*, *ambivalence* and *dependence*. *Quality of emotional bond* relates to the importance and uniqueness of the parent, in this case the father, as an attachment figure, and how is seen by the individual as fundamental for development and to whom he/she will turn to in situations of need, that is, as a safe haven (Gouveia & Matos, 2011). These results seem to be in conformity with the literature, as

the core feature of early attachment security is an emotional bond that will enhance a positive view of the self and others (Mikulincer & Shaver, 2007). Without the fear of being rejected, individuals become more prone to be authentic and develop secure romantic relationships. Research shows that in young adulthood fathers are still used as a safe haven and a secure base (Markiewicz, Lawford, Doyle, Haggart, 2006), suggesting that a safe haven is a central feature of *quality of emotional bond*. Furthermore, research suggests that during childhood interactions with the father while playing an exploratory game, the child grows a sense of security through encouragement, guidance, and support, promoting collaboration and problem-solving skills (Grossmann et al. 2005) and probably seeing fathers in a more playful approach. Furthermore, it appears that fathers are more likely than mothers to encourage autonomy and exploration, and the approaching of new situations (Paquette & Bigras 2010). The influence of this encouragement seems to reach greater importance in adolescence as the individual is struggling for autonomy and exploration is an important mean to achieve identity (Grossmann et al. 2005). This could explain why *quality of emotional bond* to father and not to mother predicts adult romantic outcomes. For men only a positive direct effect appears between *quality of emotional bond* to mother and *romantic attachment trust*, probably because the safe haven was provided when in need and a positive model of the others is created, leading to *trust* even in relationships in adulthood. *Quality of emotional bond* to mother also had a positive effect on *women's intimate risk taking*, which seems plausible given that the establishment of an emotional bond in adolescence allows participants to be authentic without the fear of losing the others affection.

Separation anxiety to father was related to lower levels of *unacceptability of deception*, and indirectly to greater *dependence*, *avoidance*, and *ambivalence* and lower levels of *trust* in the romantic partner. *Separation anxiety* relates to experiences of anxiety and fear facing separation from the attachment parental figure, which might reveal a relationship of *dependence* with the parent, in this case, the father (Gouveia & Matos, 2011). If participants, in their adolescence, felt anxious about losing the attachment figure, it may foster *inauthenticity*, as they might tend to try to please their fathers in order not to lose them and to seek proximity. Additionally, literature reveals that fathers are used during adolescence and young adulthood as a safe haven and secure base (Markiewicz et al, 2006). In the case of insecurity, anxiety about attachment might emerge, since the adolescent fears that the safe haven function might not be available in case of need.

Furthermore, if the father fails to meet his functions as a secure base for exploration (Paquette & Bigras 2010), a sense of secure autonomy may not develop, and will to explore might decrease. In this case, adolescents will probably tend to be more dependent due to a fear that the father would not value exploration. This dimension of *attachment to parents* usually roots insecurity in adult romantic relationships, especially anxiety and dependence (Matos, 2002).

Inhibition of exploration and individuality concerns individuals' perceptions about parental restrictions to the expression of his/her own individuality (Gouveia & Matos). As the perception of safety about being authentic is one of the most important factor for honest self-disclosure (Neff & Suizzo, 2006), if mother was particularly restrictive and non-accepting participants ideas in adolescence, this might lead to a tendency not to authentically disclose. These perceptions might be manifested by felt difficulties on manifesting points of view or opinions that might be divergent from the ones of the parental figure. Inhibiting parents tend not to support exploration initiatives and to be overly interfering in issues that the adolescent considers private (Gouveia & Matos, 2011; Matos, 2002). These behaviors from the parents can lead to low autonomy and later attachment insecurities. In fact, the presented results show that higher *inhibition* to mother is linked to greater *dependence*, *avoidance* and *ambivalence*, but also to lower levels of *trust* in the *romantic attachment* relationship. Furthermore, participants who showed more *unacceptability of deception* have greater *trust* in the romantic partner, and report less *dependent*, *avoidant* or *ambivalent* behaviors.

For men only there is an indirect effect of *inhibition of exploration and individuality* to mother, through *intimate risk taking*, on *romantic attachment*, leading to greater *avoidance* and *ambivalence*, and less *trust* on adult *romantic attachment*. Research, in young adults, show that for individuals with attachment insecurity to mother, the secure base function was the most affected; that is, in the absence of a secure base exploration may be inhibited (Markiewicz et al., 2006), possibly explaining the link between inhibition to mother and adulthood *romantic attachment* outcomes. Surprisingly the effect on *dependence* does not go in the expected direction, due the positive association of *intimate risk taking* with *dependence* that was also observed for women, despite the absence of mother's inhibition indirect effect. IRT requires that the individual be authentic, but willing to take possible risks or costs of relationship conflicts (Lopez & Rice, 2006). The possible costs of being authentic are very explicit in the scale's content and formulation (e.g., I

share my deepest thoughts with my partner even if there is a chance he/she will not understand them; Appendix II). This result may reflect the potential influence of social desirability, as individuals with higher *dependence* fear conflict or disapproval. Another possibility is that because attachment *dependence* relates to one's fears of being abandoned and the desire to be close to partners, it may drive people to engage in certain types of *authenticity* more frequently (Downing, 2008). This might also explain the positive effects of *separation anxiety* to mother, for women, on *intimate risk taking*, where anxiety to mother might be transferred to the adult relationship, leading women to fear of loss, and in consequence to share selected information, possibly more related to this dimension of *authenticity*.

Predicted by *attachment to mother and father*, *authenticity* dimensions were linked to *attachment to romantic partner*. *Unacceptability of deception* had significant effects in all the *romantic attachment* outcomes: *dependence*, *ambivalence*, *avoidance*. Besides the effects in *dependence*, *intimate risk taking* also showed effects on *trust*, *avoidance* and *ambivalence*, and for women evidenced significant effects on *trust* as well as a small contribution on *avoidance*. In conformity to the results' presented in study 1, the paths between *Unacceptability of deception* to *avoidance* and *ambivalence* showed an especially large magnitude for women and men. Previous research has noticed the strong link between UOD and attachment *avoidance* (Downing, 2008, Lopez & Rice, 2006). *Unacceptability of deception* reflects one's motivations to engage in authentic self-disclosure and relational exchanges and *intimate risk taking* represents a choice of being authentic despite the possibility of relational costs. These motivations conflict with a central characteristic of avoidantly attached individuals - an unwillingness to share emotions with others (Bartholomew & Horowitz, 1991), which would hinder one's ability to be authentic (Gouveia, Shulz & Costa, 2015). *Ambivalence* about attachment is distinguished by an individual's reluctance to become close to another due an apprehension about not being loved by the partner. This concern about not being loved is also a key element of *dependence*, but here it appears linked to the fear of losing the significant other. This fear might motivate an individual to refrain from authentic self-expression and instead lead the individual to selectively disclose thoughts and opinions that are perceived as more appealing to the partner or as a way to avoid conflict or maintain approval (Mikulincer & Shaver, 2007). Consistent with this argument is the combined significant role of *unacceptability of deception* and *intimate risk taking* in

predicting greater *trust*, which is a core dimension of attachment security. The strong link between *intimate risk taking* and *trust* is consistent with the underlying conceptualization of both constructs, as they both emphasize perceived support and trust in a reliable romantic partner. Similarly, a certain degree of *trust* in a secure self and a trustworthy partner may be crucial for scoring high on the *unacceptability of deception* scale.

Some studies of *authenticity* in romantic relationships (Gouveia, Schulz & Costa, 2015; Lopez & Rice, 2006; Neff & Suizzo, 2006) have reported gender differences in *authenticity* where women tend to report greater *authenticity* than men. More specifically, such that women were found in this study to have higher mean scores in *unacceptability of deception* than men. Gender was responsible for 16% of the variability in *unacceptability of deception*. However, no gender differences were found for attachment with romantic partner, or for *quality of emotional bond* to mother, but these differences appeared for the remaining dimensions of attachment to mother and father, with women consistently reporting higher scores than men. Nevertheless, these differences did not count for more than 6% of *attachment to parents'* dimensions variability. These differences might be linked to gender socialization that could orient women to view relationships as more important than men (Cross & Madson, 1997, Del Giudice, 2011, Hook et al., 2003). Men have been described as restricted in emotional expression and lower in emotionality (Consedine, Magai, & Krivoshekova, 2005).

Because the vast majority of attachment research in adulthood has been conducted with young adults, relatively little is known about attachment processes later in life (Magai, 2008). The present work, including participants aged between 25 and 70 years old, contributes to diminish this empirical gap, as well as the lack of research on *authenticity*, especially including the parents. Overall, the present work seems to suggest that attachment to parental figures remains important even beyond young adulthood, underlying features of latter romantic relationships. Our results are consistent with the idea that parental figures have a role to play in the construction of an authentic self, and inside this relationship the individual will learn the degree in which is safe to express authentically with significant others. Furthermore, *authenticity in relationships* appeared to be an important mediator between *attachment to parents* and *romantic attachment*, and that some features of participants' recalled relationships with parents in adolescence, tend to be echoed in the romantic relationship. In general, features of insecure *attachment to parents* in adolescence seem to contribute to insecure dimensions of attachment and

these links are possibly mediated by *inauthenticity*. In conclusion, this study helps address the lack of empirical work on *authenticity in relationships* and extends it to new relational contexts.

However, some limitations of the present work should be noticed as well as important directions for future research. Our work relies only in self-report measures, no observational data or multiple informants were used enhancing the possibility of social desirability to take place, especially in these relational and intimate variables.

Our sample, while including adult individuals, integrated a large proportion of college educated participants, especially for women (48.5%, and 31.1% for men). The national rate of college educated Portuguese is below 15% (INE, 2011), so the disproportionally high participation rate of college educated individuals might limit the generalizability of the results.

Cross-sectional studies make it difficult to draw causal inferences or even conclusions about the direction of these influences. Assuming that individuals' internal working models were formed in early relationships with mother and father and that this information is still continuously influencing meanings underlying the relationship, it must be noticed that the current participants' relationships with parents might change in their retrospective vision of attachment as they age. It becomes critical to acknowledge that retrospective attachment measures may not reflect sharply early experiences. Furthermore, these measures might in part reflect current experiences of participants' relationships with parents and even be influenced by present romantic experiences and attachment. We limited our study to Individuals whose both parents were present during their adolescence, asking beforehand if parents were enrolled in participants' lives during those years. The FMAQ is a retrospective questionnaire, and established on memories of relational features with parents that occurred in adolescence, but these features might change due other variables that might occur during parents and participants' life's. For instance if parents, or one of the parents, were already deceased some degree of idealization of these figures might occur. Contrarily if there is a situation of current conflict with mother or father there might also be a negative bias when recollecting teenage years. Furthermore, parents (or usually mothers) are no longer the primary attachment figures in hierarchy of attachment for long, what is also likely to change participants' perceptions. As the individual develops and their attachment needs shift and the romantic partners

become figures to attend to accomplishing attachment needs. These factors illustrate well some of the limitations of a cross-sectional study.

Usually the existing longitudinal studies of attachment do not go beyond young adulthood. For instance, the impressive study by Grossmann, Grossmann & Kindles (2005), which illustrate attachment processes from childhood until participants' where 22 year of age. In their unique longitudinal study, Waldinger and Schulz (in press), addressed participants in their adolescence, and who are now, after impressive 60 years, in their later life. The authors' findings support the hypothesis that childhood experiences in the family are extended across the entire adult life with effects on relationship functioning in later life. These findings are consistent with the hypothesis that nurturing relationships inside one's family support the development of adaptive emotion regulation processes in early adulthood which, are important foundations for intimate relationships functioning in later life, particularly regarding attachment security.

We suggest that a longitudinal study starting in adolescence or young adulthood would shed a new light on *authenticity* development in later adulthood. Particularly when several normative social and familiar events take place, for instance as leaving parents' house, partnering, becoming a parent, should be included in a study of this nature. Also, giving the lack of empirical work on *authenticity in relationships* and parental relational predictors, would also be interesting to study these processes in adolescence, where the parents are still important figures, and so are the peers that might turn in a romantic partner.

Clinical implications

Given the pivotal role of early acquired insecure working models in the genesis of emotional and relational impediments (Mikulincer & Shaver, 2007), Bowlby (1988) proposed a model of therapeutic change based on helping clients to understand their own cumulative attachment experiences, identify and revise insecure working models to be transformed into more secure ones, and learn about ways to achieve a the comfortable balance between autonomy and intimacy. However, there are no published studies on the efficacy of Bowlby's applied models in the revision of insecure working models (Mikulincer & Shaver, 2007).

Considering *authenticity in relationships* as a more accessible intervention target as it keeps being developed and reintegrated later in life, would probably be more permeable

to change. We believe that approaching and encouraging *authenticity* in therapy might help to promote self-knowledge around one's own personality and feelings and a sense of security to let those traits and feelings be shown. Exploring and working on clients' motives for being less authentic in their relationship might help them to understand potential concerns and conflicts they have about intimate relationships. *Authenticity in relationships* is an important foundation for constructing intimacy in romantic relationships and a potentially important focus in interventions to promote relationship well-being.

Since that *authenticity* in romantic relationships arises from this specific context, this construct seem to play a fundamental role in facilitating and enhancing couples' interactions, as it helps partners to recognize and respond appropriately to each other's needs. A number of couple's therapy interventions (e.g., Johnson, 2012; Schulz, Cowan, & Cowan, 2006) build on ideas from attachment theory and emphasize the key roles of authentic self-expression and validation of experience by an intimate partner. The strong links found in this study among *authenticity* and *romantic attachment* suggest the importance of understanding attachment dynamics when trying to help couples improve their communication and interaction patterns. For example, efforts to enhance authentic communication within a distressed couple relationship might focus on building trust and encouraging self-acceptance and help to reach issues that probably the couple would not approach.

STUDY 3

A DYADIC PERSPECTIVE ON AUTHENTICITY IN RELATIONSHIPS AND ROMANTIC PARTNER ATTACHMENT AND CAREGIVING

(Submitted to *Journal of Counseling Psychology*)

Abstract

Authenticity in relationships has been an understudied construct, especially when approached as a dyadic variable. Lopez & Rice (2006) defined this construct as a relational phenomenon facilitated when individuals assume that a truthful and open communication with one's partner will be reciprocally valued despite possible risks. Assuming a dyadic perspective, we hypothesized that *authenticity in relationships* (comprising *unacceptability of deception* and *intimate risk taking* dimensions) will predict both one's and one's partner's *responsive caregiving* and *romantic attachment*. To access these constructs three measures were administered: the Authenticity in Relationship Scale (Lopez & Rice, 2006; Portuguese version: Gouveia, Shulz & Costa), the Caregiving Questionnaire (Kunce & Shaver, 1994; Portuguese version: Torres & Oliveira, 2010) and the Romantic Attachment Questionnaire (RAQ - Matos, Cabral & Costa, 2008). These questionnaires were responded by 205 couples married or living together between one and 56 years. An actor-partner interdependence model (APIM) was tested. Results show both male and female actor effects but only male partner effects, revealing significant effects of female *unacceptability of deception* on male *avoidance* and attachment *ambivalence*, and both dimensions of *responsive caregiving*.

Keywords: authenticity; attachment caregiving; romantic relationships; dyadic; APIM

Introduction

Recent studies have demonstrated the importance of *authenticity* in *caregiving* (Study 1, Gouveia, Schultz & Costa, 2015) and *attachment* (e.g., (Gillath, Sesko, Shaver, & Chan, 2010; Lopez & Rice, 2006) in romantic relationships. However, the influences of romantic partners' authenticity on caregiving have never been tested so far. Additionally, few studies have approached *authenticity in relationships* as a dyadic process, despite the importance of considering both partners whenever studying romantic variables (e.g., Milling & Walsh, 2009; Sobral, Matos & Costa, 2015; Tran & Simpson, 2012). This study aims to better understand the association among authenticity, romantic attachment and caregiving by extending analysis from an individual-based level to a dyadic point of view, considering the couple as the unity of analysis. Adult intimate relationships represent a unique context for the study of *authenticity in relationships*, as participants are presumably involved in the shared enterprise of deepening each other's accurate knowledge of and appreciation for their most personal and private self-views and self-understandings (Aron, 2003).

Authenticity in relationships

Individual's capacity to act authentically by motives inherent to one's self and mostly free of contextual influences has been long considered a prerequisite for psychological, emotional and relational well-being, despite the scarcity of empirical and theoretical work on this construct.

Conceptualized into different perspectives ranging from an individual trait (e.g. Harter, 1999) to a relationship construct, the existing studies consistently emphasize authenticity's benefits (see table 1 for a revision). In the present study, we aim to address authenticity in a fully relational approach, based on Lopez and Rice (2006) definition. In conceptualizing *authenticity in relationships*, the authors refer to a "relational schema that favors the benefits of mutual and accurate exchanges of real self-experiences with one's intimate partner over the attendant risks of personal discomfort, partner disapproval or relationship instability" (p. 364).

Using the Portuguese version (Study 1, Gouveia, Schultz & Costa, 2015) of their *Authenticity in Relationships Scale*, the authors found that authenticity was correlated with

subjective well-being, relational satisfaction, greater self-esteem and attachment security. On the other hand, higher authenticity was related to lower levels of depression, self-concealment, and self-disorganization (Lopez & Rice, 2006).

Authentic individuals report being more motivated to attain intimacy (Kernis, 2003) and to adopt a relational orientation fostering mutuality. Moreover, the link between intimacy and well-being is affected by the extent to which one acts in accord with one's true self within those relationships. For example, Harter and colleagues (Harter, Waters, Pettit, Whitesell, Kofkin, & Jordan, 1997) found that a connection between individuals' perceptions of partner validation and their own perceived authenticity in the relationship. Other studies also found associations between authenticity and more rewarding relationships and higher psychological well-being. In effect, authenticity may promote less use of verbal defensiveness and concealing when participants' described self-esteem threatening experiences (Lakey, Kernis, Heppner, & Lance, 2007). Less defensiveness, self-concealment and disorganization are likely to create conditions for optimizing self-disclosure inside an intimate relationship. *Authenticity in relationships* is also closely linked to current partner characteristics and relational dynamics such as support and acceptance of the other's self. In particular, authenticity appears to depend on individuals' perceived safety to reveal inner thoughts and feelings in specific relational contexts (Neff & Suizo, 2006); therefore it is essential to address both romantic partners' perceptions.

Dyadic studies focusing on authenticity in relationships

Despite the calls for dyadic data when studying *authenticity in relationships* (e.g., Downing, 2008; Lopez & Rice, 2006) up to date, few empirical or theoretical works have considered this perspective.

Despite adopting a more self-oriented definition of authenticity, Neff and Harter (2002) studied authenticity in the context of adult couples' conflict resolutions. They found that participants who were more concerned in maintaining a connection to the partner tended to solve conflicts acceding to partners' needs and opinions, instead of being less authentic about their own needs and opinions. This result was more common for women, reflecting that their other-oriented behavior in relationships may not always reflect their true selves. Instead, women's actions seem to be related to situational factors such as the degree of validation received from partners, or the avoidance of relational conflict. The

combined roles of fewer partner validations and less authenticity were linked with less psychological well-being.

Brunell and colleagues (2010) also studied married or dating dyads and found that couples with greater levels of relational authenticity reported more intimate and constructive relational behaviors. This study revealed that men's authenticity scores were linked to their spouse's healthy relationship functioning. Women's reported authenticity appeared to promote their own perception of a healthy relationship functioning and to their partner's positive perception of relationship quality. In addition, higher levels of perceived authenticity were associated with more intimate and constructive relational behaviors and with healthier, happier and satisfying relationships (Brunell et al., 2010).

Swann, De La Ronde and Hixon (1994) found that once individual self-concepts develop and become stable, others' evaluations tend to be automatically self-verified. That is, individuals became able to recognize those evaluations as true or false based on their self-concepts, and when perceived as accurate they supposedly functioned as a confirmation of one's own authenticity. When these external evaluations were not self-verified (implying that the individual does not consider them as corresponding to his/her self-concept), these appraisals tended to be associated with distrust and discomfort, even if they had a positive content. The author found that individuals in dating couples tend to feel greater intimacy if their partners evaluated them positively. However, married participants tended to feel greater intimacy with partners' who evaluate them in a self-verified way, even if that evaluation was negative. Hence, the significant other's evaluation would be coherent with the conceptions individuals have about themselves. The authors suggest that non self-verified evaluations might cause a sense of inauthenticity and mistrust in the significant other.

Wickham (2013) presupposed that it is likely that each one of the romantic partners think about how authentic the significant other could be. Based on Lopez and Rice's (2006) conceptualization and measurement of *authenticity in relationships*, Wickham (2013) proposed the concept of Partner Perceived Authenticity, assessed with a modified version of the AIRS. In this scale, the items were reformulated so that participants could also report the authenticity or inauthenticity perceived from their romantic partners. Findings reveal that participants who perceived their partners as more authentic tended to report greater relational connectedness oriented goals and less self-protection, regardless of the partner's actual self-reported authenticity. Participants who reported higher self-

authenticity tended to trust their partners' and to focus on positive features of the relationship even when controlling for insecure attachment. The author believes that perceiving one's partner as more authentic might contribute to continuous feelings of trust, and is likely to promote a greater transparency in the relational communication and motives behind one's actions. This would in turn possibly help to diminish anxiety about being deceived by one's partner, which might lead to more relationship satisfaction.

Attachment in romantic relationships

The attachment system, which helps maintain proximity to a romantic partner, is one of the most commonly studied constructs alongside with authenticity (Downing, 2008). While the infant's attachment system involves primarily emotional bonds with the parental figures (Bowlby, 1969), adults' attachment needs transform, and the main attachment figure tends to become one's romantic partner (Hazan & Shaver, 1987). The attachment system in adulthood will be activated whenever security is threatened and the individual perceives threat or suffering, which in turn leads to searching contact with the romantic partner. The majority of the literature relates secure attachment orientations to greater authenticity, while insecurity seems to be connected with individuals to inauthenticity (e.g. Kim, 2005; Wickham, 2013). Hence, secure attachment might contribute to authenticity in self-presentation and might be a source of accurate self-perceptions (Leak and Cooney, 2001). Past research indicates that higher authenticity scores are linked to less avoidant attachment and anxiety about attachment (Gillath, Sesko, Shaver, & Chan, 2010; Lopez & Rice, 2006). Attachment insecurity might lead to too much concern about the approval of others and a questioning about one's own value, which in turn could contribute to the avoidance of real exchanges with a partner, as those might result in relational conflict (Neff and Harter, 2002; Mikulincer & Shaver, 2007).

Caregiving to romantic partner

Adult romantic relations do not only involve the attachment system, but also the caregiving system, which is responsible for attending and responding to a partner in need (Shaver & Hazan, 1988). Just as children seek their parents when in need, romantic partners search for each other for support and care during adversity and personal challenge (Collins & Ford, 2010). Studies provide strong evidence that attachment

security affects caregiving in adult romantic relationships, as secure individuals exhibited the most favorable pattern of care within couples (Mikulincer & Shaver, 2007). Research findings during the past decades recognize that responsive caregiving toward one's partner is vital for fulfilling and stable relationships (Collins and Feeney, 2000). Despite the fact that the caregiving system has been viewed as a fundamental component of adult emotional bonds, it has received little empirical attention (Collins & Ford, 2010). This study also is intended to address this gap, as well as an understudied link between authenticity in relationships and caregiving to the partner. As observed in study one, more authentic individuals tended to exhibit higher responsive caregiving levels.

Present study

The present work aimed to explore more deeply the link between authenticity in relationships, attachment and caregiving by adding the romantic partner to the equation. Taking a dyadic perspective, we hypothesize a model (Figure 9) in which participant's authenticity in the relationship predicts both one's and one's partner's dimensions of romantic attachment and responsive caregiving. It is expected that partners' authenticity dimensions will be positively linked with partners' attachment security and caregiving responsiveness and negatively with insecure attachment dimensions. Anticipating that relationship length might influence these variables in important ways, this variable was controlled for in the model.

Method

Participants

Participants were all volunteers (no compensation was offered) and were required to be married or to be living together for at least one year. The majority (198) of the participants were recruited through a snowball sampling method and responded on paper questionnaires. The study was also advertised through the university email service but only in 24 cases both of the couple members responded to our questionnaires. The 17 participants with missing data, had all completed paper questionnaires, and were excluded from the analyses. The final sample consists of 205 couples that were married or were living together for at least one year ($M = 23.42$, $SD = 15.36$). Women were aged

between 26 and 76 years ($M = 47.67$, $SD = 14.14$) and men's age ranged from 25 to 79 years old ($M = 48.75$, $SD = 15.04$). The great majority of the participants had children: 66.3% had one child or two children, 16.6% had 3 or 4 children and the remaining 4.9% had 5 to 9 children. Only 12.2% of the couples did not have any children. Regarding participants' education, 60.5% of the women and 61% of the men did not complete high-school, 17.6 % of the women and 21.5% of the men had a high-school diploma, and finally, 22% of the women and 17.6% of the men had a college degree.

Measures

Demographics: Participants were asked to report on their gender, age, education, marital status, years of marriage and number of children.

Authenticity in Relationships Scale – Portuguese version (AIRS: Lopez & Rice, 2006; AIRS – P: Gouveia, Schulz & Costa, 2015; see Appendix II) is a 19-item self-report questionnaire that assesses one's perception of whether the benefits of honest self-presentations with an intimate partner outweigh their potential risk or costs. The AIRS – P, just like the American version, is comprised of two subscales: *unacceptability of deception* with 10 items and *intimate risk taking* with 9. Participants are asked to respond using a 9-point Likert scale ranging from 1 (not at all descriptive) to 9 (very descriptive). UOD reflects motivation to engage in honest self-disclosure and relational exchanges. UOD items are reverse scored in order to index a tendency toward authenticity (e.g., "I would rather be the person my partner wants me to be than who I really am"). The IRT items capture self-perceptions of safety and trust in self-disclosing to one's romantic partner (e.g., "I answer my partner's questions about me honestly and fully").

Romantic Attachment Questionnaire - Brief version (RAQ: Matos, Cabral, & Costa, 2008; see Appendix III) is a self-report questionnaire assessing attachment to one's romantic partner. The RAQ was built on Bartholomew's model of adult attachment (Bartholomew & Horowitz, 1991. Specifically developed and validated for Portuguese samples (Matos, 2002), this measure has 24 items (6 per dimension) organized in 4 dimensions: *Trust* taps participants' perceptions of partners as a source of consistent emotional support (e.g., "I know I can count on my partner every time I need him"); *Dependence* assesses participants' needs for physical and emotional proximity and fears about separation and loss (e.g., "I can only face new situations if my partner is with me");

Avoidance asks about the importance of romantic partners in satisfying ones' attachment needs (e.g., "I don't need my partner's care") and *Ambivalence* captures participants' doubts about one's role as a romantic partner and one's feelings toward the partner (e.g., "Sometimes I see my partner as a fundamental part of my life, but other times I don't"). Responses are provided on a 6-point Likert scale ranging from 1 (totally disagree) to 6 (totally agree).

The *Caregiving Questionnaire* (CGQ: Kuncce & Shaver, 1994; Portuguese version: Torres & Oliveira, 2010; see Appendix V) has two subscales (each with 8 items) that measure dimensions of responsive caregiving participants' perceive providing to their romantic partner (Kuncce & Shaver, 1994; Mikulincer & Shaver, 2007). *Proximity maintenance* measures participants' perceptions of being available to comfort their romantic partner physically when needed (e.g., "When my partner cries or is distressed, my first impulse is to hold or touch him/her"). The *sensitivity* subscale assesses one's ability to recognize a partner's feelings and needs for comfort and support (e.g., "I can always tell when my partner needs comforting even when he/she doesn't ask for it"). Responses are requested on a 6-point Likert scale varying from 1 (Not at all descriptive of me) to 6 (Very descriptive of me).

Reliability analyses were performed for all the previous measures and Cronbach's alpha coefficients are presented on Table 10 for women and Table 11 for men.

Results

Preliminary results

Using IBM SPSS Statistics 21, descriptive statistics (presented on Table 1) and Person's correlations between subscales were calculated. Due to the relatively small number of dyads and the large number of parameters to be estimated only observed variables were modeled in SEM analyses for this study. The observed variables included in the model were computed after performing a CFA (using IBM Amos 21).

Instead of a mean average measure of each dimension, a weighted mean was used, multiplying item's scores by the standardized regression weights. The confirmatory factor analysis, performed for each dimension retrieved adequate model fitting and reliability coefficients for women (Table 10) and men (Table 11) for all measures.

Table 10.

Cronbach's alphas, means, standard deviations and model fit for confirmatory analysis of the AIRS-P, RAQ and CGQ subscales women

Women								
<i>Authenticity in Relationships Scale: Portuguese version – AIRS-P</i>								
	α	<i>M</i>	<i>SD</i>	χ^2	<i>DF</i>	χ^2/DF	CFI	SRMR
Intimate risk taking	.81	6.06	1.64	31.09	9	3.45	.946	.048
Unacceptability of deception	.81	6.91	1.26	36.19	12	3.01	.959	.043
<i>Romantic attachment questionnaire – RAQ</i>								
	α	<i>M</i>	<i>SD</i>	χ^2	<i>DF</i>	χ^2/DF	CFI	SRMR
Trust	.85	4.77	.88	12.90	5	2.58	.978	.031
Dependence	.73	2.68	1.13	20.01	9	2.22	.938	.049
Avoidance	.84	4.00	.90	16.21	9	1.80	.981	.036
Ambivalence	.82	2.70	1.13	21.24	9	2.36	.971	.039
<i>Caregiving Questionnaire: Portuguese version - CGQ</i>								
	α	<i>M</i>	<i>SD</i>	χ^2	<i>DF</i>	χ^2/DF	CFI	SRMR
Proximity maintenance	.83	4.57	.97	16.04	8	2.01	.978	.043
Sensitivity	.73	4.31	.82	14.39	8	1.80	.972	.037

Pearson's correlation coefficients were calculated among authenticity in relationships, attachment and responsive caregiving dimensions for women and men, and are presented in Table 3. The majority of variables were shown to be significantly correlated, either among women and men or between partners, mostly with moderate to large associations.

Table 11.

Cronbach's alphas, means, standard deviations and model fit for confirmatory analysis of the AIRS-P, RAQ and CGQ subscales for men

Men								
<i>Authenticity in Relationships Scale: Portuguese version – AIRS-P</i>								
	α	<i>M</i>	<i>SD</i>	χ^2	<i>DF</i>	χ^2/DF	CFI	SRMR
Intimate risk taking	.84	6.01	1.66	27.93	14	1.99	.970	.040
Unacceptability of deception	.84	6.74	1.35	38.57	13	2.96	.945	.045
<i>Romantic attachment questionnaire - RAQ</i>								
	α	<i>M</i>	<i>SD</i>	χ^2	<i>DF</i>	χ^2/DF	CFI	SRMR
Trust	.82	4.12	.67	11.44	4	2.68	.976	.034
Dependence	.83	2.57	1.07	11.87	5	2.37	.935	.048
Avoidance	.66	4.02	.87	20,518	9	2.28	.971	.040
Ambivalence	.83	2.56	1.08	25.6	9	2.84	.956	.038
<i>Caregiving Questionnaire: Portuguese version - CGQ</i>								
	α	<i>M</i>	<i>SD</i>	χ^2	<i>DF</i>	χ^2/DF	CFI	SRMR
Proximity maintenance	.82	4.79	.93	22.27	8	2.78	.967	.041
Sensitivity	.72	4.08	.77	33.52	13	2.58	.932	.060

The existing significant correlations between romantic attachment dependence for men and women and between partners were generally weak to moderate, and comparatively weaker when comparing with the remaining variables. However, *dependence* for both couple members revealed non-significant associations with *unacceptability of deception*, *sensitivity* for men and women and *proximity maintenance* just for men. Therefore, and in order to reduce model's complexity, and numbers of parameters to be estimated, this variable was excluded from further analysis.

Table 12.

Pearson's correlations among authenticity, responsive caregiving and romantic attachment dimensions for both couple members

		Women								Men						
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Women	1. Unacceptability of deception	-														
	2. Intimate risk taking	.32	1													
	3. Proximity maintenance	.45	.37	-												
	4. Sensitivity	.48	.36	.76	-											
	5. Trust	.36	.40	.65	.52	-										
	6. Ambivalence	-.53	-.22	-.63	-.61	-.63	-									
	7. Dependence	ns	.36	.18	ns	.36	ns	-								
	8. Avoidance	-.60	-.29	-.62	-.60	-.64	.78	ns	-							
Men	9. Unacceptability of deception	.65	.29	.32	.36	.32	-.40	ns	-.46	-						
	10. Intimate risk taking	.36	.58	.31	.28	.31	-.27	.17*	-.30	.31	-					
	11. Proximity maintenance	.44	.32	.54	.48	.47	-.59	ns	-.51	.37	.51	-				
	12. Sensitivity	.42	.34	.45	.46	.43	-.48	ns	-.43	.38	.46	.66	-			
	13. Trust	.34	.36	.45	.40	.50	-.48	.17*	-.45	.35	.51	.63	.42	-		
	14. Ambivalence	-.57	-.31	-.56	-.56	-.52	.70	ns	.67	-.54	-.33	-.63	-.48	-.61	-	
	15. Dependence	ns	.28	ns	ns	.15*	ns	.37	ns	ns	.41	.27	.20	.43	ns	-
	16. Avoidance	-.54	-.35	-.47	-.48	-.43	.61	ns	.61	-.56	-.42	-.71	-.47	-.60	.80	-.16*

Note. Correlations are significant at $p < .001$, * $p < .05$, ns = non-significant. From AIRS-P: 1, 2, 9 and 10. From CGQ-P: 3, 4, 11, and 12. From RAQ: 5, 6, 7, 8, 13, 14, 15, and 16.

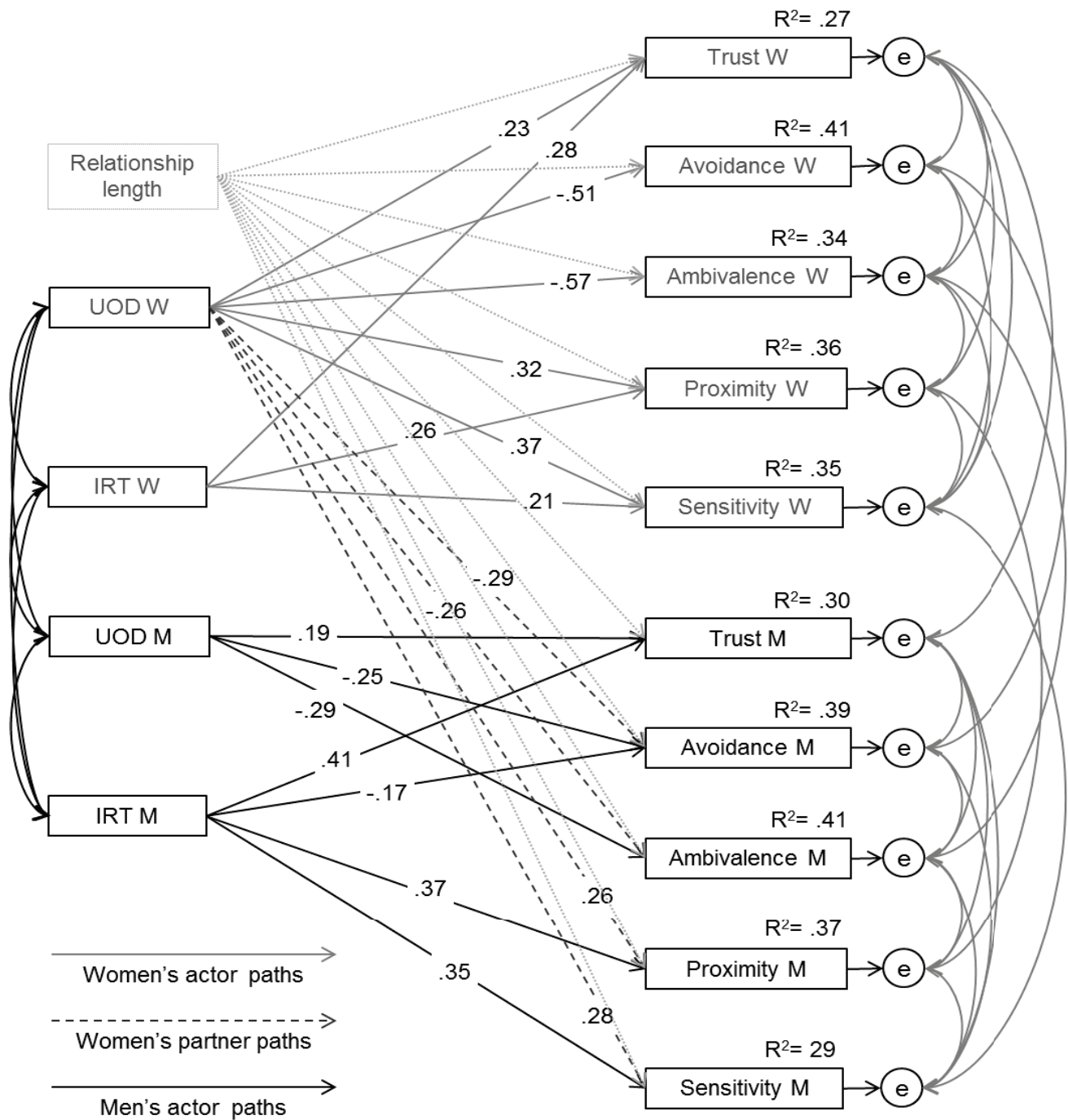
Data analysis

Based on the presented preliminary results an Actor–Partner Interdependence Model (APIM; Cook, & Kenny, 2005) was implemented for distinguishable dyads (Kenny, Kashy, & Cook, 2006) by gender using structure equation modeling with maximum likelihood estimation. The APIMs allow the analysis of the influence of individual's own causal variable on his/her own outcome variable, consisting on the actor effect. If this individual's effect occurs on the outcome variable of the partner, a partner effect occurs. These two effects can be measured while specific statistical procedures are arranged for the non-independence of the two individuals' responses (Kenny & Ledermann, 2010). To evaluate significance, a $p < .01$ cut-point was used. *Unacceptability of deception* and *intimate risk taking* for men and women were specified as predictors and allowed to correlate. The two dimensions of responsive caregiving and the four of romantic attachment were set as outcomes and the respective error terms were specified to correlate. The errors of each dimension were also allowed to correlate between men and women to account for couple interdependence. Given the large range of relationship length in our sample and the relational nature of our study, relationship length was controlled in the analysis and specified to predict all outcomes. Established fit criteria for evaluating the instruments' CFA and the final trimmed model were utilized: the Hu and Bentler (1999) two indices combination strategy using a SRMR under .09 and a RMSEA of .06 or less as indicators of adequate fit. In addition, Kline's (2010) recommendation that the chi-square ratio (χ^2/DF) to be 5 or less and the CFI be around .95 or higher were used for assessing model fit.

The final model presented on Figure 9, retrieved a good fitting indexes: $\chi^2(33) = 51.425$, $\chi^2/df = 1.55$, CFI = .991, RMSEA = .051 [.020 - .077], $p = .443$, SRMR = .081. For men and women, the final model explained considerable amounts of variance for romantic attachment trust (women = 27%, men = 30%), avoidance (women = 41%, men = 39%), and ambivalence (women = 34%, men = 41%), responsive caregiving proximity maintenance (women = 36%, men = 37%) and sensitivity (women = 35%, men = 29%).

Figure 9.

Trimmed actor-partner interdependence model testing authenticity dimensions as predictors of caregiving and romantic attachment dimensions



Note. All paths are standardized and significant at $p < .001$. W = women, M = men. UOD = unacceptability of deception, IRT = intimate risk taking.

Regarding actor effects, IRT was found to be associated with one's own reports of trust ($\beta^{\text{women}} = .27$, $\beta^{\text{men}} = .30$), proximity maintenance ($\beta^{\text{women}} = .26$, $\beta^{\text{men}} = .37$) and sensitivity ($\beta^{\text{women}} = .21$, $\beta^{\text{men}} = .35$) for women and men. For men only IRT also predicted their own avoidance ($\beta = -.17$). Still considering actor effects, associations were found between UOD and trust ($\beta^{\text{women}} = .23$, $\beta^{\text{men}} = .19$, avoidance ($\beta^{\text{women}} = -.51$, $\beta^{\text{men}} = -.25$) and ambivalence ($\beta^{\text{women}} = -.57$, $\beta^{\text{men}} = -.29$). Just for women UOD was associated with their reports of caregiving dimensions (proximity maintenance: $\beta = .26$ and sensitivity $\beta = .21$).

In terms of cross-dyad (or partner) associations, significant links appeared only for women's UOD on men's attachment avoidance ($\beta = -.29$), men's ambivalence ($\beta = -.26$), men's caregiving proximity ($\beta = .26$), and men's sensitivity ($\beta = .28$). Men and women's IRT did not have any significant partner effects. No cross-dyad links were observed between male authenticity and female attachment outcomes.

Discussion

In an effort to add knowledge to previous studies documenting an association among individual authenticity, romantic attachment and responsive caregiving (Gouveia, Schulz, & Costa, 2015), this study aimed to analyze pathways capturing partner or cross-dyad influences. Controlling for relationship length, a model was tested in which individual's authenticity dimensions (*unacceptably of deception* and *intimate risk taking*) would predict not only individual caregiving (*proximity maintenance* and *sensitivity*) and attachment dimensions (*trust*, *avoidance* and *ambivalence*) but also the respective partners' variables.

Findings reveal the importance of considering the partner when studying relational variables, as we found partner effects of female's *unacceptability of deception* on male *avoidance*, *ambivalence*, *proximity maintenance* and *sensitivity*. Women who are more willing and oriented toward self-truthfulness and disclosure in their relationships (UOD) tend to have partners with less *avoidance* and *ambivalence* about attachment even after controlling for the direct (actor) effects these authenticity variables might have for men on themselves. Given that *unacceptability of deception* reflects motivations and to engage in authentic self-disclosure and relational exchanges, these motivations directly conflict with core

characteristics of avoidantly attached partners - an unwillingness to share emotions with others which would be valued by the authentic partner. In turn, *ambivalence* about attachment is distinguished by an individual's reluctance to become close to another due an apprehension about not being loved by the partner. As authenticity ultimately depends on the perceived safety to state individual thoughts without fearing disapproval (Cole, 2001; Neff & Suizo, 2006), probably more authentic women tend to encourage or promote authentic self-disclosure inside the relationship and as revealing themselves more authentically male partners could feel more comfortable and adopt less ambivalent or avoidant behaviors. Additionally, both attachment *ambivalence* and *avoidance* underlay a negative view of others that might impede accurate representations of the romantic partner and that also can interfere with individuals' trust in the romantic partner. Furthermore, individual perception of partner's authenticity is related to less avoidance and greater relationship satisfaction (Wickham, Reed & Williamson, 2015).

This study showed that male caregiving and attachment behaviors are associated with their female partners' easiness to be authentic within the relationship. Apparently, men whose partners are unwilling to accept deception within the relationship may report greater levels of caregiving proximity and sensitivity. Surprisingly, the same was not observed for the dimension of *intimate risk taking*. In other words, male caregiving does not seem to relate to whether or not their partners *feel* safe to reveal their inner thoughts or feelings (IRT), but to whether or not their partners seem to *avoid* the hypothetically negative consequences of being authentic by not engaging in honest exchanges and truthful self-disclosure (UOD).

One interest finding of our model is the coexisting presence of female partner effects and absence of male partner effects, namely, that women's *unacceptability of deception* is significantly associated with male caregiving and attachment but men's UOD is not significantly associated with female caregiving or attachment. One possible explanation for this result is that women traditionally are supposed to strive more for intimacy than men, to be more attentive to their partners' true feelings and more sensitive to their partners' needs (Hook, Gerstein, Detterich, & Gridely, 2003) and reported greater UOD than men in the previous studies (Gouveia, Schulz & Costa, 2015; Lopez & Rice, 2006). It is possible that men need their partners to be truly authentic in the expression of their needs in order to provide care and fulfill attachment needs for them, but women can provide

the care in need even when their male partners do not express their needs authentically.

Overviewing actor effects, *unacceptability of deception* shows positive associations with *trust* and negative effects on *avoidance* and *ambivalence* for men and women. This variable had a positive actor effect on women's own *proximity maintenance* and sensitivity. *Intimate risk talking* positively predicted participant's own responsive caregiving dimensions and romantic attachment *trust* for men and women. This variable also negatively predicted attachment *avoidance*, but only for men. These results are consistent with findings previously reported on study I, but with some differences in presence or absence of certain effects, presumably due to gender. The associations between individual authenticity, attachment and caregiving that we found suggest that the extent to which one is able to be authentic in the relationship may benefit their own caregiving and attachment behaviors – which in turn were shown to benefit the relationship in previous research (Collins et al., 2009).

Limitations and suggestions for further research

First, the cross-sectional nature of this study prevents us from drawing causal conclusions. Although our findings suggest that, for example, higher levels of women's UOD would positively impact men's caregiving and negatively impact attachment insecurity features, longitudinal studies are needed to better confirm this hypothesis. Although this study's aim was not to test for a causal, reciprocal model, we think it is reasonable that our model may be a part of a larger, reciprocal model in which links among authenticity, caregiving and attachment are multidirectional. Second, the fact that caregiving was evaluated by self-report compel us to be careful when discussing this variable. Previous research has already demonstrated that the levels of caregiving reported by one partner may not correspond to the levels of caregiving perceived by the other (Feeney & Collins, 2001). This is why further studies with an observational method or a multi-informant method (with reports from both partners about their own and their partner's actual levels of caregiving, or including Wickham's (2013) perceived partner authenticity would be valuable to consider. Third, this study is limited to heterosexual couples, so we still do not know whether female UOD would associate with partner-caregiving and partner-attachment if the partner was also female. Or if both couple

members were men if partner effects would appear. As far as we know, this is the first study addressing the partner interdependence effects in the relationship between authenticity and caregiving. Our findings support previous evidence of the link between these two variables and add support for the link between women's authenticity and men caregiving and attachment above and beyond relationship length. Importantly, these results suggest the importance of future studies on whether being more authentic in the relationship can enhance individuals and partners to improve their caregiving behaviors.

Furthermore, an indispensable question underlying research on authenticity is whether authenticity or the relationship appear first. Specifically, does authenticity has effects on attachment or these effects might also happen on the opposite direction? Future research should address this issue, as there is no solid theoretical or empirical background that consistently demonstrates the direction of these effects. For instance, Leak and Cooney (2001) studied authenticity as predicting attachment; however Kim (2005) studied the variables in the opposite direction but in both studies the effects were significant. Furthermore, other researchers (e.g. Lopez & Rice, 2006; Wickham et al., 2005) studied both attachment and authenticity as predicting other relational outcomes, such as relationship satisfaction and commitment. As authenticity in relationships tends to change as the relationship goes through different stages (from dating to marriage), similarly throughout those stages an attachment bond starts to get formed and strengthened. Because participants in this study were already committed in a long term relationships, we believe that an authentic communication would probably improve attachment security in the existing relationship, and that authenticity or inauthenticity might possibly change attachment characteristics.

Clinical implications

This study suggests that therapists should give attention to the ease that individuals have in being authentic whenever dealing with intimacy issues. Women's *unacceptability of deception* effects on her partner's caregiving and avoidance and ambivalence about attachment stress the importance of raising awareness around the interdependence of attitudes and behaviors between both partners. It might be useful, for example, for therapists to help women whose partners fail in satisfying their needs of proximity and/or sensitivity by exploring

extent to which their unacceptability of deception may be linked to their partners' caregiving and attachment behaviors. Therapists can encourage these women to express their inner thoughts and feelings genuinely in a way that their partners can understand their needs and consequently be able to meet them. Therapists could also promote self-knowledge around one's own personality and feelings and a sense of security to let those traits and feelings to be shown. Despite the cross-sectional nature of the study, the associations between individual authenticity, attachment and caregiving that we found suggest that the extent to which one is able to be authentic in the relationship may benefit their own caregiving and attachment behaviors – which in turn were shown to benefit the relationship in previous research (Collins et al., 2009). Literature reveals that more insecurely attached participants are less likely to be sensitive and responsive to their romantic partner's needs and less likely to provide a safe haven (Mikulincer & Shaver, 2012). A number of couple's therapy interventions (e.g., Johnson, 2012; Schulz, Cowan, & Cowan, 2006) build on ideas from attachment theory and emphasize the key roles of authentic self-expression and validation of experience by a partner. The links found in this study between partner's authenticity and attachment avoidance and ambivalence suggest the importance of understanding attachment dynamics when trying to help couples improve their communication and interaction patterns. For example, efforts to enhance authentic communication within a distressed couple relationship might focus on building trust and encouraging self-acceptance. Exploration of and work on motives for being less authentic in their relationship might help clients to understand potential concerns and conflicts they have about intimacy. Furthermore, this exploration could help individuals with avoidant and ambivalent attachment features to authentically self-disclose, challenging their hesitancy to intimately disclosing and fear of closeness with the romantic partner.

PARTE III

DISCUSSÃO FINAL

CONCLUSÃO: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS PRINCIPAIS

O presente trabalho justifica-se como uma tentativa de ir ao encontro das diversas lacunas apresentadas na investigação acerca da *autenticidade nas relações* românticas, estendendo ainda o seu alcance para novos grupos culturais e idades.

De uma forma geral, os resultados revelados nos estudos efetuados, e aqui apresentados, sugerem importantes associações entre a *autenticidade* e variáveis relacionais basilares a todas as relações de intimidade: a *vinculação* e a *prestação de cuidados*. Os resultados obtidos apontam para importantes efeitos da *vinculação ao pai e à mãe* na adolescência em variáveis relacionais mais tardias, nomeadamente na *autenticidade nas relações*, cuja influência parece estender-se ao longo de toda a idade adulta. Por sua vez, a *autenticidade nas relações* aparenta constituir-se como um importante mediador entre a *vinculação às figuras parentais* (na adolescência) e a *vinculação amorosa* na idade adulta. A *autenticidade nas relações* revelou, ainda, efeitos significativos como preditora da *prestação de cuidados responsiva* e de uma *vinculação amorosa segura* na idade adulta, quer em participantes individuais quer em casais.

Apresentaremos, de seguida, a discussão dos principais resultados advindos dos estudos realizados e a forma como estes podem constituir como uma melhoria direcionada à colmatação das lacunas existentes na investigação acerca da *autenticidade*. A discussão destes resultados integra-se no racional teórico e de investigação empírica existente.

1. EXISTÊNCIA DE UMA MEDIDA DE AUTENTICIDADE NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS PARA A POPULAÇÃO PORTUGUESA

Que tenhamos conhecimento, não existia nenhum instrumento de medida da *autenticidade nas relações* românticas desenvolvido ou adaptado para a população portuguesa. Deste modo, apresentamos o processo de tradução e adaptação da *Authenticity in Relationships Scale* (Lopez & Rice, 2006) numa amostra de participantes portugueses adultos, casados ou a viver em união de facto há 1 ano ou mais. A análise fatorial confirmatória efetuada na amostra recolhida proporciona suporte para a existência de um constructo de *autenticidade*

nas relações românticas com uma estrutura fatorial e itens semelhantes aos da versão americana original, mantendo-se os dois fatores originais – *tomada de risco na intimidade*²¹ e *rejeição do engano*²². A replicação desta estrutura fatorial original sugere a existência de um significado atribuído à *autenticidade nas relações*, semelhante nas duas culturas, tornando-se a versão portuguesa desta escala numa importante ferramenta para a futura investigação intercultural acerca deste constructo. Atendendo a que a amostra americana onde escala foi desenvolvida incluía, maioritariamente, participantes que estavam a frequentar o primeiro ciclo do ensino superior, a sua generalização para participantes mais velhos poderia ser posta em causa. Adicionalmente, a maioria da investigação acerca da *autenticidade nas relações* e dos seus efeitos noutras variáveis de cariz relacional foi conduzida em amostras jovem-adultas, e tem sido restrita a participantes norte americanos, levantando questões acerca da transversalidade do significado da autenticidade nas diferentes populações. No entanto, o presente estudo contribui para dar resposta a estas questões, uma vez que os resultados obtidos evidenciam a aplicabilidade da escala a participantes portugueses jovens adultos e adultos. Também, a associação da *autenticidade* com outros constructos relacionais revela resultados que vão de encontro às referidas investigações prévias.

2. A RELEVÂNCIA DA VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE NA AUTENTICIDADE NAS RELAÇÕES ADULTAS

A associação entre a *autenticidade nas relações* românticas e a *vinculação ao pai e à mãe* não parece ter sido anteriormente estudada, de acordo com a revisão da literatura efetuada. No entanto, é no seio da família de origem, e na relação com as figuras parentais, que a criança vive as suas primeiras experiências de aceitação e, conseqüentemente onde inicia a construção dos seus modelos internos dinâmicos acerca de si própria e dos outros. As relações com os pais constituem, por norma, o primeiro contexto onde o indivíduo internaliza se uma autorrevelação autêntica é ou não segura, conforme os seus pensamentos e sentimentos são legitimados e valorizados pelas figuras parentais (Kernis, 2003).

²¹ *Intimate risk taking*

²² *Unacceptability of deception*

O presente trabalho parece indicar que a relação *de vinculação ao pai e à mãe* que os participantes recordam da sua adolescência (acedida pela versão retrospectiva do *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (Matos & Costa, 2001)) tem efeitos significativos na *autenticidade nas relações* para homens e para mulheres na idade adulta. Na sua generalidade, os efeitos vão na direção esperada, isto é, quanto maior a *qualidade do laço emocional* e menor a *inibição da exploração e individualidade* e a *ansiedade de separação*, maiores os níveis de *autenticidade* reportados. Os resultados obtidos sugerem que a *vinculação* retrospectiva aos pais tem uma maior contribuição para explicar a variabilidade da *rejeição do engano* comparativamente com a *tomada de risco na intimidade*. No concerne à *tomada de risco na intimidade*, para os homens foi a *inibição da exploração e individualidade* à mãe que mais contribuiu para a sua explicação, enquanto nas mulheres foi a *qualidade do laço emocional* e a *ansiedade de separação*, também à figura materna. Por sua vez, a componente de *rejeição do engano* está ligada à *ansiedade de separação* e *inibição da exploração e individualidade* à mãe e à *qualidade do laço emocional* ao pai.

2.1. A IMPORTÂNCIA DA VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE NA VINCULAÇÃO ROMÂNTICA ATRAVÉS DO PAPEL MEDIADOR DA AUTENTICIDADE

Os resultados obtidos no estudo 2 sugerem a existência de um efeito mediador da *autenticidade nas relações* entre a *vinculação ao pai e à mãe* na adolescência (avaliada retrospectivamente) e a *vinculação amorosa* na idade adulta. São, também, as mesmas dimensões da *vinculação ao pai e à mãe* que apresentam efeitos indiretos significativos nas quatro dimensões da *vinculação amorosa* através da *rejeição do engano*: a *inibição da exploração e individualidade* à mãe, a *ansiedade de separação* e a *qualidade do laço emocional* ao pai, tanto para os homens como para as mulheres. Deste modo, maiores níveis de *qualidade do laço emocional* ao pai parecem conduzir a uma maior *rejeição do engano*, que por sua vez, mostra efeitos positivos na *confiança* e negativos na *dependência*, *ambivalência* e *evitamento*. A *qualidade do laço emocional* relaciona-se com a importância da figura parental, neste caso do pai, e o quanto esta é percebida como única e essencial para o desenvolvimento e a quem o indivíduo irá recorrer como porto seguro, em situações de necessidade (Gouveia & Matos, 2011). Consequentemente, esta dimensão consiste num traço fundamental para o

desenvolvimento de uma relação de *vinculação* segura. A investigação sugere que indivíduos jovens adultos ainda recorrem ao pai como um *porto* e uma *base segura* (Markiewicz, et al, 2006). Adicionalmente parecem ser normativamente os pais, mais do que as mães, a encorajar a autonomia e exploração face a situações novas (Paquette & Bigras 2010). Este encorajamento adquire uma maior importância durante a adolescência, uma vez que indivíduo se encontra a conquistar a sua autonomia e a exploração torna-se uma importante ferramenta para a definição da sua identidade (Grossmann et al. 2005). Estes argumentos possivelmente explicam porque é que parece ser a *qualidade do laço emocional* ao pai e não à mãe que demonstrou, nos modelos testados (Figuras 7 e 8), efeitos significativos na relação romântica adulta.

A *ansiedade de separação* ao pai e a *inibição da exploração e individualidade* à mãe parecem estar relacionadas com níveis menores de *rejeição do engano* e indiretamente com maiores níveis de *dependência*, *evitamento* e *ambivalência*, bem como, menores níveis de *confiança* no parceiro romântico. Estas duas dimensões da *vinculação aos pais* emergem como características de uma *vinculação* insegura. A *ansiedade de separação* relaciona-se com experiências de ansiedade e medo de separação, potencialmente reveladoras de uma relação de dependência (Matos, 2002). O facto de os participantes recordarem *ansiedade de separação* ao pai na sua adolescência, poderá ser indicador de uma tendência para tentar agradar a esta figura parental, numa tentativa de evitar a sua perda e procurar proximidade, o que propiciará o desenvolvimento de uma tendência para a inautenticidade. Conjuntamente, se o pai não exercer a sua função de *base segura* para exploração, o adolescente tenderá a tornar-se receoso de que este não valorize as suas tentativas de exploração e o desenvolvimento de uma autonomia segura poderá estar comprometido (Paquette & Bigras 2010), o que provavelmente será um inibidor do desenvolvimento da *autenticidade*. Por sua vez, a *inibição da exploração e individualidade* refere-se à percepção das restrições parentais na expressão da personalidade do indivíduo que podem manifestar-se através de uma dificuldade individual na expressão de ideias ou opiniões divergentes das da figura parental, neste caso a mãe (Gouveia & Matos, 2011). Se durante a adolescência a mãe foi particularmente restritiva e não aceite, poderá fomentar uma tendência para o evitamento de uma autorrevelação autêntica das necessidades e opiniões do indivíduo. Apenas para os homens, foi também observado o mesmo padrão de

efeitos para a *inibição da exploração e individualidade* à mãe, mas aqui através da *tomada de risco na intimidade*. A investigação realizada junto de jovens adultos indica que existindo uma *vinculação* insegura à mãe, é a função de *base segura* aquela que é mais afetada (Markiewicz et al., 2006), ou seja, na ausência desta base a exploração tenderá a ser inibida. Este resultado pode proporcionar uma possível explicação para os efeitos observados da *inibição da exploração e individualidade* à mãe na *vinculação amorosa* adulta.

Atendendo a que a maioria da investigação acerca da *vinculação* na idade adulta foi conduzida com participantes jovens adultos, pouco se sabe relativamente a estes processos, para além da jovem adultícia (Chopik, Edelstein, Fraley, 2012; Magai, 2008). O estudo 2 englobando participantes com idades compreendidas entre os 25 e os 70 anos representa uma pequena contribuição para colmatar esta escassez de investigação empírica acerca dos efeitos da *vinculação aos pais* que se repercutem durante idade adulta. Adicionalmente, este estudo contribui (apesar das suas limitações subjacentes) para um enriquecimento, ainda que pequeno, para a reduzida investigação acerca da *autenticidade nas relações*, especialmente que inclua a contribuição dos pais, ainda que avaliada de forma retrospectiva. De uma forma geral, o presente trabalho sublinha a importância dos pais como figura de *vinculação* e cuja importância se mantém mesmo para além da jovem adultícia, e que se encontra subjacente a características das relações amorosas na idade adulta. Os resultados obtidos são consistentes com a ideia de que os pais têm o papel a desempenhar na construção de um *self* autêntico, e que será dentro desta relação que o indivíduo irá apreender até que ponto é seguro expressar-se autenticamente com o outro significativo (Kernis, 2003).

Em suma, a *autenticidade nas relações* aparenta ser um importante mediador entre a *vinculação ao pai e à mãe* e a *vinculação romântica*, sendo que determinadas características que os participantes recordam da sua relação com os pais na adolescência tendem a reproduzir-se, mais tardiamente, na relação romântica adulta.

3. UMA ABORDAGEM MAIS ABRANGENTE DA LIGAÇÃO DA AUTENTICIDADE COM A VINCULAÇÃO NAS RELAÇÕES AMOROSAS

Maioritariamente, a investigação acerca da *vinculação* tem adotado abordagens mais tradicionais, baseadas na dicotomia e polaridade das dimensões de ansiedade e evitamento. Acreditamos que as quatro dimensões do *Questionário de Vinculação Amorosa* (Matos, Cabral & Costa, 2008) proporcionam uma visão alternativa, mais alargada e completa coadjuvante à abordagem e operacionalização desta variável, proporcionando uma nova visão das associações entre a *autenticidade* e a *vinculação romântica* adulta. Estudos prévios demonstram a ligação entre uma maior *autenticidade* com menores níveis de *ansiedade* e *evitamento*. Particularmente, estudos empíricos anteriores reportam associações negativas especialmente fortes e com a dimensão de evitamento (e.g., Leak & Cooney, 2001), em particular para a *rejeição do engano* (Lopez & Rice, 2006; Downing, 2008); e que se apresentam de maior magnitude do que as ligações com a *ansiedade*.

No que respeita aos efeitos da *autenticidade nas relações* no *evitamento*, os resultados incluídos nos três estudos da presente tese vão na mesma direção, revelando associações fortes e negativas, principalmente no que toca à componente de *rejeição do engano*. Adicionalmente, a *ambivalência* acerca da *vinculação romântica* surge também como fortemente associada a esta dimensão da *autenticidade*. Nos três estudos efetuados a *rejeição do engano* foi a variável que mais contribuiu para explicar a variabilidade do *evitamento* e da *ambivalência*. No estudo 1, numa amostra que englobou homens e mulheres, a variância explicada ultrapassa os 60%, e no estudo 2 este valor ronda os 50%, sendo ligeiramente superior no modelo testado para as mulheres. Inclusivamente no estudo 2, mesmo com os efeitos preditores das dimensões da *vinculação ao pai e à mãe* nas dimensões da *autenticidade* os efeitos mediadores da *rejeição do engano* apresentam uma magnitude especialmente forte para o *evitamento* e para a *ambivalência*.

Tanto a *ambivalência* como o *evitamento* da *vinculação romântica* adulta são caracterizados por uma visão negativa do outro, o que pode impedir o desenvolvimento de representações exatas do parceiro. A *rejeição do engano* reflete motivações para trocas relacionais e para uma revelação autêntica quer para o próprio quer para o parceiro. Estas motivações entram em conflito com uma

das características centrais dos indivíduos *evitantes* - uma relutância em partilhar emoções com o outro. Esta resistência, associada a uma tendência para esconder emoções, poderá impedir a capacidade individual de ser *autêntico*. Por sua vez, a *ambivalência* acerca da *vinculação* distingue-se por uma coexistência de uma necessidade de proximidade e, ao mesmo tempo, de uma resistência em tornar-se próximo do outro devido a uma apreensão acerca de não ser amado pelo parceiro. Esta preocupação em não ser amado pelo par amoroso constitui-se como um elemento chave da *dependência*, mas neste caso existe o medo, relativamente, persistente da perda do outro significativo. Este medo poderá motivar o indivíduo a abdicar de uma expressão do *self* autêntica, conduzindo-o a uma revelação seletiva de pensamentos e opiniões que julga serem mais atrativos para o parceiro como forma de evitar um potencial conflito ou manter a sua aprovação (Mikulincer & Shaver, 2007).

Considerando as dimensões da *vinculação amorosa* em estudo, a *dependência* foi a aquela que contou com uma menor contribuição das dimensões da *autenticidade*. No estudo 1 (Figura 6) apenas 10% da variabilidade da *dependência* foi explicada pela *autenticidade*, sendo este valor na ordem dos 20% nos modelos testados no estudo 2 (Figuras 7 e 8). No estudo 3 (Figura 9), o modelo testado não revelou significância para nenhum dos efeitos testados ligados a esta variável. Embora a dimensão de *ansiedade* de outras escalas de *vinculação* e a dimensão de *dependência* não sejam totalmente sobrepostas, a *dependência* engloba também ansiedade de separação e o medo da perda do outro (Matos, 2002). Deste modo, estes resultados vão de encontro à investigação prévia, onde as ligações negativas da *autenticidade* com a ansiedade são mais baixas comparativamente às associações deste constructo com o *evitamento* e a *ambivalência*.

Nos três estudos realizados, tanto a *tomada de risco na intimidade* como a *rejeição do engano* contribuíram significativamente, para uma maior *confiança* na relação romântica adulta, que se integra como uma dimensão nuclear da *vinculação* segura. No entanto, transversalmente nos estudos efetuados, a *tomada de risco na intimidade* parece ter uma maior contribuição do que a *rejeição do engano*. As fortes ligações encontradas entre a *tomada de risco na intimidade* e a *confiança* são consistentes com as conceptualizações implícitas dos dois constructos, sendo que ambos enfatizam o apoio percebido e a confiança num parceiro romântico fiável. Similarmente, um certo grau de *confiança* num parceiro

romântico pode ser crucial para uma maior *rejeição do engano*, uma vez que esta dimensão se caracteriza pela não-aceitação da revelação de um *self* inautêntico quer do próprio quer do parceiro, independentemente de que esta revelação autêntica possa não ir de encontro às expectativas que os parceiros tenham um do outro.

Em resumo, a *rejeição do engano* revelou efeitos especialmente sólidos na *ambivalência* e no *evitamento* da *vinculação romântica*, maiores para as mulheres do que para os homens e que a tomada de *risco na intimidade* se associou mais fortemente à *confiança*, ilustrando a importância da *autenticidade* neste sistema comportamental e relacional nuclear. Adicionalmente, estes resultados sugerem que existem especificidades em cada uma das componentes da autenticidade que se associam, especificamente, com as referidas características de *vinculação* segura ou insegura.

4. A IMPORTÂNCIA DA AUTENTICIDADE NAS RELAÇÕES PARA A PRESTAÇÃO DE CUIDADOS RESPONSIVA NA IDADE ADULTA

A revisão de literatura realizada indica uma inexistência de investigação empírica acerca dos efeitos da *autenticidade nas relações* na *prestação de cuidados* que o participante considera prover ao seu parceiro romântico adulto. O presente trabalho pretendeu, ainda, ir de encontro a esta lacuna. Os modelos testados quer a nível individual no estudo 1, quer a nível diádico no estudo 3 apontam para os efeitos benéficos da *autenticidade* na *prestação de cuidados responsiva* na relação romântica adulta.

O modelo de equações estruturais testado no estudo 1 (Figura 6), analisando-se homens e mulheres conjuntamente, a *rejeição do engano* explicou cerca de metade da variância explicada da *sensitividade* – capacidade de reconhecer os sentimentos do parceiro e as suas necessidades de apoio e conforto. Por sua vez, a *manutenção da proximidade* remete para a disponibilidade individual para proporcionar conforto físico ao parceiro romântico, quando esta necessidade surge. As duas componentes da *autenticidade* explicaram quase dois terços da variância desta variável. No entanto, algumas diferenças surgem no estudo 3, revelados pela análise do *modelo de interdependência ator-parceiro* (Figura 9) onde se analisam estes efeitos no casal. Aqui o efeito da dimensão da

rejeição do engano das mulheres prediz positivamente as suas próprias dimensões da *prestação de cuidados responsiva*, bem como a *prestação de cuidados* que parceiro romântico reporta prestar. Contudo, a *rejeição do engano* dos homens não revela efeitos significativos na sua própria percepção de *prestação de cuidados*, mas estes efeitos surgem a partir do papel preditor da *tomada de risco na intimidade*. Deste modo, a *tomada de risco na intimidade* de cada um dos membros do casal surge como preditora das suas próprias percepções de *prestação de cuidados responsiva*. No estudo 1, a *tomada de risco na intimidade* contribuía apenas para explicar a *manutenção da proximidade*. Estas diferenças, encontradas nestes dois estudos, aparentes entre homens e mulheres parecem sugerir que provavelmente existirão diferenças de género subjacentes a estas dinâmicas, que não foram avaliadas neste estudo.

Atendendo a que um dos aspetos fundamentais da *prestação de cuidados* é a capacidade individual de ser sensível e de compreender as necessidades do outro, de forma a responder adequadamente, uma autorrevelação mais autêntica com o parceiro romântico tornar-se-á certamente facilitadora de uma *prestação de cuidados* mais efetiva. A *prestação de cuidados responsiva* traduz uma tendência para os indivíduos se verem a si próprios como parceiros apoiantes, e a avaliar a relação romântica como um porto seguro, na qual os sentimentos e necessidades de cada um podem ser validados, e a exploração e a autonomia encorajadas (Mikulincer & Shaver, 2007). Se um indivíduo tem tendência a sentir-se confortável a autêntico durante a sua interação com o parceiro romântico e, simultaneamente, percebe o seu companheiro como verdadeiro, poderá encorajar a pessoa a sentir-se mais confiante em confortar física e emocionalmente o parceiro quando necessário. Provavelmente estas condições serão facilitadoras do reconhecimento destas necessidades de *prestação de cuidados*, quando estas emergem.

Concluindo, o presente estudo parece surgir como o primeiro esforço empírico em analisar a associação da *autenticidade* à *prestação de cuidados* na relação romântica adulta, revelando que uma expressão autêntica será possivelmente promotora de uma *prestação de cuidados* mais responsiva.

5. A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM DIÁDICA NO ESTUDO DE VARIÁVEIS RELACIONAIS

Um dos objetivos desta tese baseia-se no estudo da *autenticidade nas relações* como preditor da *vinculação amorosa* e da *prestação de cuidados* responsiva ao parceiro adulto, estendendo-se a unidade de análise do individual para o casal.

As relações românticas são mais eficazmente estudadas de forma diádica e inseridas no seu contexto, e não no vácuo criado pelas percepções de apenas um dos indivíduos (Berscheid, 1999). A recolha de dados, junto de ambos os membros do casal, possibilita a análise das interações entre os parceiros e as discrepâncias, ou paralelismos, entre as suas perspetivas acerca da relação. Os resultados obtidos no modelo testado no estudo 3 (Figura 9) demonstram a importância de incluir o parceiro num estudo de natureza relacional. Deste modo, foi observado um efeito na *rejeição do engano* das mulheres no *evitamento*, *ambivalência*, *manutenção da proximidade* e *sensitividade* dos parceiros homens. Mulheres que estão mais orientadas para uma autorrevelação autêntica nas suas relações tendem a ter parceiros menos evitantes e ambivalentes acerca da *vinculação amorosa*. Em última instância, a *autenticidade* depende da segurança percebida pelo indivíduo para a expressão de sentimentos e pensamentos sem recear a desaprovação do outro (Cole, 2001; Neff & Suizzo, 2006). Provavelmente, mulheres mais autênticas tendem a encorajar ou promover uma autorrevelação mais genuína dentro da relação; e ao mostrarem-se a si próprias mais autenticamente, poderão contribuir para que o parceiro se sinta mais confortável na relação e adote comportamentos menos *ambivalentes* e/ou *evitantes*. O evidência de a mulher ser mais *autêntica*, uma característica que parece ser socialmente valorizada, poderá promover nos parceiros uma visão menos negativa do outro, característica destas dimensões da *vinculação*. Esta abordagem diádica revelou que a *prestação de cuidados* e os comportamentos de *vinculação amorosa* do homem parecem estar associados com a capacidade de a sua companheira ser autêntica na relação romântica. Os resultados sugerem que homens cujas parceiras tendem a *rejeitar o engano* dentro da relação, reportam maiores níveis de *manutenção da proximidade* e *sensitividade* na *prestação de cuidados*. Surpreendentemente, o mesmo não se observa para a *tomada de risco na intimidade*. Ou seja, os cuidados prestados pelo parceiro não parecem relacionar-se com os sentimentos de segurança da mulher para revelar os seus pensamentos

e sentimentos. Mas sim, com a recusa da mulher em assumir e verbalizar concepções falsas quer acerca de si própria quer acerca do parceiro.

6. DIFERENÇAS ENTRE HOMENS E MULHERES

Estudos prévios acerca da autenticidade nas relações românticas (Downing, 2008; Lopez & Rice, 2006; Neff & Suizzo, 2006) reportam diferenças de género na *autenticidade nas relações* românticas, nos quais as mulheres tendem a reportar maior autenticidade comparativamente com os homens. Os resultados obtidos no presente trabalho vão na mesma direção. No estudo 1 (ver página 105) tanto para a *tomada de risco na intimidade* como para a *rejeição do engano*, as mulheres apresentaram valores ligeiramente superiores aos dos homens. O mesmo se observa no estudo 2 (Tabela 7), no entanto apenas para a *rejeição do engano*, no qual o género explicou 16% da variância desta variável. As mulheres revelaram também valores ligeiramente superiores nas dimensões de *vinculação* às figuras parentais, excetuando-se a *qualidade do laço emocional* à mãe onde não se verificaram diferenças significativas. Estas diferenças podem estar ligadas a questões de socialização de género, apontadas pela literatura, que parecem orientar as mulheres a ter uma visão das relações como mais importantes e centrais na sua vida do que os homens (Cross & Madson, 1997, Del Giudice, 2011). Esta orientação poderá, similarmente, conduzir mais as mulheres do que os homens a verem as relações românticas como um meio importante de expressão e mutualidade emocional (Hook et al., 2003).

Contextualizando-nos no estudo diádico (Estudo 3, Figura 9), um outro resultado interessante no que respeita às diferenças de género é a coexistência de efeitos de parceiro nas mulheres com a ausência de efeitos de parceiro no homem. Especificamente, a *rejeição do engano* das mulheres tem efeitos na *vinculação amorosa* e na *prestação de cuidados* do homem, mas a *rejeição do engano* do homem não se associa significativamente à *vinculação* nem à *prestação de cuidados* da mulher. Uma possível explicação para este resultado poderá indicar que as mulheres, tradicionalmente, tendem a empenhar-se mais na construção da intimidade do que os homens, a serem mais atentas aos sentimentos do seu parceiro e a serem mais sensíveis às suas necessidades (Hook et al., 2003). Existe a possibilidade de que os homens precisem que as mulheres sejam realmente autênticas na expressão das suas necessidades para que estes possam

prestar cuidados e colmatar necessidades de *vinculação*. Por sua vez, as mulheres parecem ser capazes de proporcionar cuidados em situações de necessidade mesmo que os homens não expressem as suas necessidades abertamente e de forma autêntica.

LIMITAÇÕES E SUGESTÕES PARA FUTURA INVESTIGAÇÃO

Inevitavelmente, o presente trabalho apresenta inúmeras limitações que devem ser apontadas, mas que podem constituir-se como importantes sugestões para a investigação futura acerca da *autenticidade nas relações*.

No que respeita às variáveis sociodemográficas, pouco se sabe acerca do seu potencial efeito em questões como, por exemplo, o estatuto socioeconómico, religião, cultura, história de relacionamentos anteriores entre outras. Sugerimos então que a investigação futura dê uma especial atenção a estas questões. No presente estudo apenas foram controlados os efeitos da idade e da duração da relação, mas não foram especificamente analisados os seus efeitos nos constructos estudados.

Principalmente nos estudos 1 e 2 a proporção de participantes com um curso superior é muito superior à média nacional, já no estudo 3 a diferença de percentagens não é tão marcada. Segundo os últimos *Census* realizados (INE 2011) a taxa nacional de habitantes que concluíram o ensino superior é de apenas 15% o que também poderá limitar a generalização dos resultados obtidos neste trabalho.

Embora os instrumentos de autorrelato constituam uma forma eficaz de aceder, rapidamente, a um grande número de participantes, não permitem uma exploração aprofundada destas dinâmicas estabelecidas entre os constructos que poderiam, futuramente, beneficiar de uma abordagem qualitativa complementar. A avaliação de todas as variáveis incluídas neste trabalho foi efetuada, unicamente através de instrumentos de autorrelato, não tendo sido utilizados dados observacionais ou análise de múltiplos informantes. Desta forma, a possibilidade da interferência da desejabilidade social nas repostas dos participantes é facilitada. Adicionalmente a natureza das questões colocadas aos participantes no presente estudo pode levar os participantes a querer mostrar-se como autênticos, sendo

uma característica com conotação positiva no senso comum. Estes fatores podem contribuir para questões de desejabilidade social, um constructo que não é controlado no presente trabalho.

A recolha de dados junto dos participantes não foi uniforme para a totalidade das amostras recolhidas. Alguns questionários foram recolhidos por um formulário *online* e outros pelo método da bola de neve. Esta heterogeneidade poderá hipoteticamente ser responsável por diferenças nos resultados. Se por um lado, os utilizadores da internet podem ser demograficamente e socialmente diferentes dos participantes que não usam a internet, por outro o anonimato associado à utilização deste meio de comunicação pode surgir como uma mais-valia relativamente à questão da desejabilidade social, comparativamente com os questionários entregues em mão aos participantes. A utilização de amostras recolhidas pelo método de bola de neve limita certamente a amplitude com que os resultados podem ser generalizados à população portuguesa.

No que respeita ao processo de tradução e adaptação da *Authenticity in Relationships Scale* surgem algumas questões deverão ser destacadas. Apesar de os índices de ajustamento adequados obtidos na análise fatorial confirmatória, existem diferenças entre a amostra do estudo 1 e a amostra onde foi desenvolvida a versão original que poderão limitar a avaliação da equivalência do constructo de autenticidade entre as duas culturas. Consequentemente, justifica-se a pertinência de uma exploração adicional da generalização intercultural desta escala. Ainda, dada a natureza transversal do presente trabalho a estabilidade teste-reteste não foi avaliada. Deste modo, sugerimos estudos futuros com múltiplos tempos de recolha, que seriam indispensáveis para consolidar as propriedades psicométricas desta escala. Justifica-se, ainda a pertinência do estudo sugerido por esta escala ser a única que mede este constructo na população portuguesa e pelos efeitos benéficos da autenticidade no bem-estar relacional e individual.

Apesar dos resultados obtidos irem, maioritariamente de encontro ao esperado e teoricamente explicável, a natureza transversal dos três estudos impede-nos de desenhar conclusões causais. Embora os resultados obtidos tenham permitido importantes contribuições para a investigação relativa à *autenticidade nas relações* românticas, consideramos que existe a necessidade de estudos longitudinais de forma a reforçar os resultados obtidos. Consideramos que esta questão é especialmente pertinente no estudo 2, onde se pede aos

participantes que tentem recordar-se da sua relação com as figuras parentais durante a adolescência, para responderem à versão retrospectiva do *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (Anexo IV; Matos & Costa, 2001). As respostas a este questionário dependem unicamente das memórias do participante acerca das características da relação com os seus pais que ocorreram na adolescência. Mas estas memórias são permeáveis a mudanças que podem ocorrer, quer na vida do participante, quer na vida dos seus pais. Por exemplo, se um dos pais já morreu um certo grau de idealização poderá ocorrer. Contrariamente, se na atualidade existe uma situação de conflito com a mãe ou com o pai, esta poderá constituir um possível viés na recordação da adolescência. Além disso, normativamente os pais já não são a figura de *vinculação* primária na hierarquia há algum tempo, o que poderá também influenciar a perceção dos participantes.

Apesar de se considerar que os modelos internos dinâmicos do indivíduo se formaram na relação precoce com as figuras parentais, e que esta informação continua a influenciar os significados subjacentes às relações, torna-se de importância crítica reconhecer que as medidas retrospectivas da *vinculação* poderão não refletir, da forma nítida, estas experiências precoces. Por exemplo que um estudo longitudinal, com início na adolescência ou jovem adultícia, poderia proporcionar novas perspetivas acerca do desenvolvimento da *autenticidade nas relações* ao longo do ciclo de vida. Particularmente, vários eventos sociais e familiares normativos que tendem a ocorrer na vida dos participantes, como por exemplo, sair da casa dos pais, construir uma relação romântica, tornar-se pai ou mãe, deveriam ser incluídos num estudo desta natureza. Adicionalmente, considerando a falta de trabalho empírico acerca da *autenticidade nas relações* e dos seus preditores relacionais parentais, poderia também ser interessante estudar este processo na adolescência, onde os pais ainda são importantes figuras de *vinculação*, em conjunto com os pares que poderão eventualmente tornar-se num parceiro romântico.

Embora não tenha sido objetivo do presente trabalho estudar a reciprocidade dos modelos testados, acreditamos que é razoável considerar que estes modelos possam ser parte de modelos mais amplos e recíprocos, nos quais as ligações entre a *autenticidade*, a *prestação de cuidados* e a *vinculação amorosa* sejam multidirecionais. Adicionalmente, existe uma questão que é indispensável considerar no âmbito deste estudo: será a autenticidade ou será a relação que surge primeiro? Mais especificamente, os efeitos da autenticidade na *vinculação* e

na *prestação de cuidados* podem também ocorrer na direção inversa? Consideramos esta questão pertinente para o desenvolvimento de trabalhos de investigação futuros, uma vez que não existem pressupostos teóricos ou empíricos que demonstrem de forma consistente a direccionalidade ou a multidireccionalidade destes processos.

Esta escassez de um racional teórico e concetual sólido acerca da *autenticidade nas relações* torna difícil a delimitação e operacionalização deste constructo e a integração dos resultados obtidos. Lopez e Rice (2006) consideraram que o seu constructo de *autenticidade nas relações* seria ainda de carácter provisório. Deste modo, sugerimos que o investimento numa abordagem narrativa acerca do que significa ser autêntico nas relações românticas, poderia gerar conclusões importantes com o potencial de fortalecerem o corpo teórico relativo a este constructo.

Estudos prévios acerca da *autenticidade nas relações* românticas revelam um interessante efeito do género nesta varável. De forma consistente, as mulheres reportaram ser, significativamente, mais autênticas do que os homens (Lopez & Rice, 2006; Neff & Suizzo, 2006). No entanto e apesar dos resultados obtidos neste trabalho irem na mesma direção, além das explicações culturais e educacionais associadas ao género, pouco se sabe porque é que estas diferenças ocorrem. Uma investigação aprofundada acerca destas questões de género poderia proporcionar uma maior compreensão destes resultados, eventualmente acedendo-se aos significados da autenticidade nas relações numa abordagem qualitativa, acedendo-se às narrativas de homens e mulheres.

No estudo 1 (Figura 6) a *rejeição do engano* teve efeitos na *manutenção da proximidade* e na *sensitividade*, similarmente (no que respeita à sua significância) ao que se observa nos efeitos de ator das mulheres no estudo 3 (Figura 9). Esta dimensão da *autenticidade* não revelou efeitos de ator significativos na *prestação de cuidados* dos homens. Por sua vez a *tomada de risco na intimidade* teve efeitos apenas na *sensitividade* no estudo 1, e no estudo 3 revelou efeitos nas duas dimensões da *prestação de cuidados responsiva* para os homens e para as mulheres. Estas diferenças de significância encontradas nas ligações entre a *autenticidade* e a *prestação de cuidados responsiva*, sugerem que provavelmente o género desempenhará um importante papel subjacente a estes processos, que deveriam ser testados futuramente, também pela ausência de investigação

empírica acerca da associação entre estas variáveis, para além da apresentada neste trabalho.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA CLÍNICA

Como objetivo último, pretendemos que os resultados deste trabalho possam contribuir para a fundamentação de algumas sugestões que poderão ser úteis para a intervenção clínica individual e no casal.

A versão portuguesa da *Escala de Autenticidade nas Relações* românticas revelou-se uma medida de autorrelato, válida e confiável para a recolha de amostras de investigação, apropriada para aceder a um grande número de participantes. No entanto, acreditamos que poderá tornar-se, potencialmente, útil para a sua utilização em contexto clínico, dadas as associações demonstradas das suas componentes com constructos essenciais para um funcionamento individual e relacional saudáveis, nomeadamente a *vinculação* e *prestação de cuidados* na relação romântica adulta. Sugerimos que a exploração dos itens englobados nesta escala possa servir de guia para uma intervenção mais especificamente direcionada. A *autenticidade nas relações* aparenta ser um alicerce importante para a construção da intimidade nas relações românticas e potencialmente um importante foco em intervenções que visem promover um funcionamento relacional positivo.

Mesmo antes de ter acesso à linguagem verbal a criança começa a internalizar os seus modelos dinâmicos de *vinculação*, que operam a um nível inconsciente como filtros através dos quais a informação recebida é monitorizada e que tendem a ser reforçados pelas características das relações interpessoais. Ao longo do tempo, e depois de operarem repetidamente, por norma na relação com as figuras parentais, o sistema comportamental do indivíduo torna-se único e moldado por padrões relacionais específicos (Bowlby, 1969, 1973). Estes padrões são maioritariamente estáveis, no entanto são também permeáveis à mudança. Os resultados obtidos no estudo 2 ilustram que os pais ainda parecem exercer algum efeito nas relações românticas dos filhos, mesmo para além da jovem adultícia. Deste modo, torna-se pertinente abordar a forma como a *autenticidade* foi sendo

vivenciada no contexto familiar de origem. O psicólogo poderá ajudar o cliente a explorar as múltiplas motivações para o conhecimento e expressão do seu *self* autêntico e de como a história familiar poderá originar determinadas orientações para *autenticidade*, por exemplo pela história relacional em termos expressão autêntica (ou inautêntica), atendendo a que poderá, por exemplo, ocorrer uma aprendizagem por observação. A investigação indica que os indivíduos são capazes de apreender a adotar determinadas características relacionais dos prestadores de cuidados primários, através de uma aprendizagem por observação (Collins & Ford, 2010), e que são as relações românticas adultas que melhor espelham as particularidades das relações emocionais vividas na infância.

Dado o papel fundamental dos modelos internos dinâmicos negativos, adquiridos precocemente, na génese de dificuldades emocionais e relacionais posteriores (Mikulincer & Shaver, 2007), Bowlby (1988) propôs um modelo de mudança terapêutica baseado em ajudar o cliente a perceber as suas próprias experiências de *vinculação* cumulativas, identificar e rever modelos internos dinâmicos inseguros a serem transformados em modelos internos mais seguros, e na aprendizagem de estratégias para atingir um equilíbrio confortável entre a autonomia e a intimidade. No entanto, não existem quaisquer estudos empíricos publicados acerca da eficácia da aplicação do modelo de Bowlby na mudança dos modelos dinâmicos inseguros (Mikulincer & Shaver, 2007). Mas, este modelo sugerido não deixa de inspirar direções fulcrais para a intervenção baseada na teoria da *vinculação*. Sugerimos assim que a promoção do autoconhecimento junto do cliente, relativo às suas perceções destas dinâmicas, promoverá a sua compreensão da origem das suas conceções acerca de si próprio, do outro e das relações, e que a *autenticidade* poderá desempenhar um importante papel nestes processos. Deste modo, que a *autenticidade nas relações* torna-se num alvo de intervenção provavelmente mais consciente, e por consequência mais acessível e permeável à mudança. Por sua vez, os modelos internos dinâmicos são mais enraizados, estruturantes e menos acessíveis no imediato terapêutico. De qualquer forma, tendo em conta a dinâmica entre os dois constructos, a abordagem da *autenticidade* poderá permitir aceder aos modelos internos num processo de promoção do conhecimento individual. O aceder às razões do indivíduo de uma orientação para a inautenticidade implica a autorrevelação, que será promotora do autoconhecimento e consequentemente possibilita a construção de uma nova narrativa sobre si próprio e sobre os outros.

Acreditamos que abordar e encorajar a *autenticidade* na intervenção terapêutica poderá promover o autoconhecimento do cliente, acerca da sua própria personalidade e sentimentos, e um sentido de segurança ao permitir que esses traços e sentimentos sejam expostos. É ainda de salientar, que existe a possibilidade de *autenticidade nas relações* surgir como um constructo mutável e que poderá ser reestruturado na relação atual ou se o cliente construir uma nova relação. O desenvolvimento de uma orientação para a *autenticidade* será provavelmente benéfico para a estruturação ou reestruturação de interações relacionais recíprocas, às quais estão também subjacentes as características do parceiro. Muitas vezes é o término de uma relação, que quando refletida, leva ao questionamento destas questões e logo uma maior maturidade para viver outra relação, podendo a *autenticidade* ser um importante objeto desta reflexão.

Apesar da natureza transversal do presente estudo, as associações encontradas entre a *autenticidade*, *vinculação* e *prestação de cuidados*, sugerem que a extensão em que o indivíduo consegue ser autêntico na relação poderá beneficiar os seus próprios comportamentos de *vinculação* e *prestação de cuidados*, cujo benefício para a relação foi reportado em investigação prévia (e.g., Collins et al., 2009). Independentemente, da direção de causalidade entre os constructos relacionais estudados, as conclusões do presente trabalho sugerem que a exploração e a promoção da *autenticidade* do cliente poderão trazer benefícios para seu funcionamento relacional e psicológico. Mais especificamente, se a *autenticidade* revelou efeitos no *evitamento* e na *ambivalência*, podemos presumir que o encorajamento de uma autorrevelação mais autêntica dentro da relação, potencialmente, ajudará o indivíduo a contornar os efeitos prejudiciais desta insegurança acerca da *vinculação* na relação do casal e no seu próprio bem-estar. Adicionalmente, esta exploração poderá ajudar o cliente com características de *vinculação ambivalentes* e *evitantes* a autorrevelar-se de forma autêntica, desafiando a sua hesitação em relevar-se intimamente e o seu medo de proximidade com o parceiro romântico.

O mesmo raciocínio poderá ser aplicado à *prestação de cuidados responsiva*, se o cliente percebe que o seu parceiro não está a conseguir colmatar as suas necessidades de proximidade física ou emocional, uma expressão autêntica destas mesmas necessidades poderá ajudar o parceiro a ir, mais eficazmente, ao seu encontro. Se por outro lado, parceiros de mulheres mais autênticas (atendendo que o estudo 3 (Figura 9) apenas revelou efeitos de

parceiro para as mulheres) tendem a ser mais responsivos na *prestação de cuidados* e menos *evitantes* e *ambivalentes* nos seus comportamentos de *vinculação*, facilitar a verbalização, o reforço e o empenho nestes comportamentos autênticos poderá, eventualmente, encorajar o parceiro a adota-los também. Parece plausível considerar que as mulheres, cujos parceiros reportaram menos *evitamento* e *ambivalência* e maior *responsividade*, terão verbalizado quais as suas reais necessidades de *vinculação* e de *prestação de cuidados* dentro da relação. A literatura revela que indivíduos inseguros acerca da *vinculação* mostram uma menor tendência a serem sensitivos e responsivos às necessidades do seu parceiro, e a cumprirem a função de proporcionar um porto *seguro* (Mikulincer & Shaver, 2012). Contrariamente, indivíduos seguros têm padrões mais adaptativos de *prestação e receção de cuidados* dentro da relação romântica (e.g., Collins et al., 2009 Mikulincer & Shaver, 2007). Sentimentos de segurança e confiança no parceiro associam-se normativamente à *vinculação* segura, o que será facilitador da disponibilidade para providenciar conforto físico e emocional.

Algumas terapias de intervenção no casal, construídas a partir de fundamentos da teoria da *vinculação* (e.g., Johnson, 2012; Schulz, Cowan, & Cowan, 2006), enfatizam o papel fundamental de uma autoexpressão autêntica e da validação das experiências por parte do parceiro. A *autenticidade nas relações* desempenha um importante papel ao facilitar e melhorar as interações entre os membros do casal, uma vez que implica que ambos sejam capazes de reconhecer e responder sensitivamente e mutuamente às necessidades um do outro. Os efeitos da *rejeição do engano* das mulheres na *prestação de cuidados* responsiva, na *ambivalência* e no *evitamento* da *vinculação* realçam a importância da sensibilização acerca da interdependência de atitudes e comportamentos entre os dois membros do casal. Pode ser útil, por exemplo, para o psicólogo ajudar mulheres cujos parceiros não vão ao encontro da satisfação das suas necessidades de *proximidade* e ou *sensitividade*, explorando em que medida a sua *rejeição do engano* possa estar ligada aos comportamentos de *vinculação* e *prestação de cuidados* do outro. O psicoterapeuta pode facilitar a expressão de pensamentos e sentimentos genuínos nestas mulheres (independentemente do seu cariz positivo ou negativo acerca de si ou do outro), para que o seu parceiro possa compreendê-los e conseqüentemente ir ao seu encontro.

As fortes ligações encontradas no trabalho apresentado entre a *autenticidade* e a *vinculação romântica* sugerem a importância da compreensão

das dinâmicas de *vinculação*, aquando da tentativa de ajudar o casal a melhorar os seus padrões de interação e de comunicação. Por exemplo, o esforço na promoção de uma comunicação mais autêntica dentro da relação do casal poderá passar pela construção da confiança em si próprio e encorajar uma maior autoaceitação. Explorar e trabalhar os motivos que levam os clientes a serem menos autênticos nas suas relações poderá, também, ajuda-los a compreender potenciais preocupações ou conflitos que tenham relativamente à intimidade. Mas principalmente ajudar o casal a abordar estas questões da *autenticidade* que de outro modo, provavelmente, não teriam sido trazidos para consulta.

Em conclusão, os resultados deste trabalho sugerem que os psicoterapeutas devem abordar a facilidade que os clientes têm em ser autênticos sempre que se trabalham questões da intimidade. Ou seja, sugerimos que o psicoterapeuta possa adotar uma intencionalidade em trabalhar a *autenticidade nas relações* em contexto terapêutico, sempre que considere que possa ser benéfico para os resultados da intervenção e dada a sua associação, empiricamente sustentada, com o bem-estar relacional e psicológico

BIBLIOGRAFIA

- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709-716. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.44.4.709>
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: Observations in the Strange Situation and at home*. Hillsdale: Erlbaum.
- Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.46.4.333>
- Ainsworth, M.D.S. (1967). *Infancy in Uganda: infant care and the growth of love*. Oxford: Johns Hopkins Press.
- Aron, A. (2003). Self and close relationships. In M.R. Leary & J. Tangney (Eds.), *Handbook of self and identity* (pp. 442 – 461). New York: Guilford.
- Ávila, M., Cabral, J., & Matos, P.M. (2012). Identity in university students: The role of parental and romantic attachment. *Journal of Adolescence*, 35, 133-144. doi:10.1016/j.adolescence.2011.05.002.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal relationships*, 7 (2), 147-178. doi: 10.1177/0265407590072001
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (2), 226-244. doi:10.1037/0022-3514.61.2.226.
- Batson, C. D. (1991). *The altruism question*. Hillsdale, NJ: Erlbaum
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4, 1-103
- Benware, J. (2013). Predictors of father-child and mother-child attachment in two-parent families. *All Graduate Theses and Dissertations*. Paper 1734. <http://digitalcommons.usu.edu/etd/1734>
- Berge, J. M., MacLehose, R., Eisenberg, M. E., Laska, M. N., & Neumark-Sztainer, D. (2012). How significant is the significant other'? Associations between

- significant others' health behaviors and attitudes and young adults' health outcomes. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 9 (1), 35-42.
- Bowlby, J. (1944). Forty-four juvenile thieves: Their characters and home-life. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 25, 19.
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss. *Attachment* (Vol. 1). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). Attachment and loss. *Separation: Anxiety and anger* (Vol. 2). London: Hogart.
- Bowlby, J. (1979). On knowing what you are not supposed to know and feeling what you are not supposed to feel. *The Canadian Journal of Psychiatry/ La Revue Canadienne de Psychiatrie*. 24 (5), 403-408.
- Bowlby, J. (1980). Attachment and Loss (vol. 3), *Loss: Sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: retrospect and prospect. *American journal of Orthopsychiatry*, 52 (4), 664-678. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1939-0025.1982.tb01456.x>
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1991). *Charles Darwin: A new biography*. London: Hutchinson
- Brennan, K., Clark, C. L., & Shaver, P. (1998). Self-report measures of adult romantic attachment. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Bretherton, I. (2010). Fathers in attachment theory and research: a review, *Early Child Development and Care*, 180, 9-23, DOI: 10.1080/03004430903414661.
- Brunell, A., Kernis, M., Goldman, B., Heppner, W., Davis, P., Cascio, E., & Webster, G. (2010). Dispositional *authenticity* and romantic relationship functioning. *Personality and Individual Differences*, 48 (8), 900-905. doi: 10.1016/j.paid.2010.02.018.

- Campbell, L., Simpson, J., Boldry, J., & Kashy, D.A. (2005). Perceptions of conflict and support in romantic relationships: The role of attachment anxiety. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 510-531. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.88.3.510>
- Carnelley, K. B., Pietromonaco, P. R., & Jaffe, K. (1996). Attachment, caregiving, and relationship functioning in couples: Effects of self and partner. *Personal Relationships*, 3 (3), 257-278. doi: 10.1111/j.1475-6811.1996.tb00116.x
- Cassidy, J. (2000). Adult romantic attachments: A developmental perspective on individual differences. *Review of General Psychology*, 4 (2), 111-131. <http://dx.doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.111>
- Chopik, W.J., Edelsteion, S. & Fraley, R.C. (2013). From the cradle to the grave: Age differences in attachment from early adulthood to old age. *Journal of Personality*, 81, (171-183). doi: 10.1111/j.1467-6494.2012.00793.x
- Cole, T. (2001). Lying to the one you love: The use of deception in romantic relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18, 107–129.
- Collins, N. L. & Feeney, B. C. (2000). A safe heaven: An attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 1053-1073. doi: 10.1037//0022-3514.78.6.1053.
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2004). Working models of attachment shape perceptions of social support: evidence from experimental and observational studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87 (3), 363-383. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.87.3.363>
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2010). An attachment theoretical perspective on social support dynamics in couples: Normative processes and individual differences. In K. Sullivan & J. Davilla (Eds.), *Support processes in intimate relationships* (pp: 89-120).New York: Oxford University Press
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2013). Attachment and caregiving in adult close relationships: Normative processes and individual differences. *Attachment and Human Development*, 15 (3), 241-245. doi: 10.1080/14616734.2013.782652

- Collins, N. L., & Ford, B. M. (2010). Responding to the needs of others: The caregiving behavioral system in intimate relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27, 235–244. doi: 10.1177/0265407509360907
- Collins, N. L., Ford, M. B., Guichard, A. C., & Allard, L. M. (2006). Working models of attachment and attribution processes in intimate relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(2), 201-219.
doi: 10.1177/0146167205280907
- Collins, N. L., Ford, M. B., Guichard, A. C., Kane, H. S., & Feeney, B. C. (2009). Responding to need in intimate relationships: Social support and caregiving processes in couples. In M. Mikulincer & P. R. Shaver (Eds.), *Prosocial motives, emotions, and behavior* (pp. 367–389). Washington: American Psychological Association.
- Collins, N. L., Ford, M. B., Guichard, A. C., Kane, H. S., & Feeney, B. C. (2010). Responding to need in intimate relationships: Social support and caregiving processes in couples. Mikulincer, Mario (Ed); Shaver, Phillip R. (Ed), (2010). *Prosocial motives, emotions, and behavior: The better angels of our nature* (pp. 367-389). Washington, DC, US: American Psychological Association.
<http://dx.doi.org/10.1037/12061-019>
- Collins, N. L., Guichard, A. C., Ford, M. B., & Feeney, B. C. (2006). Responding to need in intimate relationships: Normative processes and individual differences. In M. Mikulincer & G. Goodman (Eds.), *Dynamics of romantic love: Attachment, caregiving, and sex* (pp. 149–189). New York: Guilford Press.
- Consedine, N. S., Magai, C., & Krivoshekova, Y. S. (2005). Sex and age cohort differences in patterns of socio-emotional functioning in older adults and their links to physical resilience. *Ageing International*, 209 – 244.
- Cook, W. L., & Kenny, D. A. (2005). The actor–partner interdependence model: A model of bidirectional effects in developmental studies. *International Journal of Behavioral Development*, 29(2), 101-109. doi: 10.1080/01650250444000405
- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Edições Asa.
- Cross, S., & Madson, L. (1997). Models of the self: Self-construals and gender. *Psychological Bulletin*, 122, 5–37.

- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2004). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11, 227–268.
- Del Giudice, M. (2011). Sex differences in romantic attachment: A meta-analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37, 193–214. doi: 10.1177/0146167210392789
- Demir, M. (2008). Sweetheart, you really make me happy: Romantic relationship quality and personality as predictors of happiness among emerging adults. *Journal of Happiness Studies*, 9(2), 257-277.
- Dinero, R.E., Conger, R.D., Shaver, P.R.; Widaman, K.F.; Larsen-Rife, D. (2011). Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 1, 16- 30. <http://dx.doi.org/10.1037/2160-4096.1.S.16>
- Downing, V. (2008) *Attachment style, relationships satisfaction, intimacy, loneliness, gender role beliefs, and the expression of authentic self in romantic relationships* (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculty of the Graduate School of the University of Maryland, U.S.A.
- Duarte, C. (2005). *Percepções de conflito e violência conjugal*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto: Portugal.
- Erikson, E. H. (1968). Life cycle. *International encyclopedia of the social sciences*, 9, 286-292.
- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2001). Predictors of caregiving in adult intimate relationships: an attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80(6), 972-994. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.80.6.972>
- Feeney, J. A., & Hohaus, L. (2001). Attachment and spousal caregiving. *Personal Relationships*, 8 (1), 21-39. DOI: 10.1111/j.1475-6811.2001.tb00026.x
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of*

General Psychology, 4(2), 132 – 154. <http://dx.doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.132>

- Fraley, R. C., Roisman, G. I., Booth-LaForce, C., Owen, M. T., & Holland, A. S. (2013). Interpersonal and genetic origins of adult attachment styles: A longitudinal study from infancy to early adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(5), 817-838. <http://dx.doi.org/10.1037/a0031435>
- Fraley, R.C. (2002). Attachment stability from infancy to adulthood: Meta-analysis and dynamic modeling of developmental mechanisms. *Personality and Social Psychology Review*, 6 (2), 123-151. doi: 10.1207/S15327957PSPR0602_03
- George, C., & Solomon, J. (1999). Attachment and caregiving: The caregiving behavioral system. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Application* (pp. 649-670). New York: Guilford Press.
- George, M. R. W., Cummings, E. M. & Davies, P. T. (2010). Positive aspects of fathering and mothering, and children's attachment in kindergarten. In L.A. Newland, H.S. Freeman, & D.D. Coyl (Eds.), *Emerging Topics on Father Attachment: Considerations in Theory, Context and Development* (pp. 107-119). London: Routledge.
- Gillath, O., Sesko, A. K., Shaver, P. R., & Chan, D. S. (2010). Attachment, authenticity, and honesty: Dispositional and experimentally induced security can reduce self- and other-deception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98, 841- 855. doi: 10.1037/a0019206.
- Gillath, O., Shaver, P. R., Mikulincer, M., Nitzberg, R. E., Erez, A., & Ijzendoorn, M. H. (2005). Attachment, caregiving, and volunteering: Placing volunteerism in an attachment theoretical framework. *Personal Relationships*, 12(4), 425-446.
- Goldman, B. M., & Kernis, M. H. (2002). The role of authenticity in healthy psychological functioning and subjective well-being. *Annals of the American Psychotherapy Association*, 5, 18-20.
- Goldman, B. M., Kernis, M., Stewart, E., Davis, P., Cascio, E., Lakey, C., & Heppner, W. (2005). *Dispositional authenticity as a predictor of parenting styles and parental support for authenticity*. Unpublished data.

- Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). *Manual do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*. <https://sites.google.com/site/manualqvpm/>
- Gouveia, T., Shulz, M., & Costa, M.E. 2015; *Authenticity* in relationships: Predicting caregiving and attachment in adult romantic relationships. *Journal of Counseling Psychology*. <http://dx.doi.org/10.1037/cou0000128>
- Gouveia, T.; Schulz, M.S., & Costa, M.E. (2014, March). *What makes us more authentic in relationships? Contributions of caregiving and attachment to parents and romantic partner*. Poster session presented at the XXIV World Family Therapy Congress, Panama City, Panama.
- Grossmann, K. E. Grossmann, K., & Kindles, H. (2005). Early care and the roots of attachment and partnership representations: The Bielefeld an Regensburg longitudinal studies. In K. E. Grossmann. K. Grossmann & Watters, R. *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 98 – 136). New York: Guilford Press.
- Hambleton, R. K., Merenda, P. F., & Spielberger, C. D. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York: Guilford Press.
- Harter, S. (2002). *Authenticity*. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.) *Handbook of Positive Psychology* (pp. 382 - 394). New York: Oxford University Press.
- Harter, S., & Monsour, A. (1992). Development analysis of conflict caused by opposing attributes in the adolescent self-portrait. *Developmental Psychology*, 28 (2), 251-260. <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.28.2.251>
- Harter, S., Bresnick, S., Bouchey, H. A. & Whitesell, N. R. (1997). The development of multiple-role related selves during adolescence. *Development and Psychopathology*, 9, 835-854. Retrieved from: <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=43509&fulltextType=RA&fileId=S0954579497001466>

- Harter, S., Marold, D. B., Whitesell, N.R., & Cobbs, G. (1996). A model of the effects of parent and peer support on adolescent false self-behavior. *Child Development, 67*, 360-374.
- Harter, S., Waters, P. L., & Whitesell, N. R. (1997). Lack of voice as a manifestation of false self-behavior among adolescents: The school setting as a stage upon which the drama of *authenticity* is enacted. *Educational Psychologist, 32*(3), 153-173. doi: 10.1207/s15326985ep3203_2
- Harter, S., Waters, P. L., Pettitt, L. M., Whitesell, N., Kofkin, J., & Jordan, J. (1997). Autonomy and connectedness as dimensions of relationship styles in men and women. *Journal of Social and Personal Relationships, 14*(2), 147-164. doi: 10.1177/0265407597142001
- Haydon, K. C., Collins, W. A., Salvatore, J. E., Simpson, J. A., & Roisman, G. I. (2012). Shared and distinctive origins and correlates of adult attachment representations: The developmental organization of romantic functioning. *Child Development, 83*(5), 1689–1702. doi: 10.1111/j.1467-8624.2012.01801.x
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry, 5*(1), 1-22. doi: 10.1207/s15327965pli0501_1
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52* (3), 511–524. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Helliwell, J., Layard, R., & Sachs, J. (2012). *World happiness report*. The Earth Institute, Columbia University, New York. <http://eprints.lse.ac.uk/47487/>
- Heppner, W. L., Kernis, M. H., Lakey, C. E., Campbell, W. K., Goldman, B. M., Davis, P. J., & Cascio, E. V. (2008). Mindfulness as a means of reducing aggressive behavior: Dispositional and situational evidence. *Aggressive Behavior, 34*(5), 486-496. doi: 10.1002/ab.20258
- Heppner, W. L., Kernis, M. H., Nezlek, J. B., Foster, J., Lakey, C. E., & Goldman, B. M. (2008). Within-person relationships among daily self-esteem, need satisfaction, and *authenticity*. *Psychological Science, 19*(11), 1140-1145. doi: 10.1111/j.1467-9280.2008.02215.x

- Hook, M. K., Gerstein, L. H., Detterich, L., & Gridley, B. (2003). How Close Are We? Measuring Intimacy and Examining Gender Differences. *Journal of Counseling and Development*, 81, 462-472. Retrieved from <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=c513db9c-0cd4-4cce-8f8d-026638810aee%40sessionmgr115&vid=6&hid=107>
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria. *Structural Equation Modeling*, 6, 1-5. <http://dx.doi.org/10.1080/10705519909540118>.
- Impett, E. A., Breines, J. G., & Strachman, A. (2010). Keeping it real: Young adult women's *authenticity* in relationships and daily condom use. *Personal Relationships*, 17(4), 573-584. doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01290.x
- Impett, E.A., Javan, L., Le, B.M., Asyabi-Eshghi, B., & Kogan, A. (2013). The joys of genuine giving: Approach and avoidance sacrifice motivation and *authenticity*. *Personal Relationships*, 20, 740–754. doi: 10.1111/pere.12012
- INE, Instituto Nacional de Estatística (2011). Census 2011. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística I.P., Portugal.
- Johnson, S. M. (2012). *The practice of emotionally focused couple therapy: Creating connections*, (2nd ed.). East Sussex: Brunner-Routledge.
- Jöreskog, K. G., & Sörbom, D. (1984). *Lisrel VI. Analysis of linear structural relationships by maximum likelihood, instrumental variables, and least squares methods*. Mooresville, Indiana: Scientific Software.
- Kane, H. S., Jaremka, L. M., Guichard, A. C., Ford, M. B., Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2007). Feeling supported and feeling satisfied: How one partner's attachment style predicts the other partner's relationship experiences. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(4), 535-555. doi: 10.1177/0265407507079245
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). *Dyadic data analysis*. Guilford Press.

- Kenny, D., & Ledermann, T. (2010). Detecting, measuring, and testing dyadic patterns in the actor–partner interdependence model. *Journal of Family Psychology, 24*, (3), 359–366. doi:10.1037/a0019651
- Kernis, M. H. (2003). Toward a conceptualization of optimal self-esteem. *Psychological Inquiry, 14*, 1-26. doi: 10.1207/S15327965PLI1401_01.
- Kernis, M. H. (2003). Toward a conceptualization of optimal self-esteem. *Psychological Inquiry, 14*, 1-26. doi: 10.1207/S15327965PLI1401_01.
- Kernis, M. H., & Goldman, B. M. (2005). *Authenticity*, social motivation, and psychological adjustment. In J. P. Forgas, K. D. Williams, & S. M. Laham (Eds.) *Social motivation: Conscious and unconscious processes* (pp. 210-227). New York: Cambridge University Press.
- Kernis, M. H., & Goldman, B. M. (2006). A multi-component conceptualization of *authenticity*: Research and theory. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology*. Vol. 38, pp. 284 – 357. San Diego, CA: Academic Press.
- Kernis, M. H., & Goldman, B. M. (2006). A multicomponent conceptualization of *authenticity*: Theory and research. *Advances in Experimental Social Psychology, 38*, 283-357. doi:10.1016/S0065-2601(06)38006-9
- Kilmann, P.R., Finch, H., Parnell M.M, & Downer, J.T. (2013). Partner attachment and interpersonal characteristics. *Journal of Sex Marital Therapy, 39*, 144-59. doi: 10.1080/0092623X.2011.606878.
- Kim, Y. (2005). Emotional and cognitive consequences of adult attachment: The mediating effect of the self. *Personality and Individual Differences, 39* (5), 913-923.
- Kline, R. B. (2010). *Principles and practice of structural equation modeling* (3rd ed.). New York: Guilford Press.
- Kunce, L. J., & Shaver, P. R. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships*, Vol. 5, (pp. 205-237). London: Jessica Kingsley Publishers.

- Laible, D. J., & Carlo, G. (2004). The differential relations of maternal and paternal support and control to adolescent social competence, self-worth, and sympathy. *Journal of Adolescent Research, 19*, 759-782.
- Lahey, C. E., Kernis, M. H., Heppner, W. L., & Lance, C. E. (2008). Individual differences in *authenticity* and mindfulness as predictors of verbal defensiveness. *Journal of Research in Personality, 42*, 230–238. doi:10.1016/j.jrp.2007.05.002.
- Leak, G., & Cooney, R. (2001). Self-determination, attachment styles and well-being in adult romantic relationships. *Representative Research in Social Psychology, 25*, 55-62. Retrieved from: <http://psycnet.apa.org/psycinfo/2001-11746-007>
- Little, T. D.; Cunningham W. A., & Widaman K. F. (2002). To parcel or not to parcel: exploring the question. *Structural Equation Modeling, 9* (2), 151–173. Retrieved from <http://faculty.psy.ohio-state.edu/cunningham/pdf/little.sem.2002.pdf>.
- Lopez, F., & Rice, K. G. (2006). Preliminary development and validation of a measure of relationship *authenticity*. *Journal of Counselling Psychology, 53*, 362-371. doi: 10.1037/0022-0167.53.3.362.
- Magai, C. (2008). Attachment in middle and later life. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 532–551). New York: Guilford Press.
- Main, M. (1995). Attachment: Overview with implications for clinical work. In S. Goldberg, R. Muir & J. Kerr (Eds.), *Attachment theory: Social, developmental and clinical perspectives* (pp. 407 – 474). Hillsdale: Erlbaum.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the society for research in child development, 50*, 66-104. doi: 10.2307/3333827.
- Mallinckrodt, M., Abraham, T. W., Wei, M., & Russell, D. W. (2006). Advances in testing the statistical significance of mediation effects. *Journal of Counseling Psychology, 53*, 372- 378. doi: 10.1037/0022-0167.53.3.372.

- Markiewicz, D., Lawford, H., Doyle, A.B., Haggart, N. (2006). Developmental differences in adolescents' and young adults' use of mothers, fathers, best friends, and romantic partners to fulfill attachment needs. *Journal of Youth and Adolescence*, 35 (1), 127–140. doi: 10.1007/s10964-005-9014-5
- Maslow, A. H. (1970). *Motivation and personality* (2nd ed.). New York: Harper & Row.
- Matos, P. (2002). *Descontinuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes* (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Matos, P. M., & Costa, M.E. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe – QVPM*. Manuscrito não publicado.
- Matos, P.M., Cabral, J., & Costa, M. E. (2008). *Questionário de vinculação amorosa - QVA: versão breve*. Manuscrito não publicado.
- Medhurst, A., & Karantzas, G. (2006). Attachment and intimacy as predictors of relationship satisfaction: The test of a mediation model of romantic relationships in young adults. In R. Wilkinson and Z. Pearce (Eds.), *Relationships near and far. Proceedings of the Australian psychological society's psychology of relationships interest group 6th Annual Conference*. Melbourne: Australian Psychological Society.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment patterns in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York: Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2012). Adult attachment orientations and relationship processes. *Journal of Family Theory & Review*, 4(4), 259-274. DOI: 10.1111/j.1756-2589.2012.00142.x
- Millings, A., & Walsh, J. (2009). A dyadic exploration of attachment and caregiving in long-term couples. *Personal Relationships*, 16(3), 437-453. DOI: 10.1111/j.1475-6811.2009.01232.x;
- Neff K.D. & Suizzo, M. (2006). Culture, power, *authenticity* and psychological well-being within romantic relationships: A comparison of European American and

Mexican Americans. *Cognitive Development* 21, 441 – 457.
doi:10.1016/j.cogdev.2006.06.008

Neff, K. D., & Harter, S. (2002). The *authenticity* of conflict resolutions among adult couples: Does women's other-oriented behaviors reflect their true selves? *Sex Roles*, 47, 403-417. Retrieved from:
<http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=6c45251e-b41a-4a2a-b076-90a1b7331a6a%40sessionmgr4004&vid=4&hid=4214>.

Neff, K. D., & Harter, S. (2002). The role of power and *authenticity* in relationship styles emphasizing autonomy, connectedness, or mutuality among adult couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19, 835–857.

Oliveira, P., & Costa, M. E. (2009). Interrelationships of adult attachment orientations, health status and worrying among fibromyalgia patients. *Journal of Health Psychology*, 14, 1184-1195. doi:10.1177/1359105309342471J.

Paquette, D., & Bigras, M. (2010). The risky situation: A procedure for assessing the father–child activation relationship. *Early Child Development and Care*, 180 (1-2), 33-50. doi: 10.1080/03004430903414687

Pietromonaco, P. R., & Barrett, L. F. (2000). The internal working models concept: What do we really know about the self in relation to others? *Review of General Psychology*, 4 (2), 155 -175. <http://dx.doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.155>

Pietromonaco, P.R., Uchino, B., & Dunkel Schetter, C. (2013). Close relationship processes and health: Implications of attachment theory for health and disease. *Health Psychology*, 32(5), 499-513 <http://dx.doi.org/10.1037/a002934>

Reis, H. T., & Shaver, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S.W. Duck, H.F. Dale, H. E. Stevan, W. Ickes, B. M. Montgomery (Eds.) *Handbook of personal relationships: Theory, research and intervention*, (pp. 367-389). Oxford: John Wiley & Sons.

Rogers, C. R. (1962). The interpersonal relationship: The core of guidance. *Harvard Educational Review*, 32 (4), 416-429.

- Santos, R. A. & Matos, P.M. (2007). Implicações da sensibilidade à rejeição e do conflito interparental na *vinculação* romântica. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 341-359.
- Schulz, M.S., Cowan, P.A., & Cowan, C.P. (2006). Promoting healthy beginnings: A randomized controlled trial of a preventive intervention to preserve marital quality during the transition to parenthood. *Journal of Clinical and Consulting Psychology*, 74, 20-31. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.74.1.20>
- Shaver, P. R., & Hazan, C. (1988). A biased overview of the study of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5(4), 473-501.
doi: 10.1177/0265407588054005
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002). Attachment-related psychodynamics. *Attachment & Human Development*, 4(2), 133-161.
doi:10.1080/14616730210154171
- Shaver, P. R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In: R.J. Sternberg & M. Barnes (Eds.) *The psychology of love*, (pp. 68-99). New Haven: Yale University Press.
- Sheldon, K. M., Ryan, R. M., Rawsthorne, L. J., & Ilardi, B. (1997). Trait self and true self: Cross-role variation in the Big-Five personality traits and its relations with psychological *authenticity* and subjective well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(6), 1380-1393. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.73.6.1380>
- Shrout, P.E., & Bolger, N. (2002). Mediation in experimental and non-experimental studies: New procedures and recommendations *Psychological Methods*, 7 (4), 422–445. doi: 10.1037//1082-989X.7.4.422
- Sobral, M. P., & Costa, M. E. (2015). Development of Fear of Intimacy Components Questionnaire (FICQ): Embracing a new dependence component. *European Journal of Psychological Assessment*. doi: 10.1027/1015-5759/a000238.
- Sobral, M. P., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2015). Fear of intimacy among couples: dyadic and mediating effects of parental inhibition of exploration and individuality and partner attachment. *Family Science*, 6(1), 380-388. DOI: 10.1080/19424620.2015.1106416

- Swann Jr, W. B., De La Ronde, C., & Hixon, J. G. (1994). *Authenticity and positivity strivings in marriage and courtship. Journal of Personality and Social Psychology*, 66(5), 857-869. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.66.5.857>
- Tavakol, M., & Dennic, R. (2011). Making sense of Cronbach's alpha. *International Journal of Medical Education*, 2, 53-55. doi: 10.5116/ijme.4dfb.8dfd.
- Torres, N., & Oliveira, D. (2010). *Vinculação e sistema de prestação de cuidados em dependentes de substâncias em tratamento. Adaptação portuguesa do questionário de prestação de cuidados. Toxicodependências*, 2, 3-14.
Retrieved from
http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/499/artigo1_Toxico2_2010.pdf.
- Tou, R. Y. W. Baker, Z. G., Hadden, B. W., & Yi-Cheng, L. (2015). The real me: *Authenticity, interpersonal goals, and conflict tactics. Personality and Individual Differences*, 86, 189–194. doi:10.1016/j.paid.2015.05.033
- Tran, S., & Simpson, J.A. (2012). Attachment, commitment, and relationship maintenance: When partners really matter. In L. Campbell, J. G. La Guardia, J. M. Olson, & M. P. Zanna (eds.). *The Science of the Couple: The Ontario Symposium, Vol. 12*. (pp. 95- 117). New York: Psychology Press.
- Trilling, L. (1971). *Authenticity and the modern unconscious. Commentary*, 52 (3), 39.
- Waldinger R. J., & Schulz, M.S. (under revision). The long reach of nurturing family environments: Links with midlife emotion-regulatory styles and late-life security in intimate relationships. *Psychological Science*.
- Waldinger, R. J., Cohen, S., Schulz, M. S., & Crowell, J (2015). Security of attachment to spouses in late life: Concurrent and predictive links with cognitive and emotional wellbeing. *Clinical Psychological Science*, 3, 516 - 529. doi:10.1177/2167702614541261
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment security in infancy and early adulthood: A twenty-year longitudinal study. *Child development*, 71 (3), 684-689.

- Waters, E., Wippman, J., & Sroufe, L. A. (1979). Attachment, positive affect, and competence in the peer group: Two studies in construct validation. *Child development*, 821-829.
- Wickham, R. E. (2013). Perceived *authenticity* in romantic partners. *Journal of Experimental Social Psychology*, 49(5), 878-887.
doi:10.1016/j.jesp.2013.04.001
- Wickham, R. E., Reed, D. E., & Williamson, R. E. (2015). Establishing the psychometric properties of the Self and Perceived-partner *Authenticity* in Relationships Scale-Short Form (AIRS-SF): Measurement invariance, reliability, and incremental validity. *Personality and Individual Differences*, 77, 62-67. doi:10.1016/j.paid.2014.12.049
- William J. Chopik, W.J., Edelstein, R.S., & Fraley C. (2012). From the cradle to the grave: Age differences in attachment from early adulthood to old age *Journal of Personality*, 81, 171-183. doi: 10.1111/j.1467-6494.2012.00793.
- Winnicott, D. W. (1960). Ego distortion in terms of true and false self. *The maturational processes and the facilitating environment*, 1965, 140-152.
- Wood, A. M., Linley, P., Maltby, J., Baliousis, M., & Joseph, S. (2008). The authentic personality: A theoretical and empirical conceptualization and the development of the *authenticity* Scale. *Journal of Counseling Psychology*, 55, 385-399. doi:10.1037/0022-0167.55.3.385.
- Zeifman, D., & Hazan, C. (1997). Attachment: The bond in pair-bonds. In J. A. Simpson & D. T. Kenrick (Eds.), *Evolutionary social psychology* (pp. 237-263). Mahwah, NJ: Erlbaum.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO

Cara(o) Participante,

Está a decorrer na Faculdade de Psicologia uma investigação que pretende contribuir para o melhor conhecimento das relações familiares. Solicitamos a participação de casais (casados ou em união de facto há pelo menos 1 ano), pedindo que cada um dos elementos preencha separadamente os seguintes questionários, relativos às suas relações com os pais e com o(a) companheiro(a).

Quando terminar o preenchimento feche, por favor, o seu envelope. Pedimos que durante o preenchimento dos questionários, **não** troquem impressões para que as respostas não sejam influenciadas.

As folhas estão impressas em ambos os lados. Tenha, por favor, o cuidado de não enviar nenhuma página dos questionários por preencher, pois nesse caso serão invalidados.

Não existem respostas certas ou erradas, responda espontaneamente.

Todos os questionários serão **apenas utilizados para fins de académicos**, sendo as respostas totalmente **anónimas e confidenciais**.

Género	Escolaridade
☐ Feminino	☐ 1º ciclo /4ª classe
☐ Masculino	☐ 2º ciclo /6º ano
	☐ 3º ciclo /9º ano
Idade _____	☐ Secundário/12º ano
	☐ Licenciatura ou mais
Anos de casamento/união de facto _____	Nº de filhos _____

Muito obrigado pela sua colaboração!

Caso tenha alguma questão pode entrar em contacto com a equipa de investigação:

tgouveia@fpce.up.pt

ANEXO II

AIRS-P:

AUTHENTICITY IN RELATIONSHIPS SCALE – VERSÃO PORTUGUESA

LOPEZ, F. & RICE, K., 2006

VERSÃO PORTUGUESA: OLIVEIRA, P., GOUVEIA, T. & COSTA, M.E., 2009

Em cada afirmação, assinale (x) o número que melhor descreve as suas vivências na relação com o seu (sua) companheiro(a), de acordo com a seguinte escala:

NÃO ME DESCREVE DE FORMA ALGUMA	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	DESCREVE-ME MUITO BEM
1. Quando estou com o(a) meu (minha) companheiro(a), sou completamente eu mesma(o).									
	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨
2. Partilho com o (a) meu (minha) companheiro(a) os meus sentimentos mais profundos, mesmo que haja a possibilidade de ele (ela) não os compreender.									
	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨
3. Respondo, de forma honesta e completa, às perguntas que o (a) meu (minha) companheiro(a) faz sobre mim.									
	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨
4. Partilho com o (a) meu (minha) companheiro(a) os meus sentimentos mais profundos, mesmo que haja a possibilidade de ele (ela) não partilhar os dele (dela).									
	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨
5. Dou a entender ao meu (minha) companheiro(a) quando ele (ela) me magoa.									
	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨
6. Partilho com o (a) meu (minha) companheiro(a) os meus pensamentos e sentimentos sobre outras pessoas.									
	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨
7. Costumo dizer ao (à) meu (minha) companheiro(a) as razões e motivações reais dos meus atos.									
	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨
8. Prefiro que o (a) meu (minha) companheiro(a) tenha uma visão positiva sobre mim do que propriamente verdadeira.									
	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨
9. Para o (a) meu (minha) companheiro(a), a minha vida é um “livro aberto”.									
	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨
10. Estou disposta(o) a contar uma pequena mentira sobre mim se isso fizer o (a) meu (minha) companheiro(a) feliz.									
	①	②	③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨

NÃO ME DESCREVE DE FORMA ALGUMA	1	2	3	4	5	6	7	8	DESCREVE-ME MUITO BEM
11. Escondendo, intencionalmente, os meus verdadeiros sentimentos sobre algumas coisas para evitar aborrecer o (a) meu (minha) companheiro(a).	1	2	3	4	5	6	7	8	9
12. Por vezes tento impressionar o (a) meu (minha) companheiro(a) fazendo-o(a) acreditar em algo sobre mim que não é realmente verdade.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
13. Se o (a) meu (minha) companheiro(a) conhecesse o meu verdadeiro eu, provavelmente ficaria surpreendido(a) e desapontado(a).	1	2	3	4	5	6	7	8	9
14. Prefiro ser a pessoa que o (a) meu (minha) companheiro(a) quer que eu seja, do que realmente quem sou.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
15. Entre o (a) meu (minha) companheiro(a) e eu, não há assuntos sobre os quais não possamos falar.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
16. Para evitar conflitos no nosso relacionamento, por vezes, digo ao (à) meu (minha) companheiro(a) aquilo que ele(a) quer ouvir, mesmo que não seja verdade.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
17. Tenho a impressão de que aquilo que o (a) meu (minha) companheiro(a) mais gosta em mim não faz parte daquilo que realmente sou.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
18. Estou à vontade com o (a) meu (minha) companheiro(a) para lhe revelar aspetos mais íntimos da minha personalidade.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
19. Há certos aspetos do(a) meu (minha) companheiro(a) que prefiro não conhecer.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
20. Se eu conhecesse os verdadeiros sentimentos do(a) meu (minha) companheiro(a) acerca de algumas coisas, possivelmente ficaria desiludido(a) ou magoado(a).	1	2	3	4	5	6	7	8	9
21. Prefiro pensar o melhor acerca do(a) meu (minha) companheiro(a) do que saber toda a verdade sobre ele (ela)	1	2	3	4	5	6	7	8	9

ANEXO III

QVA - R:

QUESTIONÁRIO DE *VINCULAÇÃO* AMOROSA – VERSÃO BREVE

P. M. MATOS, CABRAL, J. & M. E. COSTA, 2008

Este questionário procura descrever diferentes maneiras das pessoas se relacionarem com o(a) companheiro(a). Leia atentamente cada uma das frases e assinale (X) a resposta que melhor exprime o modo se sente na sua relação atual.

Para cada frase deverá responder de acordo com as alternativas seguintes:

DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	DISCORDO MODERADAMENTE	CONCORDO MODERADAMENTE	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
①	②	③	④	⑤	⑥
1. O (A) meu (minha) companheiro(a) respeita os meus sentimentos.					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥
2. Gostava de ser a pessoa mais importante para ele (ela), mas não estou certa(o) de que assim seja.					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥
3. A (O) minha (meu) companheira(o) compreende-me.					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥
4. Só consigo enfrentar situações novas, se o meu (minha) companheiro(a) estiver comigo.					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥
5. Às vezes sinto admiração por ele (ela); outras vezes não.					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥
6. Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar.					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥
7. Na minha vida, a minha relação amorosa é secundária.					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥
8. Sei que posso contar com a (o) minha (meu) companheira(o) sempre que precisar dela (dele).					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥
9. Sei que, se a minha relação terminar, isso não me vai afetar muito.					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥
10. Ele (Ela) dá-me coragem para enfrentar situações novas.					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥
11. Eu e o (a) meu (minha) companheiro(a) é como se fôssemos um só.					
					① ② ③ ④ ⑤ ⑥

DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	DISCORDO MODERADAMENTE	CONCORDO MODERADAMENTE	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
①	②	③	④	⑤	⑥
12. Prefiro que ele (ela) me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim.					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
13. Não gosto de pedir apoio à minha (meu) companheira(o) porque sei que nunca me compreenderia.					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
14. Ela (ele) tem uma importância decisiva na minha maneira de ser.					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
15. Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar.					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
16. Sempre achei que, apesar de gostar do(a) meu (minha) companheiro(a), não vou sentir muito a falta dele (dela) se a relação terminar.					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
17. Às vezes acho que ela (ele) é fundamental na minha vida; outras vezes não.					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
18. Confio nele (nela) para me apoiar em momentos difíceis da minha vida.					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
19. Tenho dúvidas se sou realmente importante para ele (ela).					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
20. Não preciso dos cuidados do (da) meu (minha) companheiro(a).					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
21. O meu (minha) companheiro(a) desilude-me muitas vezes.					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
22. Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se o(a) meu (minha) companheiro(a) estiver comigo.					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
23. Quando tenho um problema, prefiro ficar sozinho(a) a procurar a(o) minha (meu) companheira(o).					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
24. Tenho medo de ficar sozinho(a), se perder a(o) minha (meu) companheira(o).					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	
25. As relações terminam sempre; mais vale eu não me envolver.					
				① ② ③ ④ ⑤ ⑥	

ANEXO IV

QVPM:

QUESTIONÁRIO DE *VINCULAÇÃO* AO PAI E À MÃE

P. M. MATOS & M. E. COSTA, 2001

Tente recordar-se dos anos da sua adolescência e da relação que mantinha com os seus pais. Leia atentamente cada uma das frases e assinale a resposta que melhor exprime o modo como se sentia com **cada um dos teus pais**.

Responda separadamente para o **pai** e para a **mãe**, tendo em conta as alternativas:

DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	DISCORDO MODERADAMENTE	CONCORDO MODERADAMENTE	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
①	②	③	④	⑤	⑥
1. Os meus pais estavam sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
2. Tinha confiança que a minha relação com os meus pais se iria manter no tempo.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
3. Era fundamental para mim que os meus pais concordassem, com aquilo que eu pensava.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
4. Os meus pais impunham a maneira deles de ver as coisas.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
6. Pensava constantemente que não podia viver sem os meus pais.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
7. Os meus pais desencorajavam-me quando queria experimentar uma coisa nova.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
8. Os meus pais conheciam-me bem.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
9. Só conseguia enfrentar situações novas se os meus pais estivessem comigo.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		

DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	DISCORDO MODERADAMENTE	CONCORDO MODERADAMENTE	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
①	②	③	④	⑤	⑥
10. Não valia muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais dávamos o braço a torcer.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
11. Confiava nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
12. Estava sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
13. Os meus pais preocupavam-se demasiadamente comigo e intrometiam-se onde não eram chamados.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
14. Em muitas coisas eu admirava os meus pais.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
15. Eu e os meus pais é como se fossemos um só.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
16. Em minha casa era um problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tinha orgulho neles.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
18. Os meus pais eram as únicas pessoas importantes na minha vida.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
19. Discutir assuntos com os meus pais era uma perda de tempo e não levava a lado nenhum.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		

DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	DISCORDO MODERADAMENTE	CONCORDO MODERADAMENTE	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
①	②	③	④	⑤	⑥
20. Sabia que podia contar com os meus pais sempre que precisasse deles.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
21. Fazia tudo para agradar aos meus pais.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
22. Os meus pais dificilmente me davam ouvidos.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
23. Os meus pais tiveram um papel importante no meu desenvolvimento.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
24. Tinha medo de ficar sozinho(a) se um dia perdesse os meus pais.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
25. Os meus pais abafavam a minha verdadeira forma de ser.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
26. Não era capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
27. Os meus pais faziam-me sentir bem comigo próprio(a).					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
28. Os meus pais tinham a mania que sabiam sempre o que era melhor para mim.					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
29. Se tivesse ido estudar para longe dos meus pais, ter-me-ia sentido perdido(a).					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		
30. Eu e os meus pais temos uma relação de confiança					
PAI ① ② ③ ④ ⑤ ⑥			MÃE ① ② ③ ④ ⑤ ⑥		

ANEXO V

CGQ:

CAREGIVING QUESTIONNAIRE

KUNCE, L.J., & SHAVER, P. R., 1994

VERSÃO PORTUGUESA: OLIVEIRA N. & TORRES, P., 2010

Leia atentamente as frases seguintes e escolha a resposta que melhor exprime o modo como se sente na relação com o(a) seu (sua) companheiro(a).

Assinale (x) o número correspondente à sua resposta, usando a seguinte escala:

NÃO ME DESCREVE DE TODO						DESCREVE-ME MUITO BEM
①	②	③	④	⑤	⑥	
1. Por vezes, afasto a(o) minha (meu) companheira(o) quando ela (ele) se aproxima para me abraçar ou beijar.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
2. Consigo perceber quando o(a) meu (minha) companheiro(a) precisa de carinho, mesmo quando não ele (ela) não o pede explicitamente.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
3. Respeito sempre a capacidade da(o) minha (meu) companheira(o) para tomar as suas decisões e resolver os seus próprios problemas.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
4. Quando o (a) meu (minha) companheiro(a) chora ou está aflito(a), o meu primeiro impulso é abraçá-lo(a) ou tocar-lhe.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
5. Consigo ajudar a (o) minha (meu) companheira(o) sem me envolver demasiado nos seus problemas.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
6. Acontece-me demasiadas vezes não me aperceber quando o (a) meu (minha) companheiro(a) está angustiado(a) ou preocupado(a) com alguma coisa.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
7. Quando a (o) minha (meu) companheira(o) está preocupada(o) ou triste, eu aproximo-me para lhe dar apoio e conforto.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
8. Consigo aperceber-me quando o (a) meu (minha) companheiro(a) precisa da minha ajuda e apoio ou quando ele (ela) prefere resolver as coisas sozinho(a).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
9. Sinto-me confortável a abraçar a (o) minha (meu) companheira(o) quando ela (ele) precisa de sinais físicos de conforto e apoio.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
10. Não sou muito bom (boa) a compreender e dar resposta às necessidades e sentimentos do(a) meu (minha) companheiro(a).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥

NÃO ME DESCREVE DE TODO						DESCREVE-ME MUITO BEM
①	②	③	④	⑤		⑥
11. Tenho tendência a envolver-me demasiado nos problemas e dificuldades da(o) minha (meu) companheira(o).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
12. Não gosto quando o (a) meu (minha) companheiro(a) está carente e fica demasiado agarrado(a) a mim.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
13. É frequente dizer à (ao) minha (meu) companheira(o) o que deve fazer quando ela(e) está a tentar tomar uma decisão.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
14. Por vezes, escapam-me aqueles sinais mais subtis que mostram como o (a) meu (minha) companheiro(a) se está a sentir.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
15. Quando é necessário, consigo dizer “não” aos pedidos de ajuda da(o) minha (meu) companheira(o), sem me sentir culpado(a).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
16. Tenho tendência a tornar-me demasiado controlador(a) quando tento ajudar a(o) minha (meu) companheira(o).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
17. Quando considero importante, cuido das minhas próprias necessidades antes de procurar cuidar das da(o) minha (meu) companheira(o).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
18. Sou muito atenta(o) aos sinais não-verbais que o(a) meu (minha) companheiro(a) utiliza para me demonstrar que procura ajuda e apoio.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
19. Consigo facilmente não ficar demasiado preocupado(a) ou ser demasiado protetor(a) em relação à (ao) minha (meu) companheira(o).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
20. Reconheço, com bastante facilidade, as necessidades e sentimentos do(a) meu (minha) companheiro(a), mesmo quando são diferentes dos meus.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
21. Consigo ajudar a(o) minha (meu) companheira(o) a resolver os seus problemas sem me tornar demasiado controlador(a).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥

NÃO ME DESCREVE DE TODO						DESCREVE-ME MUITO BEM
①	②	③	④	⑤		⑥
22. Por vezes, afasto-me do(a) meu (minha) companheiro(a) quando ele (ela) tenta obter um abraço reconfortante.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
23. Apoio sempre os esforços da(o) minha (meu) companheira(o) para resolver os seus próprios problemas.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
24. Tenho tendência para assumir os problemas do(a) meu (minha) companheiro(a) e depois sinto-me sobrecarregada(o) com eles.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
25. Quando o (a) meu (minha) companheiro(a) parece querer ou precisar de um abraço, fico contente em dar-lho.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
26. Quando ajudo o (a) meu (minha) companheiro(a) com alguma coisa, tenho tendência a querer resolver as questões “à minha maneira”.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
27. É frequente ficar demasiado envolvido nos problemas e necessidades da(o) minha (meu) companheira(o).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
28. Por vezes, não vejo ou interpreto mal os sinais de procura de apoio e compreensão por parte da(o) minha (meu) companheira(o).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
29. Quando a (o) minha (meu) companheira(o) está a chorar ou se encontra emocionalmente perturbada(o), por vezes sinto vontade de me retirar.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
30. Quando o (a) meu (minha) companheiro(a) partilha um problema comigo, por vezes exagero nas críticas que faço às suas tentativas para resolvê-lo.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
31. Crio problemas ao assumir as inquietações da(o) minha (meu) companheira(o) como se fossem minhas.						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥
32. Quando ajudo o (a) meu (minha) companheiro(a) a resolver um problema, sou muito mais cooperante do que controlador(a).						
						① ② ③ ④ ⑤ ⑥